

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23250

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

TERÇA-FEIRA 29 MAIO 90 60\$00

Palácios distribuídos com equidade Belém para Soares, Ajuda para Cavaco

Com a Alemanha em fundo

Gorby e Bush procuram acertar o passo

O futuro da Alemanha unificada, o desarmamento e a situação no Báltico são os grandes temas na agenda da cimeira Bush-Gorbachev que amanhã começa em Washington para prosseguir no Maine, na residência de Verão do Presidente norte-americano. Prevê-se uma discussão franca e realista, não obstante a dificuldade das questões a abordar e as relações entre Moscovo e a Lituânia, que envolvem as conversações numa «nuvem de tensão», segundo as palavras de George Bush. Os americanos tentarão convencer os soviéticos de que uma Alemanha neutral poderá ser mais perigosa do que integrada na Aliança Atlântica, visto poder ter a tentação de se dotar com armas nucleares. Quanto ao desarmamento, subsistem ainda divergências no respeitante ao acordo de princípio para redução dos arsenais nucleares tácticos e estratégicos, dando-se apenas como certo, nesta matéria, a assinatura de um tratado que prevê a redução espectacular das armas químicas.

A situação no Báltico, mais especialmente na Lituânia, traz apreensivos os norte-americanos, afirma Bush, mas será com um homem «politicamente forte» (Gorbachev), também segundo as suas palavras, que irá discutir problemas decisivos não apenas para as duas superpotências, mas para a segurança na Europa e no mundo.

Págs. 2, 3 e 9



PEDRO PALMA

A «guerra dos palácios» terminou com justiça salomónica: a Presidência da República fica com a administração de Belém e o Governo com a da Ajuda. Quanto à cidadela de Cascais e ao Palácio de Queluz, Belém repartirá a gestão com o Instituto Português do Património Cultural (IPPC).

Mário Soares e Cavaco Silva, recorde-se, mantiveram um contencioso por causa desta questão, já que o Presidente reclamava para Belém a administração dos palácios que ocupa, tendo mesmo chegado a devolver ao Governo um primeiro diploma sobre a matéria. O executivo reformulou a proposta inicial, tendo Mário Soares promulgado já a nova lei orgânica que passa a reger a actividade do IPPC. Feitas as contas, o Presidente apenas perdeu a Ajuda.

Pág. 5



**Ieltsin eleito
Presidente
do Parlamento
da Rússia**
Pág. 9

**Catana Ardente
sobressalta
Luanda**
Pág. 11

**O ruído não é
igual para todos**
Págs. 18 e 19

**Daniel Reis
ganha prémio
de reportagem
parlamentar**
Pág. 4

Lotaria Popular
1.º 121 413
2.º 63 061
3.º 375 853
4.º 486 197
Pág. 13

Jovens empresários querem negócios com rosto humano

O empresário tem de ser
um líder natural que está
acima de toda a suspeita

Há que criar vasos
comunicantes que permitam
um relacionamento saudável
entre o poder político
e o económico

Os jovens empresários portugueses querem fazer negócios de rosto humano, baseados na ética e na responsabilidade social. Repudiando os profetas da desgraça, pretendem identificar «as grandes avenidas do futuro». Em congresso falaram alto, mas faltou-lhes ouvintes à altura. Soares e Cavaco não apareceram e os ministros quiseram dar lições a quem as não pedia.

Suplemento de Economia

Os dias negros da Pantera

Págs. 16 e 17

roadstar
AUTO-HIFI

Som Digital em
altifalantes auto



Representante em Portugal:

SOC. DE REP.
SANTOS, GUIMARÃES & OLIVEIRA S.A.
Porto ☎ 9515003 • Lisboa ☎ 77 78 24

GRANDE
ANGULAR

A cimeira das superpotências, que amanhã se inicia em Washington, e que tem como tema dominante o desarmamento, está ensombrada pela situação no Báltico (mais concretamente da Lituânia) e pelo futuro da Alemanha unificada, questões que serão debatidas por Bush e Gorbachev, e que Washington já considerou «assuntos difíceis»

«Boas-vontades» não bastam para alimentar grandes optimismos

George Bush e Mikhail Gorbachev despediram-se em Malta com um sorriso de esperança. As realidades internacionais, e sobretudo a Lituânia, ensombraram entretanto o seu relacionamento. Mas a cimeira que amanhã começa em Washington promete ser uma discussão franca e realista.

Está-se, com efeito, longe do entusiasmo do primeiro encontro cimeiro de Dezembro do ano passado, em que os dois presidentes, numa conferência de Imprensa histórica, deram a machadada final na guerra fria.

Para George Bush, a cimeira de Washington reveste-se de grande importância. Para além de um acordo sobre o desarmamento estratégico e um tratado sobre armas químicas, o Presidente norte-americano vai tentar convencer Gorbachev da necessidade de dialogar com os países bálticos, da manutenção da Alemanha unificada na NATO e

de obter progressos no desarmamento convencional, questões estas qualificadas de «difíceis» por Washington.

Bush está consciente dos problemas que o seu homólogo soviético enfrenta actualmente. Nesse sentido, declarou-se há dias preocupado com uma eventual acção dos militares soviéticos, que poderia pôr em causa o processo de democratização da URSS e da Europa de Leste.

George Bush foi criticado nos Estados Unidos por confiar demasiado apenas num homem, que é Gorbachev. O Presidente norte-americano defendeu-se afirmando que «a política estrangeira de um país não se pode basear num indivíduo», parecendo assim refrear o entusiasmo por Gorbachev, e regressar à posição de prudência com que iniciou o seu mandato.

«Há grandes problemas sobre os quais é preciso dis-

cutir e não estou certo de que possamos encontrar respostas para todos», declarou Bush a semana passada. «Não vou agir como se a cimeira fosse uma espécie de dança» sublinhou, querendo com isso significar que as discussões irão ser intensas.

As conversações entre Bush e Gorbachev decorrerão, na sua quase totalidade, na residência de Verão do Presidente norte-americano de Kennebunkport, no Maine.

Um «equilíbrio razoável de interesses»

Numa entrevista concedida à agência noticiosa Lusa, o embaixador soviético em Lisboa, Valentin Kassatkin, afirmou que o facto de a URSS estar a fazer maiores reduções do que os Estados Unidos nos acordos de desarmamento «é um sinal de que os dirigentes soviéticos compreenderam aquilo que é a nova mentali-

dade política nas relações internacionais».

Além disso, na perspectiva de Kassatkin, os arsenais nucleares soviéticos e norte-americanos não são tão importantes que, se depois das reduções do tratado START, os EUA estiverem numa situação em que «serão capazes de exterminar a humanidade sete ou oito vezes e a URSS só seis ou sete», não haverá diferença qualitativa. Moscovo considera que as reduções previstas não são suficientes e que, depois de assinado o tratado START, as conversações deverão continuar, visando maiores cortes por parte das duas superpotências.

Para o diplomata soviético, trata-se de meros vitórias ou de derrotas, e mais de se conseguir «um equilíbrio razoável de interesses».

As questões «mais difíceis»

Contudo, mais do que o

desarmamento, os temas mais difíceis da cimeira (que se inicia na quarta-feira e se prolongará até ao dia 3 de Junho) são o futuro da Alemanha unificada e a Lituânia, segundo as declarações mais recentes dos responsáveis norte-americanos.

Os norte-americanos farão notar aos soviéticos, segundo o secretário de Estado James Baker, que a neutralidade da Alemanha será mais perigosa que a sua ligação à Aliança Atlântica, na medida em que poderá ter a tentação de se dotar de armas nucleares.

Quanto à Lituânia, as pressões exercidas por Moscovo para que as autoridades de Vilna anulem ou suspendam a declaração de independência tiveram já um impacto sobre a próxima cimeira. O acordo comercial concluído em Abril, em Paris, entre os dois países, e que previa a conclusão de um outro sobre a cláusula de

nação mais favorecida para a URSS, não será assinado na cimeira de Washington.

Bush sublinhou a semana passada, durante uma conferência de Imprensa, que as reacções norte-americanas, ou seja as do Congresso, relativamente à crise lituana, não permitem tal acordo na hora actual.

A obtenção dessa cláusula, que acaba de ser concedida à China, a despeito da sua atitude em relação aos direitos do homem, teria um carácter simbólico, na medida em que a URSS não tem praticamente nada para vender aos EUA.

Nas últimas semanas, vários dirigentes norte-americanos manifestaram as suas dúvidas sobre as possibilidades de sobrevivência de Gorbachev perante as dificuldades que enfrenta.

Subsistem algumas divergências

Com vista ao dossier desarmamento, peritos norte-

ARMAMENTO CONVENCIONAL ACTUAL

	NATO	PACTO DE VARSÓVIA
Tropas	2.300.000	3.100.000
Tanques	23.600	52.600
Artilharia	17.700	41.800
Aviões	5.700	12.280
Helicópteros	2.235	3.500

ARMAMENTO ESTRATÉGICO NUCLEAR

Nº de ogivas nucleares	NATO	PACTO DE VARSÓVIA
Mísseis ICBL	2.450	6.530
Mísseis SLBM	5.024	3.642
Bombardeiros	4.608	1.040
Total	12.082	11.212

Viragem em Moscovo reduz

Especial para o «DL»

As conversações mantidas em Moscovo, durante quatro dias na semana passada, pelo secretário de Estado norte-americano, James Baker, com o seu homólogo soviético, Eduard Shevardnadze, e com o presidente soviético, Mikhail Gorbachev, marcaram uma viragem no ambiente pessimista que estava a dominar os preparativos

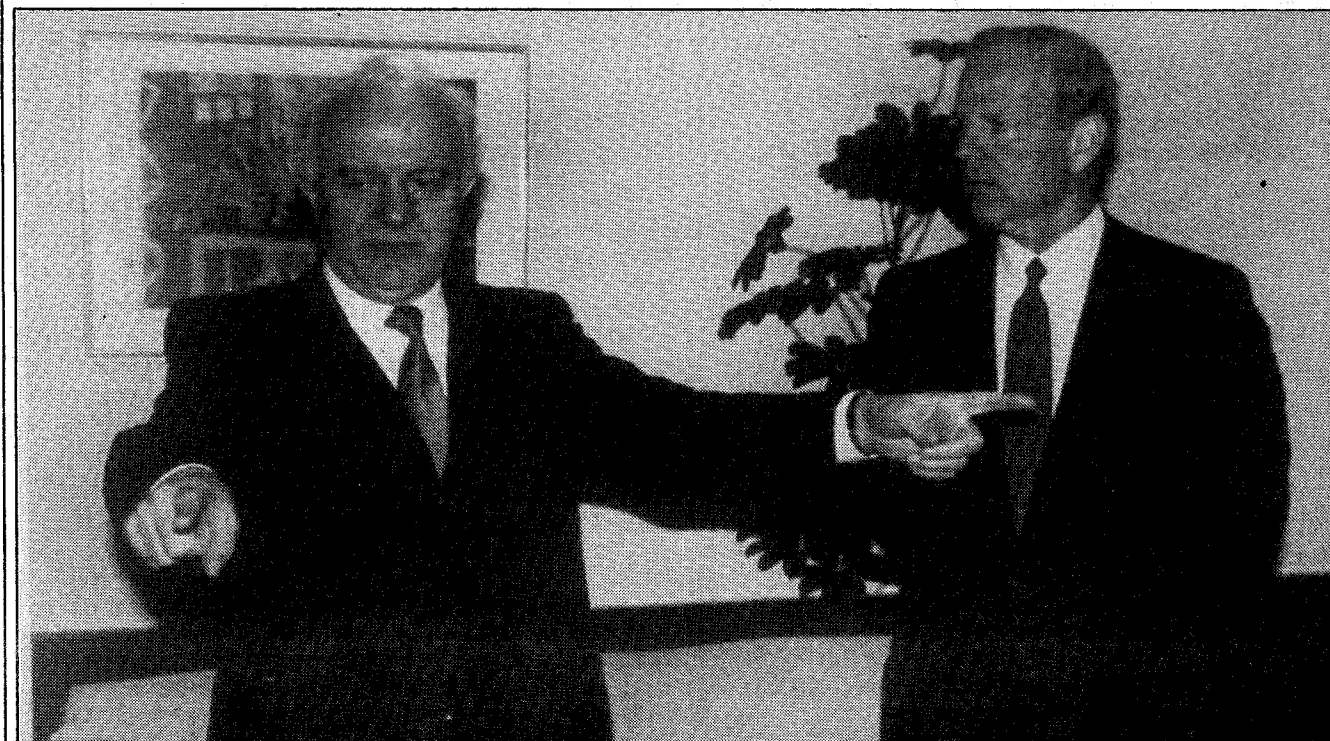
da cimeira nos Estados Unidos, de 30 de Maio a 3 de Junho próximo.

Antes do início da viagem de Baker, analistas norte-americanos detectavam em Moscovo um endurecimento da sua política, nomeadamente no que diz respeito às repúblicas bálticas, com a recusa de Gorbachev em negociar com os governos locais independentistas.

Acusavam também Moscovo de ter «recuado» em relação ao que já tinha

sido alcançado nas conversações entre os dois países no domínio da preparação do Tratado de Redução dos Armamentos Estratégicos (START, na sigla americana).

Em causa ficaria assim a possibilidade de vir-se a assinar na cimeira de Washington, uma declaração com os princípios gerais dos acordos START. Bush e Gorbachev, na cimeira de Malta, em Dezembro do ano passado, tinham



O encontro preparatório da cimeira entre Shevardnadze e Baker em Moscovo contribuiu para aplanar algumas divergências, não obstante a sombra provocada pela questão da Alemanha unificada e pela situação no Báltico



George Bush e Mikhail Gorbachev no intervalo da cimeira de Malta, em que ambos deram a «machada final» à Guerra Fria

americanos e soviéticos retomaram os trabalhos este fim-de-semana em Washington, na esperança de se conseguir um acordo sobre as grandes linhas de um tratado de redução dos arsenais nucleares e estratégicos

(START) que os dois presidentes assinarão em Washington.

Certas divergências continuam ainda por sanar e, de qualquer maneira, após o acordo de princípio, serão ainda necessários lon-

gos meses para ultimar esse tratado, que reduzirá em cerca de 30 por cento as armas estratégicas detidas pelas duas superpotências.

Se o tratado START ainda não é absolutamente certo,

parece dado adquirido que os dois presidentes assinarão um acordo de redução espectacular dos stocks de armas químicas, cujo texto foi elaborado há 11 dias em Moscovo.

J.F.

pessimismo negocial

definido esse documento como um objectivo possível de atingir até ao seu novo encontro. Com essa declaração é possível que o tratado seja assinado até ao final do ano.

A Casa Branca dava a entender que a deterioração da situação na União Soviética, quer no plano económico, quer no que diz respeito aos conflitos inter-étnicos, a que se somaria uma certa irritação dos militares soviéticos com as consequências estratégicas da retirada já encetada dos países do Leste europeu, a par das pressões ocidentais para que a reunificação alemã se faça dentro da NATO, teriam levado a direcção soviética, numa medida preventiva, a endurecer posições nas conversações.

Gorbachev quis manifestamente desfazer essa impressão de dureza, relativamente ao Báltico, tanto mais que sabia estar o presidente Bush sob pressão dos seus congressistas para adoptar medidas de resposta ao bloqueio económico à Lituânia. Precisamente quando o chefe da diplomacia norte-americana se encontrava na capital soviética, Gorbachev, acompanhado pelo seu chefe de Governo, Nikolai Rijkov, recebeu a primeira-ministra lituana Kazimiera Prunskienė.

Mísseis Cruzeiro e reunificação alemã

Uma questão estava em suspenso nestas conversações: os mísseis de Cruzeiro marítimos e aéreos. Até ao encontro de Baker com o presidente soviético, na sexta-feira, parecia que as conversações de Moscovo iriam falhar. Mas logo após a reunião, que durou

cerca de cinco horas, Baker anunciava aos jornalistas que se tinham registado progressos nestas questões.

Com poucos sucessos no plano interno, o líder soviético tem a necessidade de que a cimeira dos Estados Unidos produza resultados palpáveis, mostrando que ele não se enganou, quando optou pelo fim da confrontação com o Ocidente.

Isso mesmo seria confirmado no dia seguinte na conferência de Imprensa do ministro Shevardnadze, que acrescentaria à lista de entendimentos um acordo sobre as armas químicas entre os dois países, que abre caminho a uma futura convenção global, que está a ser negociada em Genebra, no âmbito da conferência sobre o desarmamento da ONU, por representantes de 40 Estados.

A questão da reunificação alemã também foi abordada nas conversações, mas parece que sem grande sucesso. Shevardnadze falou de «divergências substanciais» entre os dois países quanto ao futuro estatuto político-militar da Alemanha.

Antes do encontro entre Baker e Gorbachev, o presidente soviético também se referiu ao problema. Em resposta a uma questão de um jornalista ocidental, que lhe perguntava por que razão receava a URSS a participação da futura Alemanha reunificada na NATO, Gorbachev devolveu-lhe a questão do seguinte modo: «e por que razões os Estados Unidos temem a participação da Alemanha na organização do Tratado de Varsóvia?».

O futuro estatuto da Alemanha terá profundas consequências no equilíbrio militar da Europa e essa terá sido uma

das causas para a ausência de progressos no exame de negociações sobre a redução de forças armadas e armamentos convencionais na Europa.

Atraso em relação à realidade

No entanto, Shevardnadze revelou que tanto soviéticos como norte-americanos avançaram com iniciativas nesta área dos armamentos convencionais e manifestaram a compreensão em relação à necessidade de se acelerarem as conversações que decorrem em Viena, entre os 23 Estados membros da NATO e do Tratado de Varsóvia. O ministro não disse mas é notório que a rápida evolução dos acontecimentos no Leste europeu, no final do ano passado, colocou estas conversações em atraso em relação à realidade.

No decorrer das conversações Shevardnadze-Baker foram também discutidas as relações económico-comerciais entre os dois países. A decisão da Casa Branca de reduzir a lista dos produtos de alta tecnologia, sujeitos a limitações do COCOM (Comité de Coordenação para o Controlo das Exportações para os Países Socialistas), anunciada pouco antes da deslocação do secretário de Estado, foi encarada com satisfação em Moscovo.

Um acordo comercial deverá ser assinado, mas o essencial é a concessão à URSS do estatuto de nação mais favorecida, que está dependente da aprovação, agendada para esta semana, pelo Soviète Supremo, de uma lei sobre saídas e entradas, que dê liberdade de emigração aos judeus soviéticos.

Guennadi Petrov

COMENTÁRIO

Entre ganhos e perdas a vontade de acertar o passo

Gorbachev vai estar amanhã frente-a-frente com George Bush, numa altura em que as reformas da *Perestroika* enfrentam o maior desafio de sempre. Com efeito, no Parlamento soviético fala-se já na apresentação de um voto de não-confiança ao Governo liderado por Ryzhkov, enquanto a nível popular as perspectivas de subida do custo de vida causam um alarme generalizado e no Báltico a questão das independências aumenta o fosso que separa aquelas repúblicas do poder do Kremlin.

No domingo, Gorbachev comparou as medidas económicas recentemente anunciadas por Moscovo com a revolução de 1917. As autoridades lituanas recusaram entretanto a proposta do líder do Kremlin, no sentido de lhes conceder a independência, com a condição de suspenderem as leis aprovadas pelo Parlamento local.

Na Arménia, um novo conflito rebenta, na sequência da morte, no domingo, de 22 nacionalistas abatidos num encontro com as tropas do Ministério do Interior soviético. Como se já não bastasse, notícia de última hora diz que o seu rival, Boris Yeltsin, acaba de ser eleito presidente do Parlamento da poderosa Federação Russa.

Mas os ganhos no exterior, como a possível assinatura de um tratado sobre armas nucleares (START) e outro sobre armas químicas, ficam diminuídos com as divergências que ainda se mantêm com o Ocidente, em relação ao futuro da Alemanha unificada e aos problemas domésticos, em que sobressai a questão do Báltico.

A vitória, se é que de vitória se poderá falar, do líder soviético, consistirá em conseguir um acordo de princípio sobre a limitação de armas nucleares estratégicas. Os pontos principais do tratado foram negociados durante a visita a semana passada, a Moscovo, do secretário de Estado norte-americano, James Baker, e que se espera venha a ocupar uma parte substancial dos cinco dias da cimeira.

Um diplomata ocidental afirmou recentemente que Gorbachev tem necessidade de regressar a Moscovo e dizer: «Não precisamos mais de contruir armas, podemos usar o dinheiro para desenvolver a nossa indústria e agricultura».

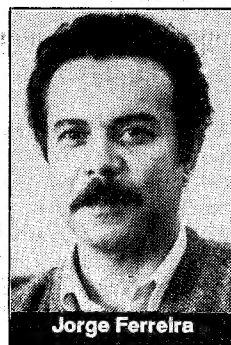
Mas se as superpotências procuram encontrar mais espaços de acordo, há no entanto grandes diferenças sobre a forma de encarar os acontecimentos na Lituânia e em relação ao estatuto da Alemanha unificada.

Gorbachev parece consciente de que nenhuma das superpotências está interessada em tirar partido das dificuldades e/ou fraquezas da outra.

Um negociador soviético disse há dias: «Nenhum de nós cairá na tentação, quando as coisas se complicarem, tanto na América como na União Soviética, de tirar partido disso ou pescar em águas turvas».

Recentes rumores referem que Gorbachev estará sob pressão crescente dos militares no sentido de fazer regredir as suas reformas. No entanto, ele próprio há dias respondeu a esta questão quando jornalistas o interrogaram sobre se não estaria com receio de ser derrubado por um golpe de Estado. Gorbachev disse então que os militares tinham a mesma influência na política da URSS que os militares norte-americanos em relação à Casa Branca, ou seja, um considerável peso.

Após cinco cimeiras, com o antigo Presidente norte-americano Ronald Reagan e em Malta com George Bush, Gorbachev tem revelado um grande interesse em estreitar os laços com os Estados Unidos, sobretudo quando afirma que as cimeiras poderiam ocorrer todos os anos.



Jorge Ferreira

POLÍTICA

ANMP denuncia amanhã culpas do Governo

Finanças municipais na rua da amargura

A Associação Nacional de Municípios (ANMP) vai denunciar amanhã em conferência de Imprensa as responsabilidades do Governo na situação financeira da generalidade das câmaras, classificadas como a pior dos últimos anos.

Segundo afirmou ao «DL» o presidente da edilidade de Montemor-o-Novo, membro do Conselho Directivo da ANMP, «é fundamental chamar a atenção para a situação aflitiva que se vive neste momento na maior parte das autarquias», denunciando ao mesmo o comportamento do Executivo face à entidade representativa do poder local. «Passamos dos ministros para o primeiro-ministro, destes para os ministros e secretários de Estado, mas nada se resolve», considerou Fernando Cruz.

De realçar que o encontro com a Imprensa marcado para a tarde de amanhã no Porto se realiza cerca de duas semanas após a última audiência concedida por Cavaco Silva à ANMP (no passado dia 15), e quando já se encontra marcada uma reunião para a

próxima segunda-feira com Valente de Oliveira, ministro do Planeamento.

Em causa, estão diversas questões, desde o acréscimo de despesas com pessoal, resultante de novos encargos, às isenções de impostos cuja receita reverte a favor das câmaras, decididas pelo Governo sem a respectiva contrapartida financeira.

Problema que se arrasta há anos é o da subavaliação do IVA no Orçamento de Estado, que indirectamente prejudica as autarquias. O cálculo daquele imposto serve de aferidor para o Fundo de Equilíbrio Financeiro (FEF), única receita orçamental proveniente do OE. Segundo Fernando Cruz, a sua distorção lesou os municípios em cerca de dez milhões de contos, nos últimos três anos.

Recorde-se que, a 17 de Maio passado, foi assinado no Ministério do Planeamento e da Administração do Território um protocolo que permite às autarquias o acesso a uma linha de crédito bonificada de dez milhões de contos, destinada a suportar a contrapartida dos mu-



Situação financeira é a pior dos últimos anos - afirma um dirigente da ANMP

nicipios, em obras financiadas pelo FEDER. Instado a comentar os efeitos deste novo instrumento, a que o Governo atribuiu grande importância, Fernando Cruz limitou-se a salientar que os empreendimentos co-financiados por aquele fundo comunitário representam apenas cerca de dez por cento das obras em curso. «Há outros problemas bem graves aos quais o Governo ainda não deu re-

sposta», concluiu o líder camarário de Montemor-o-Novo.

Entretanto, diversas câmaras sentem-se financeiramente prejudicadas pelo Governo, que retém verbas para os Gabinetes de Apoio Técnico (GAT), mesmo em casos em que não existem na área geográfica. A última edição do «Expresso» revelava a intenção de nove câmaras da região do Porto-

que se consideram por esta via vítimas de «inconstitucionalidade» - de instaurar um processo judicial à Secretaria de Estado da Administração e Ordenamento do Território (SEAOT).

Fonte oficial deste organismo afirmou ao nosso jornal que a retenção de verbas decorre da aplicação da Lei do Orçamento de Estado, que definiu as formas de financiamento dos gabinetes técni-

cos. A mesma fonte garantiu que a SEAOT não tem conhecimento oficial do anunciado recurso aos tribunais.

Segundo apurou o «DL», as câmaras citadas pelo semanário (Gaia, Matosinhos, Maia, Gondomar, Valongo, Vila do Conde, Póvoa do Varzim, Espinho e Porto) não são as únicas a ver reduzidas as transferências da Administração Central com aquele objectivo. Na área metropolitana de Lisboa há diversos casos, entre os quais o de Vila Franca de Xira.

Na notícia do «Expresso», registou-se, o presidente da ANMP, avaliava em cerca de um milhão de contos o montante indevidamente retido (900 mil para saldar dívidas à EDP e 25 mil para os GAT). Mário de Almeida considerava que, no caso da EDP, se trata de uma «intromissão numa questão entre duas outras partes». Grande parte das autarquias está a dirimir as questões relacionadas com dívidas em diálogo directo com a empresa pública, conforme noticiou o «DL» oportunamente.

Paulo Martins

Jornalista do «Diário de Lisboa» distinguido Daniel Reis ganha prémio de reportagem parlamentar

O prémio de reportagem parlamentar, promovido pela Assembleia da República em colaboração com o Clube de Jornalistas, foi ontem atribuído ao nosso camarada de redacção Daniel Reis.

A reportagem distinguida, de duas páginas, sob o título genérico «Contra, sr. Presidente»: a seco e à molhada», abordava o debate do Orçamento de Estado de 1989. Foi publicada no «DL» de 13 de Dezembro de 1988. O prémio, no valor de 400 contos, abrangia peças jornalísticas de imprensa, rádio e televisão efectuadas durante a sessão legislativa 1988/89. O júri integrava elementos do Clube, Sindicato dos Jornalistas, Associação de Imprensa Estrangeira, Casa de Imprensa e Associação Portuguesa de Escritores.

Daniel Esteves dos Reis nasceu a 19 de Agosto de 1945, em Bogas de Cima, Fundão. Cursos Direito em Lisboa e iniciou a carreira de jornalista aos 24 anos, como colaborador do «Norte Desportivo». Ingressou no «Diário de Lisboa» em Março de 1972 e, depois de uma curta passagem, em 1974, pelo «Comércio do Porto», partiu para a Guiné, como cooperante.

Em Fevereiro de 1975, fundou naquele país africano, com outros jornalistas portugueses, o jornal «Nô Pintcha». Regressou em 1976 ao «DL» e, em 1978, foi coordenador em Lisboa do «Jornal do Fundão», ao qual continua ligado. Os dois anos seguintes, passou-os na Guiné.

A década de 80 marcou o retorno de Daniel Reis à Imprensa desportiva, muito embora mantivesse a sua ligação ao «Diário de Lisboa». Foi um dos primeiros redactores da «Gazeta dos Desportos» e chefe de Redacção do «Semanário Desportivo», jornal que fundou em 1987 com um grupo de jornalistas «dissidentes» da «Gazeta». Nesse mesmo ano, passou a redactor parlamentar do seu jornal de sempre. Pelo meio, deixou colaborações esparsas no «Século», «Pasquim» e «Expresso».

Redacção «DL»



Soares pede a Chipre apoio para Timor-Leste

O Presidente da República do Chipre recebeu esta manhã cumprimentos do corpo diplomático acreditado em Lisboa e visitou o Museu Nacional de Arte Antiga, antes de almoçar num hotel da capital a convite da Confederação Nacional dos Empresários Portugueses, no segundo dia da sua deslocação oficial a Portugal.

George Vassiliou foi ontem obsequiado pelo primeiro-ministro português com um almoço, em S. Bento e, à noite, jantou com Mário Soares, no Palácio da Ajuda.

Na ocasião, o Presidente da República portuguesa manifestou o desejo de ver Chipre associado por forma mais estreita à CEE e chamou a atenção de Vassiliou para o problema de Timor-Leste.

Mário Soares afirmou que Chipre «poderá contribuir para a busca de soluções para Timor-Leste», considerando «uma questão dolorosa».

Com o prestígio da sua voz - salientou Soares -, Chipre poderá ajudar «a restituir ao povo de Timor o exercício do direito à autodeterminação e à independência» garantido pelas Nações Unidas, «salvaguardando o respeito pela sua identidade religiosa e cultural» acrescentou.

Homenagem a Makários

O Presidente da República prestou ainda homenagem à memória do estadista e arcebispo Makários, falecido em 1977, e realçou a «adversa combinação de factores, agravada pelo estigma de intervenções externas», que não permitiu que a República de Chipre gozasse,

desde a sua independência em 1960, da paz indispensável ao desenvolvimento e à prosperidade, numa aparente alusão à ocupação do Norte da ilha em 1974, pelos turcos.

«Intransigência» da Turquia

Durante o almoço que lhe foi oferecido, em S. Bento, por Cavaco Silva, Vassiliou exaltou as virtudes da política seguida pelo Governo português.

«Segui com grande interesse e admiração a política do seu Governo, que tornou Portugal num exemplo em como se ultrapassam dificuldades económicas e estruturais», disse, acrescentando esperar que hoje pudesse «ensinar as receitas a Mitsotakis» (primeiro-ministro grego).

Momento igualmente importante desta visita do Presidente cipriota a Portugal no seu primeiro dia foi, antes de receber os representantes dos partidos políticos representados na Assembleia da República, a cerimónia que decorreu na Câmara Municipal.

George Vassiliou adiantou aos presentes, e muito em particular ao presidente da edilidade, que Chipre «pode constituir um campo de acção privilegiado para os industriais e comerciantes portugueses, como porta aberta para o Oriente».

Em resposta, Jorge Sampaio manifestou o desejo de que a República do Chipre «possa desenvolver o acordo especial de cooperação que assinou com as comunidades europeias há cerca de duas décadas».

Redacção «DL»/Lusa

Dinheiro alemão para sindicatos

O actual representante em Portugal da Fundação Friedrich Ebert, Juregen Brummel, confirmou ao DL que o seu antecessor entregou envelopes com dinheiro a sindicatos portugueses, num período compreendido entre 1979 e 1981, mas garantiu que essas importâncias se destinavam «à área sindical e não ao Partido Socialista».

As informações de Juregen Brummel baseiam-se nos depoimentos do seu antecessor, Peter Hengstenberg, à Procuradoria-Geral da Justiça alemã-federal, no quadro das investigações sobre o paradeiro de 15,3 milhões de marcos, aparentemente desviados do orçamento federal para os cofres do Partido Social-Democrata (SPD) e posteriormente canalizados para organizações sindicais portuguesas e espanholas.

«Nada» sobre o passado

Brummel acrescentou não poder dizer nada «com respeito ao passado» da Fundação que representa em Portugal, mas garantiu que, desde a sua chegada ao nosso País, «nenhum financiamento similar foi realizado». Disse ainda que Peter Hengstenberg, no seu depoimento, não excluiu «que o PS tivesse necessidades de financiamento» mas declarou à justiça alemã que não tinha entregue «qualquer quantia directamente a dirigentes socialistas». Este caso foi levantado na última edição da revista alemã-federal Der Spiegel, num artigo intitulado «Envelopes com dinheiro» e segundo o qual SPD, então no poder, terá financiado os partidos socialistas de Portugal e Espanha, o que é ilegal à luz da legislação em vigor nos dois países.

Redacção DL

POLÍTICA

«Guerra» dos palácios chegou ao fim

Presidente gere Belém e Governo Ajuda

A administração do Palácio de Belém compete exclusivamente à secretaria-geral da Presidência da República, de acordo com a nova lei orgânica que passa a reger a actividade do Instituto Português do Património Cultural (IPPC). O diploma foi já promulgado pelo Presidente da República, pondo termo ao contencioso que opôs o Governo a Belém sobre a gestão dos palácios que a Presidência ocupa. Mário Soares, recorda-se, devolveu a lei inicial, por não concordar com os termos da proposta.

Belém reivindicava a tutela dos palácios de Queluz, da Ajuda e da Cidadela de Cascais, além do palácio sede do Presidente da República, como é óbvio. O Governo não concordou e, de acordo com a lei orgânica agora aprovada, acabou por encontrar-se uma solução de compromisso.

Assim, a Presidência da República administrará exclusivamente o Palácio de Belém e repartirá a gestão do Pavilhão D. Maria I do Palácio de Queluz (que constitui a residência oficial dos Chefes de Estado estrangeiros) e da Cidadela de Queluz (residência do Verão do Presidente da República) com o IPPC.

Este Instituto assegurará a utilização dos Palácios

Nacionais da Ajuda e de Queluz pela Presidência da República, tendo em vista a realização de cerimónias protocolares no domínio da representação externa do Estado e de cerimónias solenes presididas pelo Chefe de Estado no uso das suas atribuições constitucionais.

As Academias das Ciências de Lisboa, Portuguesa de História, Nacional de Belas-Artes e Internacional de Cultura Portuguesa são instituições tuteladas pelo membro do Governo responsável pela Cultura, competindo ao IPPC dar-lhes apoio técnico e administrativo.

O Museu Nacional do Desporto é transferido para a dependência técnica e administrativa da Direcção-Geral dos Desportos.

Descentralizar e flexibilizar serviços

O diploma orgânico do IPPC visa, em grandes linhas, reconverter, redimensionar e racionalizar os serviços, de modo a que a estrutura administrativa e técnica do Instituto Português do Património Cultural corresponda melhor às grandes áreas do património cultural, bem como descentralizar e flexibilizar os serviços de modo a facilitar a sua articulação com outros departamen-

tos da administração central, designadamente do Ambiente e do Ordenamento do Território.

Reforçar a capacidade e competência das estruturas de gestão e apoio aos inúmeros serviços dependentes do IPPC, por um lado, e «criar condições para a exploração

mais eficaz das características de autonomia administrativa e financeira» que lhe estão conferidas, são outras das metas que a nova lei orgânica visa.

O diploma comete ao IPPC a promoção do inventário, classificação e desclassificação de bens culturais, móveis e

imóveis, assim como a definição e redifinição de zonas especiais de protecção, no caso dos últimos.

Também lhe atribui poderes para embargar administrativamente quaisquer obras, licenciadas ou efectuadas em desconformidade com a legislação rela-

tiva ao património cultural.

São órgãos do IPPC a direcção, o conselho administrativo, o conselho consultivo e a comissão de fiscalização, sendo a primeira exercida por um presidente e dois vice-presidentes.

Redacção «DL»

Mitsotakis aconselha-se com Cavaco Silva

Cavaco Silva recebeu esta manhã o primeiro-ministro grego numa reunião de trabalho em que o principal ponto em agenda foi a preparação da deslocação de Constantine Mitsotakis aos Estados Unidos da América. A visita-relâmpago de duas horas a Lisboa é a primeira das onze que o chefe do governo grego solicitou aos países comunitários para esse fim.

O objectivo é sensibilizar os parceiros comunitários para os graves problemas que a economia do seu País atravessa e reforçar a sua credibilidade internacional.

Os dois chefes do Governo abordaram questões relacionadas com a coesão económica e social das Comunidades, as prioridades de cada um dos países da CEE, a União Económica e Monetária, as relações CEE-EUA, os problemas dos países do Sul/Mediterrâneo e com a Europa do Leste.

Neste seu périplo pelos países da Comunidade que hoje encetou em Lisboa, Mitsotakis procurará ganhar aliados no quadro comunitário e colocar as questões em que, na CEE, Portugal e a Grécia poderão ter posições semelhantes - admitiu uma fonte governamental portuguesa.

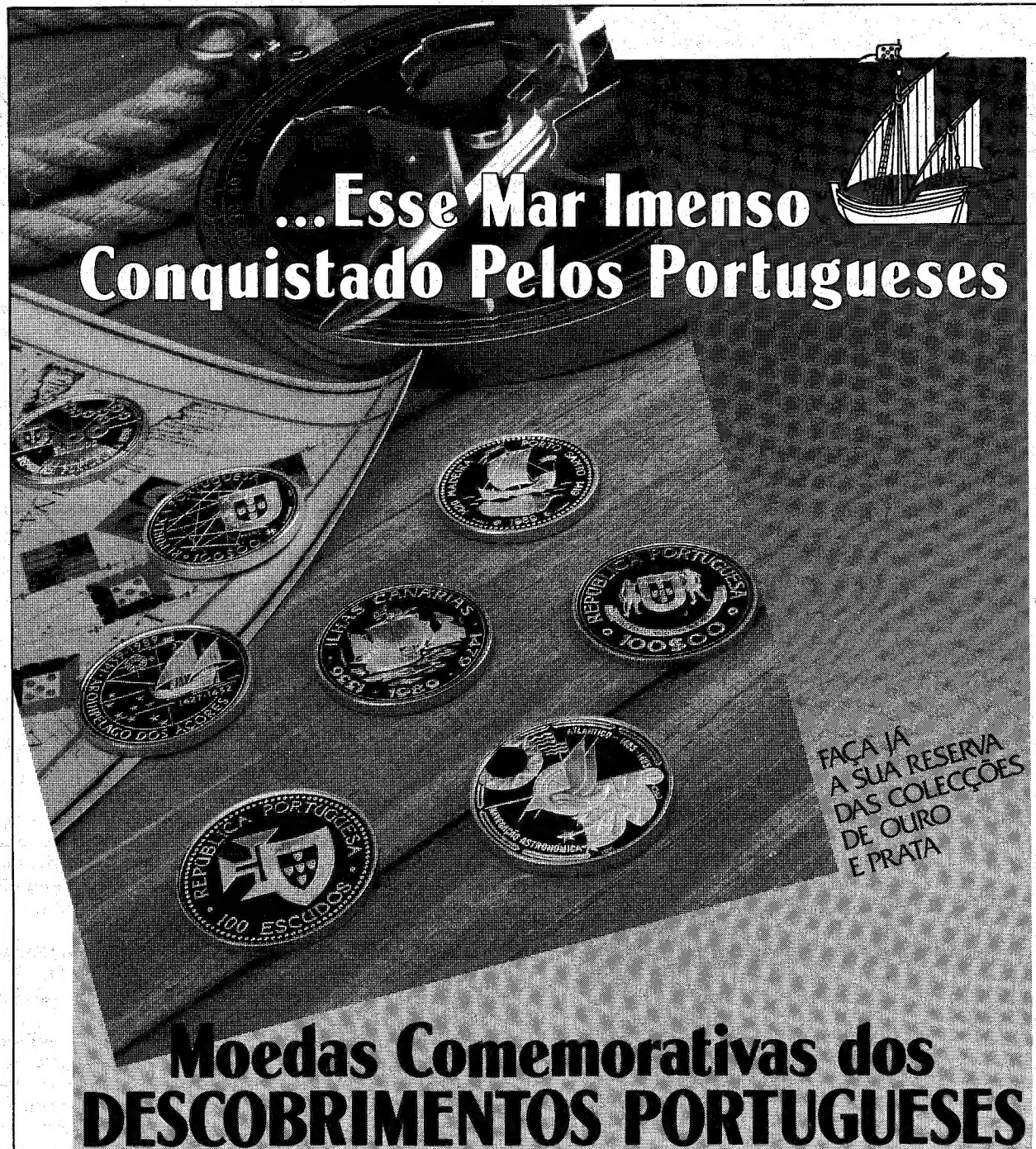
Não foi por acaso que esta

recolha de opiniões começou na capital portuguesa, dada a afinidade de posições e pontos de vista existentes entre os dois países. É o que se passa com a defesa da coesão económica e social das Comunidades, com a ideia de que o seu aprofundamento deve preceder qualquer alargamento, o que respeita às redes transnacionais e aos textos, vitais para a economia helénica.

Note-se que a Grécia é o único dos Doze que não tem fronteiras com qualquer país das Comunidades, mas está rodeado por alguns dos países da Europa de Leste. É por isso muito natural que tal situação seja analisada entre os dois primeiros-ministros.

A deslocação do sucessor de Papandreou aos EUA é tanto mais importante quanto entre a Grécia e os EUA subsiste o problema das bases norte-americanas naquele País, cujas renegociações o anterior chefe do Governo tinha bloqueado.

O primeiro-ministro grego é acompanhado nesta viagem pelo seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Antonis Samaris, ao passo que Cavaco Silva foi esta manhã acompanhado, no encontro de duas horas com Mitsotakis, pelo secretário de Estado da Integração Europeia.



...Esse Mar Imenso Conquistado Pelos Portugueses

Moedas Comemorativas dos DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

Série II-1989/1990 - A Conquista do Atlântico

No princípio da aventura portuguesa em busca de novos mundos, a descoberta de Porto Santo e Madeira, o povoamento dos Açores e o reconhecimento das Canárias deram aos Portugueses a honra de terem sido os primeiros a aventurarem-se para lá do Mediterrâneo, penetrando a vastidão do Atlântico. Glória ainda maior veio das inovações introduzidas com a navegação astronómica, a técnica que verdadeiramente permitiu a descoberta do resto do mundo. É essa Conquista do Atlântico que se celebra nesta cunhagem de assinalável valor artístico e numismático. São quatro moedas delicadamente lavradas em ouro (das minas de Jales) e em prata, para acrescentar aos tesouros da memória colectiva de Portugal o tesouro do valor eterno de mais esta emissão comemorativa dos Descobrimentos Portugueses.

UMA EMISSÃO NUMISMÁTICA COM O PRESTÍGIO

im

IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA, E.P.

Peça um folheto ilustrado com características e preços, na nossa sede, filiais ou nas instituições de crédito. As colecções de moedas serão entregues num prazo máximo de 8 semanas.

Sede: Rua D. Francisco Manuel de Melo, 5
1092 LISBOA CODEX

Filiais: LISBOA - Rua Marquês de Sá da Bandeira, 16
1000 LISBOA
Rua da Escola Politécnica
1200 LISBOA

Av. Dr. António José de Almeida, 7
(Centro Com. S. João de Deus - Loja 416)
1000 LISBOA
Centro Com. das Amoreiras (Loja 2025)
1000 LISBOA
Rua Augusta, 44/54 - 1100 LISBOA

COIMBRA - Av. Fernão de Magalhães, 486
3000 COIMBRA

PORTO - Pr. Guilherme Gomes Fernandes, 84
4000 PORTO

POLÍTICA

B R E V E S

Soares recebe Freitas e delegação do CDS

O Presidente da República, Mário Soares recebe hoje em audiência o presidente do CDS, Freitas do Amaral que chefia uma delegação do seu partido. O encontro com o chefe de Estado foi solicitado pela Comissão Política do CDS que pretende manifestar assim a sua preocupação face à proposta de alteração da lei eleitoral defendida pelo Governo.

José Reis critica congresso do PS

O deputado José Reis, coordenador da Federação Distrital de Setúbal do Partido Socialista, criticou a forma como decorreu o congresso daquele partido e os resultados dele saídos. «O distrito de Setúbal foi enganado no congresso nacional do Partido Socialista». Para este responsável do PS, «a lista de Jorge Sampaio, de entre 140 conselheiros, elegeu somente seis para o distrito que é o terceiro mais importante do País».

Fundador do INES lamenta demissões no PCP

Horácio Guimarães, do núcleo fundador do Instituto de Estudos Sociais, INES, do Porto disse à Lusa que se desvincula do PCP por considerar que as demissões «não são a melhor forma de lutar pelas opiniões que se defendem». Comentando as recentes demissões de Gomes Canotilho, Vital Moreira e Jorge Leite, Horácio Guimarães, que já fez parte do Comité Central, considerou-as «más» e lamentou que a situação seja já tão generalizada».

Serviço Militar Obrigatório em debate de auditores

Promovido pela Associação de Auditores dos Cursos de Defesa Nacional, decorre amanhã, pelas 21 horas, no auditório da Academia de Marinha na Praça do Município de Lisboa, um debate subordinado ao tema «Serviço Militar Obrigatório e a Defesa Nacional».

Cavaco amanhã com os jornalistas

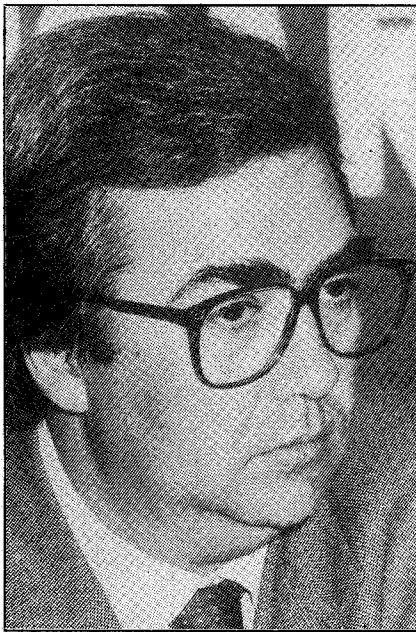
Cavaco Silva convocou para a manhã de amanhã um encontro com os jornalistas, na residência oficial de S. Bento, não sendo por ora conhecidos os temas a abordar. Curiosamente, esta conferência de Imprensa vai realizar-se poucas horas depois da entrevista do líder da oposição ao programa «Primeira Página», esta noite na RTP.

Acordo de pescas com CEE/Gronelândia**PE reconhece discriminação de Portugal e Espanha**

Portugal e Espanha viram ontem reconhecida pela sub-comissão de pescas do Parlamento Europeu a discriminação de que foram alvo na atribuição de quotas de pesca no quadro do acordo selado com a Gronelândia.

Com efeito, a sub-comissão aprovou um relatório, da autoria do deputado comunista Joaquim Miranda, que considera inaceitável a «iniquidade patenteada» neste domínio. A comissão europeia vai ser, mais tarde, questionada sobre o assunto, de acordo com anexo ao documento. Recorde-se que este problema - para cuja resolução Portugal chegou a ameaçar recorrer ao Tribunal de Justiça da CEE - resulta do facto de apenas a RFA, França, Reino Unido e Dinamarca beneficiarem do acordo com a Gronelândia, alegando direitos históricos.

Hoje, dois conselhos de ministros constituem os principais acontecimentos em Bruxelas. No de Assuntos Sociais, Portugal está praticamente isolado nas suas posições: defende o alargamento do direito de estadia, na Comunidade, não apenas do trabalhador, mas do cônjuge - mesmo em união de facto - ascendentes a cargo e descendentes, independentemente da idade.



Joaquim Miranda

O nosso país rema assim, contra a corrente geral, que apoia uma proposta da Comissão Europeia tendente a con-

sagrar restrições à deslocação. De acordo com a agência Lusa, a posição portuguesa funda-se na livre circulação de pessoas, princípio a observar em paralelo ao da livre circulação de mercadorias.

Neste Conselho de Assuntos Sociais está em discussão, ainda, a modificação de um regulamento sobre segurança social de trabalhadores migrantes, que visa a inclusão de prestações especiais de carácter não-retributivo.

No outro conselho marcado para hoje, de ministros do Desenvolvimento, está em causa a possibilidade de serem concedidas ajudas a países terceiros para preservação do ambiente. O debate baseia-se numa declaração da Comissão, que reconhece a necessidade de tratar as questões de carácter ecológico numa perspectiva mundial.

O Fundo Mundial para a Conservação da Natureza (WWF), criado no âmbito da CEE, está, aliás, vocacionado para dar corpo àquele objectivo. Deverá estudar medidas de incremento do comércio de madeiras tropicais e criar um fundo da floresta tropical dotado de 500 milhões de ECU.

Redacção «DL»/Lusa

Pessoal docente não superior desconta para duas «caixas»

Em várias situações é servidor do Estado, noutras é trabalhador por conta de outrem agregado ao regime geral de segurança social

Referendado ontem pelo primeiro-ministro, vai ser publicado no Diário da República o novo regime de segurança social do pessoal docente do ensino particular e cooperativo não superior. Estes docentes continuam a depender dos Centros Regionais de Segurança Social quanto a encargos familiares, incapacidade temporária por doença e maternidade, doença profissional e desemprego, mas pertencem à Caixa-Geral de Aposentações e ao Montepio dos Servidores do Estado para efeitos de velhice, invalidez e morte.

Isto é: dezoito meses depois de verem a sua função reconhecida publicamente, continuam presos à burocracia de que enferma o trabalho por conta de outrem relativamente às prestações pecuniárias no âmbito do regime geral de segurança social.

Não é paradoxo, mas parece: no primeiro caso, mantém aquele pessoal docente no âmbito do regime geral de segurança social dos trabalhadores por conta de outrem, situação que ocorria antes da publicação do decreto-lei 321/88, de 22 de Setembro; no segundo, só em parte abre aos mesmos professores os direitos que a Função Pública consagra à generalidade dos seus servidores.

Recorde-se que o diploma, publicado em 22 de Setembro de 1988, definiu o quadro normativo para o pessoal docente do ensino não superior, particular ou cooperativo, visando dar cumprimento ao disposto na lei 9/79, de 19 de Maio, relativo às bases do ensino particular e cooperativo.

A disposição atrás referida determinou que a legislação relativa aos profissionais de ensino, nomeadamente no domínio da segurança social, deve ter em conta o interesse público que é reconhecido às funções exercidas e a conveniência de harmonizar as suas carreiras com as do ensino público.

Eliminado vazio legal
O diploma desvanece algumas dúvidas que eventualmente se coloquem aos interessados, pessoal docente

e entidades empregadoras, quanto à regularização das situações não regulamentadas devido ao vazio da própria lei.

Assim, a gestão decorrente da aplicação do decreto-lei é da competência dos centros regionais de segurança social, das instituições de segurança social das Regiões Autónomas e da Caixa Nacional de Seguros de Doenças Profissionais. Os estabelecimentos de ensino que, entre a data de produção dos efeitos do presente diploma e a data da sua publicação, não tenham pago contribuições à segurança social devem regularizar a sua situação no prazo de trinta dias.

Redacção «DL»

Laborinho Lúcio apresenta Programa Cidadão e Justiça

Laborinho Lúcio, ministro da Justiça, apresenta esta tarde o Programa Cidadão e Justiça, um plano de acção de curto-prazo que pretende aproximar a administração judiciária dos seus utentes.

A divulgação do sistema de Justiça junto de estabelecimentos de ensino, a abertura de uma linha de investigação permanente tendo como tema «a etiologia da conflitualidade», a canalização de informação para os PALOP e a instalação de gabinetes de atendimento às famílias de reclusos são alguns dos projectos que vão ser levados a cabo.

Do programa constam também - pelo que apurou o «DL» - a divulgação de informação sobre cartas rogatórias e pedidos de alimentos, o encurtamento de prazos na emissão dos bilhetes de identidade e de certidões do Centro de Identificação Civil e Criminal, bem como a descentralização destes

serviços. Os projectos vão iniciar-se ainda este ano e pretendem garantir a participação da generalidade dos cidadãos.

Os objectivos prosseguidos são, entre outros, a «transparência da Administração da Justiça, a facilidade de acesso ao sistema judiciário e a celeridade das acções levadas a cabo». A iniciativa divide-se em subprogramas que, por sua vez, dão origem a projectos a desenvolver ainda no corrente ano.

Inúmeras instituições vão ser envolvidas, desde instituições governamentais até empresas públicas e privadas, passando por associações profissionais. São os casos, por exemplo, do Gabinete de Estudos e Planeamento, do Instituto de Reinserção Social, da Direcção dos Serviços Tutelares de Menores, do Centro de Estudos Judiciários e da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais.

GRUPO TEATRO HOJE
TEATRO DA GRAÇA/VOZ DO OPERÁRIO
Tv. São Vicente, 11
Telef: 875626 - 875800

TEMPO
DA
presença

poesia de:

Adolfo Casais Monteiro
Edmundo de Bettencourt
Fernando Pessoa
Irene Lisboa

José Gomes Ferreira
José Régio
Miguel Torga
Saul Dias

Vitorino Nemésio

Por: Alexandra Lencastre. Antonino Solmer.
Isabel de Castro. Júlio Martín.

COLÓQUIO

Com a participação de:
David Mourão-Ferreira. Fernando Pinto
do Amaral. Gastão Cruz. Nuno Júdice.

QUINTA-FEIRA, 31 DE MAIO, ÀS 18.30

FORUM

A CEE, O MEU CUNHADO E OS PORTUGUESES

O meu cunhado chamava-se Anthony H. O. d. g. e. s. o. n. Goodyear e começou a aprender os rudimentos da sua futura profissão de marinheiro ainda muito novo, numa escola da Royal Navy, à semelhança de milhares de jovens da sua idade.

Com dezassete anos, conhecia todos os portos do Mediterrâneo; com dezanove, passava longas temporadas em Singapura e, com vinte e dois, andava de porto em porto no continente americano.

A minha mulher e eu, que estávamos então em Roma, fomos ter com ele a Génova dois anos depois de ele ter trocado a âncora pelas asas da aviação, e ter sido transferido para um porta-aviões em que viria a Lisboa, posteriormente, uma ou duas vezes.

Nada me levava a adivinhar que esta visita antecedia uma sua mudança de vida, mas o certo é que celebrou vinte e cinco anos de carreira e largou o serviço.

Ao que julgo, apaixonara-se pelo campo, no decorrer de uma viagem à Escócia, e resolvera casar e tornar-se lavrador.

Mais dois anos de escola, mais um ano de aprendizagem prática, e começou a trabalhar numa quinta de Kidderminster, uma pequena, mas deliciosa cidade, situada perto de Birmingham.

Fomos visitá-lo em 1980 — vivia numa magnífica casa de campo, construída num amplo relvado, e passava as noites sentado em frente do fogão da sala, bebendo a excelente cerveja local e discutindo isto e aquilo com os vizinhos.

Acerca do que lhe acontecera, deu-me uma única explicação: «Mais três anos e mandavam-me para trás de uma secretária receber continências e redigir relatórios... Achas que um homem pode viver atrás de uma secretária?»

Nunca mais tocámos no assunto, até porque «a vida é para a gente a recomçar as vezes que quiser», como ele dizia.

Durante a minha estada em casa dele, porém, aconteceram várias coisas que me fizeram pensar, e é uma delas que hoje me proponho contar, até para ficar com a consciência tranquila por ter falado a tempo e horas.

Uma bela manhã, apareceram na quinta três cidadãos que se identificaram como sendo funcionários do Ministério da Agricultura, que pediram autorização para a visitar, com o objectivo de estudarem a viabilidade da sua exploração no futuro agrícola de uma Inglaterra integrada na CEE.

Obtida a necessária autorização, desapareceram entre as árvores e ninguém voltou a pôr-lhes a vista em cima até ao fim do dia.

Voltaram lá para a hora do jantar, estafados e sujos. Gabaram a exploração, pediram ao meu cunhado que não plantasse nada enquanto não voltasse a falar com eles, e passaram cerca de meia hora a discutir contas que não me interessavam.

Depois, tendo bebido uns copos reconfortantes, partiram, de novo, para

a cidade.

Só então me apercebi quem eles eram e o que andavam a fazer. Pertenciam, segundo me informou o meu cunhado, a um organismo regional do Ministério da Agricultura e tinham por missão aconselhar os lavradores a modificarem as suas explorações agrícolas para se habilitarem a enfrentar o futuro mercado europeu.

Passados creio que oito dias, voltaram, desta vez com alguns documentos, e pediram ao meu cunhado que fosse a uma reunião que teria lugar essa noite e em que participariam outros lavradores da região.

Fui com ele à reunião, que teve lugar na ampla e confortável casa de um amigo que já conhecia. Estariam, ao todo, vinte pessoas, todos com o aspecto confortavelmente próspero dos lavradores ingleses à noite, bebendo, sem cerimónia, a cerveja local que o dono da casa ia pondo, permanentemente, sobre a mesa.

Dada em frente de um imenso mapa regional, pendurado na parede, a explicação dos motivos que tinham provocado a reunião, esta foi prática, curta e sem citações de Cícero, Descartes e outros abalizados pensadores. Foi dada, sobretudo, sem que o funcionário do Ministério tentasse dar mostras de erudição literária ou entrasse na discussão de «profundos problemas teóricos» que a ninguém interessavam: a entrada da Inglaterra para a CEE levantava um certo número de problemas aos lavradores e alguns deles teriam de modificar radicalmente as suas culturas para conseguirem sobreviver.

Estas modificações tinham sido estudadas pelo Governo e constavam de documentos que seriam distribuídos pelos presentes no final da reunião. Nenhuma das modificações propostas era obrigatória — quem desejasse não sobreviver, ou arriscar o seu futuro, estava no seu direito, mas quem quisesse adaptar-se às novas circunstâncias teria o apoio do Governo.

O meu cunhado, para encurtar razões, tinha de modificar completamente a sua exploração, passando a dedicar-se à cultura do ruibarbo, para exportação, e de legumes, para o mercado interno. Tinha, por outro lado, de abater um bosque e de plantar outro, e de substituir as suas maçãs, plantadas para serem comidas à mesa, por outras de uma casta apropriada ao fabrico de cidra em Devonshire e na Normandia.

Quinze dias depois desta reunião, começou a transformação da quinta; dois anos mais tarde, a modificação estava completa, excepto no respeitante ao crescimento das novas macieiras e, em 1984, o meu cunhado voltará a enfrentar o futuro com toda a confiança numa CEE que viera enriquecê-lo e dar-lhe novas perspectivas de vida. Entretanto, o ano passado, veio despedir-se da irmã. Um cancro, de que nunca falara à família, condenava-o a morrer daí a dois meses, e «não queria partir sem dizer até à vista aos seus».

Passámos oito dias no mar que ele conhecia tão bem, e nunca me ri tanto ou

vivi tão alegremente como nesses dias. Depois, voltou para junto da mulher e dos filhos, a quem dedicara os seus últimos dias.

Os leitores, porém, não têm nada a ver com os meus desgostos pessoais, nem com o espaço vazio que o desaparecimento de alguns homens deixa à minha volta — o que lhes interessa são as coisas concretas que presidem à sua vida, como é o caso da CEE, que vem aí, carregada de promessas para uns e de ameaças para outros.

O meu cunhado, natural de um país mais rico e complexo do que o nosso, integrou-se, facilmente, na nova Europa — bastou-lhe, para tal, ter um Governo que soube fazer, a tempo e horas, um plano nacional que salvaguardou os interesses ingleses; estar dotado de uma administração regional que soube adaptar esse plano às necessidades locais, e pertencer a uma gente que, na hora de actuar, não se perdeu em discussões literárias, quando era a lavoura, e não a literatura, que estava em causa. Estaremos nós a proceder do mesmo modo?

Faço esta pergunta sem a menor animosidade contra o Governo actual, até porque não o responsabilizo pelos defeitos que fomos criando ao longo da História — este ou outro Governo actuariam da mesma forma — mas não posso deixar de me perguntar se estaremos a fazer o que está ao nosso alcance para os nossos lavradores compreenderem que a CEE tanto pode vir a enriquecê-los como a pôr termo, de vez, às suas esperanças.

Pergunto-me se teremos gente a percorrer Trás-os-Montes, as Beiras, o Alentejo com a missão de explicar o que vai ser da nossa agricultura quando nos começarem a chegar produtos estrangeiros de qualidade superior à nacional e, mais ainda, se essa mesma gente andará a explicar aos nossos lavradores o que é que eles têm de plantar e como é que vão vender os seus produtos numa Europa a que não falta nada, ou num mercado interno que vai ficar cheio de produtos vindos de toda a parte.

Receio que percamos, mais uma vez, o nosso tempo, em discussões «importantíssimas», em questões «filosóficas» que a ninguém interessam, em mil e uma demonstrações de sapiente erudição apenas importantes para quem queira compreender o significado «oculto» e «misterioso» da cruz de Cristo das nossas velhas caravelas, mas totalmente inúteis para quem tenha de participar na história contemporânea, plantando e vendendo cenouras, nabos e repolhos.

Perdoem-me esta explosão, mas vejo, diariamente, o que se está a fazer, sem discursos nem ruídos, em Inglaterra, em França e em Espanha; e, percorrendo

Portugal, tenho a impressão de estar num deserto imenso em que todos falam e berram, mas não fazem nada. E sei que o futuro avança a passos largos e que ninguém está disposto a subsidiar eternamente quem não sabe aproveitar os momentos históricos em que os grandes subsidiam os pequenos.



Luís de Sttau Monteiro

LETRA DE FORMA

PÚBLICO

De um artigo de João Carlos Espada:

(...) Na acepção liberal, é isto a democracia: a impossibilidade da tirania de uma única opinião, mesmo que se trate de uma opinião maioritária. Deste ponto de vista, o acatamento de votações maioritárias é uma simples regra prática para as coisas funcionarem. Não contém nenhum reconhecimento da necessária validade das opiniões maioritárias.

Eis porque muito pior do que opiniões maioritárias são «colectivos dotados de consensos», isto é, colectivos dotados de opiniões singulares. Num colectivo deste tipo, acabou a possibilidade de confrontar opiniões rivais e, por esse meio, de corrigir os erros inerentes a qualquer delas (...)

29.Maio.90

o Diabo

De um artigo de Vera Lagoa:

(...) Os espanhóis invadem Portugal com os seus empreendimentos, impondo regras e poder e ninguém se preocupa. E se fossem só os espanhóis!... Portugal nunca esteve tão à beira de perder a sua identidade como nação. Mas isso que importa, comparado com a «glória» de se poder ganhar um jogo em que grupos mistos de nacionais e estrangeiros, pagos a peso de ouro, ostentam garbosamente ao peito uma marca publicitária qualquer? (...)

29.Maio.90

Diário de Notícias

De um artigo de Torres Couto:

(...) Quando pensávamos que o monstruoso genocídio praticado pelo Terceiro Reich contra mais de seis milhões de judeus, democratas e minorias étnicas nos campos de concentração nazis, nos anos 40, já não passava de um terrível pesadelo, eis que somos abalados por actos generalizados de anti-semitismo, com a profanação do cemitério judeu de Carpentras, de Vissembourg, do campo de concentração de Turkheim, dos túmulos de Bertold Brecht e Helena Weigel em Berlim-Leste, crimes contra os mortos: inqualificável e incompreensível.

As sepulturas desventradas nos cemitérios judeus obrigam-nos a reviver os actos monstruosos cometidos nos piores momentos da nossa história.

Tais actos de barbaridade constituem um grave ultraje a qualquer sociedade civilizada e são simultaneamente um incitamento ao racismo, à xenofobia e à intolerância, incompatíveis com os ideais de paz e solidariedade da nossa comunidade. (...)

28.Maio.90

CAPITAL

Da crónica «O poço da cidade», de Appio Sottomayor:

(...) Sendo Maio o mês do coração, poderia o lisboeta ser levado a pensar que andavam a testar o dele. Só assim se explicaria o segundo susto sofrido no Mosteiro dos Jerónimos com intervalo de poucas semanas.

Não se trata aqui de aguçar qualquer alarmismo. Afinal as autoridades competentes (Secretaria de Estado e Instituto do Património Cultural) terão agido da forma necessária mandaram suspender as visitas e apressar os estudos da análise. Aparentemente ao menos, está-se a trabalhar para remediar.

Mas, se não cabe aqui qualquer sensacionalismo barato, também não é fácil calar a inquietação. Os Jerónimos, senhores? Mas é como tocarmos na alma, na dignidade, na própria razão de ser.

Uma coisa é o saudosismo mais ou menos doentio; outra, inteiramente diferente, é a consciência do todo que somos. (...)

28.Maio.90

Diário
de LisboaFundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.Presidente do Conselho
de Administração: **António Ruella
Ramos.**
Administradores: **Maria
do Carmo Ruella Ramos, João
Manuel Ruella Ramos, António Brás
Monteiro e António Gomes
da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**Exerceram anteriormente
a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
**António Ruella
Ramos** (1967/1989)Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
**José Leite Pereira, Paulo David,
Rodrigues da Silva e Rui Camacho**Redactor-principal
João Paulo de OliveiraCoordenadores de Secção:
**António José Teixeira, Eurico
Vasconcelos, João Galamba
de Oliveira, José Luís Feronha,
Maria Guilomar Lima, Neves
de Sousa e Vítor Leitão**Repórter-coordenador:
Adelino CardosoRedactor-paginador
António Ribeiro FerreiraRedacção e reportagem fotográfica:
**Almeida Henriques, Alves
Henriques, Ana Mafalda Inácio,
Ana Paula Sá, Augusto Vilela,
Carlos Campones, Céu Neves,
Daniel Reis, Dina Soares, Duarte
Calvão, Elsa Andrade, Emília
Trindade, Ernesto Sampaio,
Fernando Brederode Santos,
F. Dias Brito, Gisela Oliveira,
João Isidro, Jorge Ferreira,
José Rui Cunha (Bruxelas),
Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra
Botinas, Lurdes Féria, Maria
Antónia Martinho, Maria João
Martins, Maria João Rocha, Maria
José Belo Marques, Marina Tadeu,
Marina Tavares Dias, Paulo Martins,
Pedro Alvim, Pereira de Almeida,
Rodrigues Borges, Rui Eduardo
Paes, Rui Ferreira e Sousa,
Rui Nunes e Rui Pacheco**Colaboradores permanentes
da Redacção: **Alessandra Balsamo,
Daniel Oliveira, Francisco Paraíso,
Isabel Joyce, Jorge Fallorca
e Roby Amorim.**Cartoonistas: **António Alfredo
e José Bandeira**Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador),
**Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo
e Luís Tenreiro**Paginadores:
**Antonieta Teixeira, José António
Carvalho, Jorge Santos,
Pedro Pessoa, Oscar Figueiredo
e Ricardo Magalhães**Secretária de Direcção
Maria Eduarda SoutelloSecretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador),
**António Lima e Maria
Helena Matos**Chefe de Publicidade
Luísa ValadasGestor de Informática
Luís CanteiroRedacção, Administração, Publicidade
e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano,
44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 -
Telegramas DIBOA - Telex 12363
DIAROP
- Telefax 3467134. Impresso
na Renascença Gráfica, SA
- Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.
Distribuído por Interpress - Rua do
Norte, 115-1º - 1200 Lisboa
- Telef. 322100/322204/320784.
Depósito legal nº 1426/82. Preço do
jornal: no Continente, 60\$00; na
Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.PORTE
PAGOMOZART, LEOPARDI
E AS NEUROSES DE D. LISANDRO

O «Amadeus» de Claudio Casini (ed. Rusconi), como de resto já o filme de Milos Forman, alimentou nas páginas culturais o debate sobre a morte de Mozart. Assassínio ou doença? Salieri ou Sussmayer? Temo que semelhantes interrogações contribuam para piorar o nosso modo de escutar Mozart. Adolescente innamorado de Chopin, fui seduzido pela sentimentalíssima biografia que lhe foi dedicada por Nino Salvaneschi, e ouvia nocturnos ou «polacas» pensando no exilado que deixava a sua Polónia natal com a «fitinha de Constança no coração. Depois, vi o filme com Cornel Wilde o qual, todo ginastizado, encharcava o teclado de sangue, e fiquei curado. Para o diabo as razões hidráulicas que provocaram o prelúdio da gota. Chopin é a sua música e basta.

Admito que seja curiosidade humaníssima querer saber se fulano, que conhecemos e amamos, teve uma infância difícil; mas já é diabólico querer saber se teve a «ejaculatio precox». Não existe muita diferença entre a revisteca que nos revela como certa actriz arranjou um romance e algumas biografias, academicamente empenhadas, nas quais se denuncia que os Suevos tratavam a mulher de

Joyce com presunção. Certo que muitas vezes a fronteira entre o mexerico e a notícia importante é muito ténue, e saber que Mazzarino tinha uma relação com a rainha Ana pode ajudar a compreender alguns aspectos da sua política. Mas penso que é mais simples tomar uma decisão acerca de pessoas que, para além de serem acontecimento, produziram obras. Para ler uma poesia ou olhar um quadro, não é necessário conhecer a vida privada do autor. O autor que conhecemos é aquele que se manifestou como estilo e visão do Mundo. Não é de todo necessário saber se Proust era homossexual: o que ele tinha para nos dizer sobre a homossexualidade disse-o maravilhosamente em páginas que permanecerão memoráveis, mesmo se um dia descobríssemos que ele tinha sido um Casanova.

Há tempos, no decurso de um «Maurizio Costanzo show», Vanni Leopardi, simpático e desembaraçado descendente do poeta, veio dizer com desenvoltura que Leopardi tinha tido experiências sexuais. Como?! Leopardi «ia às meninas»? Os outros intervenientes mexiam-se embaraçados nas cadeiras, Costanzo tentava minimizar, Vanni imperturbável continuava a asseverar que Giacomo (assim o chamavam em família), talvez por indesejada

precaução, tinha conhecido as mulheres em sentido bíblico, e os presentes olhavam-no desdenhosos como se ele tivesse insinuado que Silvia era uma desavergonhada. E, no entanto, aquela reacção era decerto ingénua mas não despropositada: Leopardi aquilo que os seus cantos nos apresentavam e esta imagem só pode ser perturbada com pormenores que a obra não regista.

Em «Os últimos excêntricos» (Ed. Rizzoli) Lea Vergine entrevista Cioran e conclui que Cioran é um homem jovial, cheio de humor e de fácil gargalhada. A reacção normal de quem lê Cioran é interrogar-se se se deve suicidar já ou dentro de uma semana. «Tertium non datur». Mas Cioran afirma que «tem um apetite desenfreado de viver». À parte o facto de, ao lê-lo atentamente, esta contradição possa até ser detectada em certas páginas suas, é realmente verdade que, na própria obra, o artista representa muitas vezes, não aquilo que é, mas o que queria ou receia ser; a concentração artística sobre uma paixão (realmente sentida) pode tornar-se de tal modo espasmódica que impõe ao autor uma máscara (que pouco a pouco se torna natural) que

o leve a libertar-se daquele desespero ou daquela loucura a que condenou as próprias personagens. Mas se isto é importante para uma psicologia do fazer artístico, não o é seguramente para a compreensão de uma obra de arte.

Manzoni era um neurótico chapado (oprimido por inúmeros desgostos familiares) mas a única coisa que não nos surge ao lermos «I Promessi Sposi» é que esta seja uma obra neurótica. Pode-se, como fez recentemente Paolo Valesio no volume colectivo «Leggere I Promessi Sposi» (ed. Bompiani), analisar com desconfiada subtilidade a técnica da reticência manzoniana, especialmente quando se aplica a problemas sexuais: mas as reticências do romance harmonizam-se optimamente com o humor tranquilo e compreensivo que o percorre.

Numa obra não se deve procurar o autor empírico mas aquele Autor-Modelo que se manifesta no modo de pôr em cena palavras, ideias, cores ou sons. Um senhor que sabe iniciar a Quinta com o fatídico «ton-ton-ton-ton!», acreditem-me, não era um surdo.

Exclusivo
L'Espresso/DL
(trad. de Manuela
Ferreira de Almeida)



Umberto Eco

Memória de Inhambane (conclusão)
UM NOVO PAPEL PARA OS PORTUGUESES

O problema interno à sociedade moçambicana respeita simplesmente à natureza e estrutura do Poder. É evidente que a reconstrução do país exigirá ampla mobilização popular, mas esta mobilização só poderá (agora) ser democrática, participada, descentralizada, exactamente o contrário da experiência vivida após a independência, com os desastrosos resultados que hoje praticamente todos reconhecem. A questão não é tanto de «pluralismo partidário», à nossa maneira ocidental, mas antes de articulação num projecto nacional de diferentes povos (etnias) dispersos por um país extenso e não estruturado, mas antes triturado por sucessivas vagas de violência. Poderá imaginar-se no futuro um Estado federal moçambicano? Não o sei. Mas não é realista pensar que a reconstrução moçambicana poderá ser apenas ditada por novos senhores de Maputo, agora bem assistidos por uma legião de «parceiros de desen-

volvimento», do Banco Mundial, à CEE, África do Sul, etc. Não creio que tal «solução» assegure paz, mesmo sem pensar em desenvolvimento.

A outra ordem de problemas respeita à estabilização do contexto da África Austral, em particular da República da África do Sul. É bem evidente que esta voltará a desempenhar o papel decisivo na região, logo que novo armistício social possa substituir o obsoleto regime do apartheid. Mas não sabemos quanto tempo será necessário para isso e em que ponto de equilíbrio racial interno irá situar-se o processo de estabilização. Moçambique está flagrantemente dependente do timing do processo sul-africano, embora não seja necessário concluí-lo para reforçar a presença boer em Moçambique, como já se sente presentemente.

Falando novamente de Inhambane. Consta que sobre esta terra disse Vasco da Gama ser «de boa gente». Pude confirmar pessoalmente o dito desse Vasco, falando e convivendo facilmente com pessoas que me estimaram por ser português. Na parte velha da

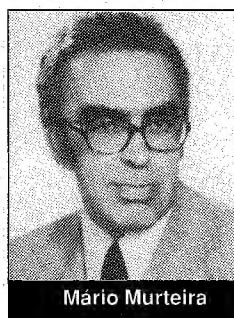
cidade, num bairro indiano semi-arruinado, uma mulher explicou-me que os seus antepassados tinham vindo de Dio e por ali ficaram. Agora, a cidade está geminada com Aveiro (foi-me dito isto, mas não sei exactamente o que significa) e dorme tranquilamente sobre uma baía onde pairam pequenos barcos à vela que me fazem lembrar velhas fragatas do Tejo.

De regresso a Maputo, num venerável Antonov da Força Aérea, na companhia de muitos alunos e alguns docentes da Faculdade de Economia que comigo visitaram Inhambane, penso nos portugueses que por ali passaram. Não foram melhores nem piores do que muitos outros, apenas diferentes. A questão é que desempenharam um específico e importante papel num tempo já há muito passado. Que papel lhes estará reservado agora neste tempo?

Não consegui indício válido na nuvem eletrificada da praia do

Tofo. Tão-pouco ousei perguntá-lo ao pescador profeta e visionário. Mas, de forma muito prosaica e comezinha (como convém a um economista profissional) direi que o papel dos portugueses hoje poderá definir-se perante padrões bem definidos: o empresário vivaço e oportunista que tem o seu papel histórico a desempenhar aqui e noutro qualquer lugar, como Peter Drucker nos ensina; o especulador de alta competição com alma de monhé (mesmo sem sê-lo de raiz) que poderá acabar na cadeia ou nas mais respeitadas e influentes esferas do poder económico privado; enfim, o técnico, professor ou profissional qualificados, que são aqui mais necessários do que talvez em quaisquer outras coordenadas do planeta.

Mas já não há lugar para o simpático comerciante de nome Oliveira da Figueira das histórias do Tintin, que foi símbolo generoso da chamada missão civilizadora dos portugueses.



Mário Murteira

INTERNACIONAL

O Presidente Bush, com uma posição realista quanto à distância que separa as duas superpotências, tem no entanto esperanças de, para além do desarmamento, convencer o seu homólogo soviético relativamente a questões fulcrais como o futuro da Alemanha unificada e a situação da Lituânia

«Nuvem de tensão» ensombra a cimeira de Washington

A Cimeira Bush-Gorbachev, que amanhã se inicia em Washington, tendo como pontos principais o desarmamento, o futuro da Alemanha unificada e a situação no Báltico, será o décimo nono encontro, depois da II Guerra Mundial, em que os dirigentes máximos das duas superpotências discutem o futuro do mundo.

Segundo palavras de George Bush, esta cimeira vai decorrer sob «uma nuvem de tensão», provocada sobretudo pelo conflito entre Moscovo e a República da Lituânia.

«Eu tinha determinado há muito que era de toda a importância que fôssemos longe nesta cimeira e que ela fosse um êxito. No entanto, estaria a enganá-los se não dissesse que a inexistência de diálogo entre lituanos e soviéticos é motivo de apreensão para muitos norte-americanos», disse Bush, durante um encontro com jornalistas.

Gorbachev ameaçou na quinta-feira passada impor o seu poder presidencial sobre a Lituânia se as autoridades locais não congelarem a declaração de independência e prometeu levantar as sanções económicas se a sua exigência

for aceite. Em conversa com deputados lituanos, Gorbachev disse que os lituanos podem tornar-se independentes dentro de dois anos se seguirem o processo delineado por Moscovo.

Bush declarou à BBC que durante a cimeira terá oportunidade para reafirmar o apoio dos Estados Unidos a uma Lituânia independente, salientando que Washington nunca reconheceu a anexação daquela república à URSS.

«Na minha opinião, Gorbachev vai levar por diante aquilo que afirma e isso, eventualmente, o direito da Lituânia à autodeterminação», declarou Bush.

O Presidente norte-americano salientou que os problemas internos da União Soviética não deverão afectar as conversações sobre a redução das armas nucleares.

Espera-se que durante a cimeira seja assinado um acordo para a redução substancial de armas químicas e armas nucleares de longo alcance.

Não são esperadas surpresas

Ontem, o Presidente norte-americano afirmou que considerava o seu homólogo soviético, Mikhail Gorbachev,

politicamente forte, apesar das dificuldades económicas e sociais que ele enfrenta.

Bush falava a repórteres acerca das suas expectativas em relação à cimeira, que se prolonga até 3 de Junho.

«A minha opinião é de que ele é bastante forte (no seu país) e eu disse isso depois de ter falado com numerosos especialistas soviéticos», salientou Bush.

Os comentários de Bush contrastam com os feitos no domingo pelo secretário de Estado norte-americano James Baker e pelo conselheiro para a Segurança Nacional, Brent Scowcroft, em diferentes entrevistas à televisão.

Baker afirmou que Gorbachev enfrentava agora, mais do que nunca, o perigo de ser derrubado e Scowcroft considerou ser impossível prever se o dirigente soviético conseguiria ou não conservar o poder.

O Presidente norte-americano disse ainda não esperar que Gorbachev trouxesse qualquer surpresa para a cimeira e que ele, pelo seu lado, não tinha nenhuma.

Bush reconheceu que o Presidente soviético «pode estar zangado comigo por causa de algumas coisas», mas

considerou que ele é «a espécie de homem com quem se pode falar muito francamente».

A União Soviética começou entretanto a desmontar uma estação de radar, há muito símbolo de desacordo com os Estados Unidos no tocante ao controlo de armas, disse um destacado funcionário do Ministério soviético dos Negócios Estrangeiros.

Vitaly Churkin, conselheiro próximo do Ministério soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, afirmou numa entrevista à estação de televisão «ABC» que tinha começado já o processo de desmontagem da estação de radar de Krasnoyarsk, na Sibéria.

«Sim, após alguns preparativos, começamos esse trabalho», disse Churkin à «ABC».

O anúncio de que tinham começado os trabalhos de destruição do radar, cuja estrutura equivale a uma altura de 30 andares, fez ultrapassar uma barreira à assinatura do acordo START sobre armas estratégicas, que os Estados Unidos se haviam recusado a assinar enquanto o radar fosse mantido.

Redacção «DL»/Lusa/AFP



Boris Ieltsin

Derrota pessoal para Gorbachev

Ieltsin eleito presidente da Federação Russa

O mais conhecido dos reformistas radicais soviéticos, Boris Ieltsin, foi eleito esta manhã presidente do Soviete Supremo da Federação Russa, a maior e a mais importante da URSS. Trata-se de uma derrota pessoal para Mikhail Gorbachev que na semana passada se opôs frontalmente à candidatura de Ieltsin, alinhando com os conservadores do partido. Entre outras propostas, Ieltsin defende transferir as decisões políticas e económicas das autoridades centrais para as instituições da poderosa república russa e o direito de esta se separar da União Soviética.

Ieltsin derrotou o primeiro-ministro da república russa, Alexander Vlassov, o candidato do aparelho do partido, obtendo a maioria absoluta com 535 votos contra 467. Vlassov foi ontem escolhido pelos conservadores em substituição de Ivan Polozkov, um representante da «linha dura». Com esta manobra desesperada, os conservadores esperavam roubar votos aos reformistas, já que Vlassov é considerado um moderado.

A eleição de Ieltsin, aos 59 anos de idade, vem coroar a sua extraordinária tenacidade. Apoiante desde a primeira hora da *perestroika*, transformou-se num crítico feroz devido à lentidão com que se processavam as reformas. Começaram os desentendimentos com Gorbachev, que o acusava de «especular com as dificuldades do país». Em compensação, Ieltsin acusa o presidente soviético de lhe mover uma perseguição pessoal.

Em Fevereiro de 1988, foi excluído do Bureau Político do partido, poucos meses depois de perder o seu posto de responsável dos comunistas em Moscovo. Depois de uma «travessia do deserto» foi eleito na Primavera de 1989 deputado de Moscovo ao Congresso dos Deputados do Povo. Em Março deste ano foi triunfalmente eleito deputado da Rússia por Sverdlovsk, uma cidade dos Urais de que ele foi dirigente durante vários anos e onde a sua popularidade é enorme.

Desde então, Ieltsin tem adoptado um estilo mais moderado nas suas intervenções do Soviete Supremo, ao mesmo tempo que fustiga o aparelho do partido, nas suas alocuções públicas. Muitos observadores acham que o segredo do seu sucesso entre a população se deve à facilidade com que usa expressões acessíveis nas críticas aos problemas da URSS e aos conservadores.

Estes, a quem Ieltsin acusa de «partidocracia», não lhe poupam críticas, chegando mesmo a acusá-lo de abusar do álcool, o que justificaria as suas intervenções desarmadas. Com uma estatura de atleta, sempre vestido com elegância, foi rotulado de demagogo pelos seus inimigos que o acusam de autoritarismo.

Nada disto parece afectar grandemente Ieltsin que tem uma longa experiência de resistência às dificuldades. Nas suas memórias, publicadas há poucos meses com grande êxito, conta como quando era criança na Sibéria, ele, juntamente com companheiros de brincadeiras, despoletou uma granada que tinham encontrado num hangar abandonado. A explosão arrancou-lhe vários dedos da mão esquerda, mas conseguiu sobreviver.

Redacção «DL»/AFP

Tropas soviéticas em dificuldades na Arménia

O comandante das tropas do ministério soviético do Interior na Arménia, general Iouri Chataline, alertou que seria necessário «reforçar os efectivos das tropas na Arménia se os órgãos locais não forem capazes de manter a ordem», revelou a agência TASS.

Mais de 200 mil pessoas participaram, ontem em Yerevan, capital da Arménia, numa manifestação convocada para comemorar o dia da independência da República mas que se transformou num protesto contra a morte de mais de 20 pessoas pelas tropas soviéticas.

A arménia celebrava a sua independência, declarada em 28 de Maio de 1918 e que terminou com a invasão das tropas do Exército Vermelho em 1920.

Fontes nacionalistas salientaram que a manifestação decorreu sem incidentes e com uma nota de pesar pelas mortes das dezenas de arménios, ocorridas domingo em confrontos com tropas soviéticas. «Em vez das comemorações da independência temos um dia de luto. Apelo aos arménios para que sejam prudentes», disse o líder do PC da Arménia, Vladimir Morsisyan.

Redacção «DL»/Lusa

União monetária alemã

De Maizièr e Kohl recusam qualquer alteração ao tratado

Os chefes de Governo das duas Alemanhas, Helmut Kohl e Lothar de Maizièr recusaram categoricamente, em Berlim-Oeste, qualquer modificação ao tratado de união monetária alemã embora não tenham posto de parte algumas medidas de acompanhamento, declarou um alto funcionário alemão citado pela AFP.

O chanceler da RFA e o primeiro ministro da RDA recusaram-se a fornecer pormenores sobre o encontro.

No entanto, o secretário de Estado leste-alemão, Guenther Krause, afirmou que em breve seriam anunciadas regras para evitar que haja abusos, quando da fusão das duas economias, a 1 de Julho.

Anteriormente, Kohl declarou que a data de 1 de Julho para a união económica tem de ser mantida e que não poderia vir a haver modificações no tratado.

Qualquer adiamento, disse, podia provocar uma catastrófica vaga de

alemães de Leste desiludidos para o Ocidente. A oposição social-democrata (SPD) da RFA reclamou medidas de acompanhamento ao tratado de união económica, medidas estas que o chanceler alemão federal está a estudar.

No entanto, o SPD parece estar dividido sobre a oportunidade do tratado em si.

No seguimento das declarações proferidas pelo candidato social democrata a chanceler, Oskar la Fontaine, defendendo que a introdução do DM na RDA a partir do dia 1 de Julho é «um erro de primeira ordem», Hans-Jochen Vogel, presidente do SPD teve que desmentir a existência de querelas internas entre os social-democratas. Mas, no SPD leste-alemão as reacções foram mais vivas, levando este partido a pedir a la Fontaine que voltasse atrás na sua classificação do tratado entre as duas Alemanhas.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

Viagem à União Soviética (1)

Até na Arbat, a zona reservada aos peões e ponto de encontro de artistas e jovens, os discursos têm um tom sufocado - «As pessoas deixaram de acreditar em Gorbachev: estão cansadas de tudo». Entretanto a desordem expande-se numa humanidade tresloucada à procura de uma nova identidade.

Anarquia debaixo do torpor

Moscovo, uma primeira impressão. O aeroporto em ruínas, com os guardas da alfândega indolentes e cansados. A rua interminável, cheia de buracos, mal iluminada, atravessa os subúrbios e desemboca, bruscamente, no centro da cidade. O cenário é de periferia, terrivelmente tétrico e desagradável, com a sua neve suja e os prédios degradados. Aqui um terreno abandonado, além uma fábrica em pleno centro da cidade, depois uma descarga pública, entre dois edifícios em construção que, deixam pensar, nunca serão acabados. Lama. Barracas. Uma arquitectura sem forma entre o falso arranha-céus e o verdadeiro casarão sem nenhuma elegância.

Deitar Moscovo

abaixo e começar do zero

Falando de Moscovo, Le Corbusier costumava dizer que seria preciso deitar tudo abaixo para recomeçar do zero. Aquelas ruas vazias, aqueles fantasmáticos transeuntes. Aquela paisagem urbana desolada que transpira o cinzento e o tédio. Esperava uma cidade ardente. Esperava encontrar uma atmosfera, se não de sublevação, pelo menos de alegria e entusiasmo. E, no entanto, é este torpor que me parece tão pouco consoloante à ideia que tinha da revolução gorbacheviana. Será possível que a capital, não só de todas as Rússias, mas de todas as *perestroikas*, seja este burgo adormecido, dobrado sobre si mesmo e sobre a sua miséria, mais parecido com as Minguettes ou com as Sarcelles parisienses, a cidade-dormitório, que com uma grande metrópole política?

As minhas primeiras impressões são confirmadas no dia seguinte, a caminho dos meus primeiros encontros marcados. A cidade, na manhã que começa, está certamente mais risonha. Há a Praça Gorki, onde as pessoas se juntam para ler «As Notícias de Moscovo» afixadas nos muros. Há as pequenas bancas de jornais, onde já há pessoas na bicha para comprar as últimas notícias. Há a Praça Vermelha, com os seus faustos. A Igreja de São Basílio e o encanto dos seus zimbórios, os seus campanários, as suas cúpulas.

Entre a Sterenska e a Rua Platnitskaia, há o que sobrou da antiga Moscovo, com as ruelas, as pérgulas, os jardins pouco cuidados perdidos ao fundo de um pátio, uma graciosa casa dourada que sobreviveu dos tempos dos czares.

«O povo está cansado»

Por fim há o Arbat que, desde que foi restaurado, tornou-se um bairro reservado aos peões e é o ponto de jovens, vendedores ambulantes, quiromantes, oradores de periferia. Portanto, de onde provém este torpor leve e insistente que envolve até o Arbat? Como é que os discursos mais livres, aqueles aparentemente mais insolentes, têm aquele tom surdo, como que sufocado?

«O povo está cansado» - diz um vendedor de calendários, de passaportes falsos e de medalhas - já não pode mais. Já não acredita.



«Há a Praça Vermelha com os seus faustos. A Igreja de São Basílio e o encanto dos seus zimbórios, os seus campanários, as suas cúpulas»

Depois Tania, a sua companheira: «O senhor é francês? É mesmo só nos vossos países que Gorbachev é adorado. Aqui as pessoas não se importam com ele. Já deixaram de acreditar nas suas palavras bonitas, nas suas belas promessas. De há quatro anos para cá, a sua popularidade nunca esteve a baixar tanto».

Surpreendido com estas conversas? Incrédulo? Sim, certamente. Só que, dois dias depois assistia a uma ilustração disso. É meio-dia, está muito frio. Uma multidão de moscovitas, muito agasalhados, dirige-se apressadamente para a manifestação que visa impedir - dizem - a realização de cerimónias comemorativas do aniversário do Outubro de 1917. Um orador fala dos mineiros em greve. Outro da necessidade de lutar contra a corrupção do Estado. Um terceiro reclama a exclusão póstuma das fileiras do Partido Comunista do camarada Estaline.

O problema é que, contando bem, são apenas dois ou três mil os manifestantes que assistem a este momento e têm todos o ar de ser estudantes, intelectuais ou professores. O facto de dois ou três mil aplaudirem sabiamente os voos líricos de um punhado de deputados, não lhes dá a aparência, nem a importância das multidões que, então, invadiam as ruas de Berlim. Parece quase que a *perestroika* nascida em Moscovo, está a perder o fôlego; parece quase que, triunfante na periferia em todas as zonas-satélite onde, de certa maneira, foi exportada, ela tenha caído em desgraça mesmo no centro do sistema.

Testemunho duplo

Encontrava-me em Moscovo quando o Muro de Berlim caiu. E

sobre este ponto posso fornecer um testemunho duplo. Primeiramente, não estou certo que o efeito surpresa tenha sido muito maior nas embaixadas ocidentais do que na *nomenklatura* moscovita, cujos comentários recolhi, no mesmo dia, do «Ogoniok» ou da televisão. Isso, parece-me, levaria à relativização da lenda de um Gorbachev onipotente que do Kremlin teria maquinado a revolta dos berlineses. Mas sobretudo tive a impressão que se a *intelligentsia* exultou, ultrapassado o primeiro choque, se recebeu o evento como o anunciar-se de uma fabulosa e imensa libertação - o povo, ao contrário, recebeu a notícia e reagiu a ela de uma maneira muito mais morna.

Nenhuma grande manifestação nem explosões de alegria. Apenas um frémito, num sábado à noite, no Arbat, quando começou a passar-se de mão em mão o primeiro artigo do «Pravda». «Estás admirado», pergunta-me com uma ponta de amargura, Boris Kagarlitski, aquele jovem líder trotsquista que era uma das vedetas daquela reunião tumultuosa do outro dia e que reencontrei, naquela noite, sentado à frente de uma mísera chávena de leite que foi o nosso jantar. «Está enganado, porque Berlim está longe, meu caro amigo».

E o povo de Moscovo tem duas preocupações e apenas duas, suficientes para manter ocupada toda a sua inteligência política: a penúria que se agrava e a desordem que se amplia».

Mercado negro

Quanto à penúria, naturalmente, é para mim difícil avaliá-la de maneira precisa.

Aquilo que posso afirmar é que, durante a minha estada vi o alargar-se das bichas à frente dos

«Univermag», dia após dia, vi como imprevisivelmente começaram a faltar os produtos de primeira necessidade como o sal, a carne, o detergente ou também as batatas; vi os maços de cigarros americanos - num país onde o salário médio anda à volta dos 200 rublos - a serem vendidos no mercado negro a 20 rublos em Moscovo, 25 em Leningrado, 40 em Stochi e em Gorj.

Em Stochi, de facto uma cidade que ostenta uma verdadeira vocação turística, era impossível encontrar uma chávena de café ou chá nos hotéis.

Posso referir também o velho georgiano, nacionalista moderado e gorbacheviano bastante fiel, que há anos se ocupa do abastecimento de um armazém de revenda, que me conta como a desorganização dos meios de transporte é tão grande que a fruta e a carne, quando chegam ao destino, quase sempre já estão deterioradas.

Na verdade, piorou assim tanto a situação? E, no tempo do estalinismo as coisas corriam melhor? No limite, o importante não é que isso seja verdade mas que as pessoas acreditem que o é. É um facto consolidado na União Soviética de hoje, o crescente número de pessoas que lembram com saudades os bons tempos do «caviar brejneviano».

Quanto à desordem, pelo contrário, ela é uma característica e um ponto de honra da *glasnost* que faz questão de nada dissimular da gravidade da situação. Não passa um dia sem que o «Vramat», o telejornal diário, não seja o eco do clima de prevaricação generalizada em que flutua a economia. Não existe uma emissão do «Boa noite, Moscovo» - o grande programa da noite com um tom incrivelmente

tanto - ao longo da qual não seja revelado o pormenor de uma fraude ou o nome de um açambarcador ou o escândalo de três jovens que, vindos da periferia para descarregar uma encomenda de maçãs, receberam de misteriosos «milicianos» a paisana, a ordem de pirar-se.

Não há um número do «Notícias de Moscovo», de «Factos e Argumentos» ou de «Ogoniok» que, com o afincado digno de um «Washington Post» do melhor período, não volte a bater sobre os perigos da explosão de um mecanismo quase completamente emperrado. Sem falar de tudo quanto pude constatar pessoalmente: um bando de adolescentes em cólera em Gorj, um bando de falsos taxistas em Leningrado, traficantes de caviar e de dinheiro falsificado, organizadores do *racket* para os turistas, exploradores de mulheres até nos corredores dos hotéis, restos do exército afegão que arrastam o próprio rançar pelas ruas de Moscovo, a polícia de idade despedida por incompetência e agora convertido ao pequeno banditismo em Bolchevo. Enfim, todo um entrelançar de «ilegalidades» que já se pode ter tornado a lei do universo soviético.

Falência de pontos essenciais

Digo «ilegalidade», como poderia dizer: explosão ou implosão do nexos social. E isso tão verdade que, antes de ser política ou estritamente económica a doença de que sofre a URSS é aquela da desocialização, provavelmente sem precedentes. Crise de confiança. Crise de credibilidade.

Desordem daqueles sistemas que garantiam o funcionamento do país. Falência de todos os pontos essenciais que permitiam aos soviéticos, bem ou mal, de viverem juntos.

Durante estas duas semanas não só vi cair um regime, mas também uma sociedade. Vi rostos assustados que pareciam não saber mais nada acerca da própria identidade. Sobre tudo uma noite em Tbilisi, à sombra da Prospectiva Roustaveli, onde dezenas de bandeiras vermelhas acabam de ser queimadas, tive a impressão de uma humanidade louca, tresloucada, que ia à deriva, devagar, devagar, sobre a superfície da cidade. Já Lenin temia aquele antigo fundo anarquista e negro que - como ele mesmo dizia - era o génio maligno da Rússia.

Mikhail Gorbachev chegou a este ponto? Terá também ele, mesmo sem utilizar os mesmos instrumentos, que esconjurar à volta do génio? Ou é necessário ver, no clima de pânico que hoje reina em Moscovo, os sinais de uma desagregação agora inelutável? Tal me parece de qualquer modo, o verdadeiro desafio da *perestroika*, muito além dos *slogans* e dos contrastes visíveis.

Bernard-Henri Lévy
-exclusivo «Corriere della Sera»/«DL»

tard. Alessandra Balsamo

INTERNACIONAL

Agrava-se contestação ao governo de Bongo

Gabão declara estado de sítio

O primeiro-ministro gabonês, Casimir Oyé Mba, anunciou ontem à noite a instauração do estado de sítio na cidade de Port Gentil assim como em toda a província do Ogooué marítimo.

Esta decisão intervém após uma semana de grande agitação popular na capital económica do país que obtém da sua exploração petrolífera cerca de 80 por cento do produto interno.

O partido gabonês do Trabalho (PGP), da oposição, lançou uma vaga de manifestações contra o assassinato, na semana passada, do seu dirigente, Joseph Rendjambé, o qual levou a uma paragem quase completa em todas as refinarias de petróleo na região de Port Gentil.

Contrariando o estado de sítio, as manifestações prosseguiram na noite passada em Port-Gentil, informou a AFP, depois de o secretário-geral do PGP, Auguste Anboure, ter decidido esconder todas as suas armas na sequência da decisão administrativa. Este dirigente manifestou, no entanto, a sua intenção de manter a convocação de uma greve geral para obrigar o Presidente Omar Bongo a deixar o Poder.

Após a intervenção de tropas francesas, a pedido do Presidente gabonês, não se conseguiu assegurar o retorno à produção petrolífera e as maiores manifestações registadas no país desde a sua independência da França, em 1960, continuam a desenvolver-se. Segundo o ministro



Um grupo de residentes franceses de Port Gentil à chegada a Libreville depois da evacuação conduzida pelas forças militares francesas

da Informação, Jean-Remy Pendy-Bouyiki, o Gabão está a perder diariamente cerca de 50 milhões de dólares em exportações.

As companhias de petróleo, entre as quais a Elf-Acquitaine e a Shell, reduziram substancialmente a produção e evacuaram a maior parte do pessoal da antiga colónia francesa. Jean Lamarche, da Elf-Gabão, disse que a companhia evacuou 50 dos 600 trabalhadores, «sob a ameaça de manifestantes armados».

Segundo a AFP, citando o ministério dos Negócios Estrangeiros francês, cerca de 900 cidadãos franceses residentes em Port Gentil foram ontem agrupados a fim

de lhes ser acordada a melhor protecção.

Após a partida voluntária, na semana passada, de 1600 franceses, as autoridades de Paris deram ordens para serem escolhidos dois locais, o Hotel Ranch e uma concessão da sociedade petrolífera Elf, onde se encontram agora reunidos os que ainda não saíram. A operação correu bem, o que levou o ministério dos Negócios Estrangeiros a lembrar que a missão das forças francesas era assegurar a protecção dos seus cidadãos e que não participaria na manutenção da ordem no país.

Entretanto, ontem à noite, enquanto os bairros africanos

de Port Gentil viviam horas de grandes protestos populares contra o chefe de Estado, Omar Bongo, o centro da cidade estava quase deserto.

«Não seremos os primeiros a disparar» diz Auguste Anboure do PGP para explicar que o seu partido não é um grupo terrorista, «mas quando as tropas francesas partirem temos que estar preparados para tudo» e, declarou ainda o secretário geral do PGP, «se o Poder quiser um banho de sangue, nós estamos preparados».

Durante a manifestação de ontem à noite não houve incidentes a registar.

Redacção DL/AFP/Lusa

Situação na Libéria

«Iminente» ataque rebelde a Monróvia

Os rebeldes liberianos anunciaram a noite passada que um ataque a Monróvia estava iminente e que os combates com as forças governamentais estavam a desenvolver-se nos arredores do aeroporto internacional Rohertsfield, a 50 quilómetros da capital.

Outras forças rebeldes encontram-se a 23 quilómetros a norte da capital e registaram-se ontem confrontos na grande plantação Bridgestone (ex-Firestone) que tendem a alastrar à capital, segundo declarou ao enviado especial da Agência France Presse um dirigente rebelde que manteve o anonimato.

Os combatentes da Frente Nacional Patriótica (FNP) da Libéria tomaram posições em Kakata, um nó rodoviário estratégico, a meia centena de quilómetros a norte de Monróvia, e tomaram «definitivamente» Gbangba e Buchanan, duas cidades importantes, distantes a 150 quilómetros a norte e a 120, respectivamente, da capital.

O Governo anunciou a

semana passada que as suas forças tinham retomado Buchanan, o port por onde habitualmente escoava grande parte do minério de ferro, que constitui a principal riqueza da Libéria. Mas a FNP desmentiu esta afirmação governamental.

Em contrapartida confirmou que os combates foram «muito violentos» em Gbangba, como anteriormente o Governo tinha anunciado, com a indicação de que os rebeldes teriam perdido 350 guerrilheiros. A FNP não fornece números, mas afirma ter recuperado «uma importante quantidade de armas e de material».

De referir que, no passado fim-de-semana, o Governo liberiano de Samuel Doe havia prometido realizar eleições antecipadas, se os guerrilheiros cessassem os ataques.

Sabe-se entretanto que vários ministros do Governo da Libéria e outros funcionários abandonaram o país, refugiando-se na Serra Leoa, com receio do ataque iminente.

Redacção «DL»/AFP

B R E V E S

Trovoada segue hoje para São Tomé

Se não houver mais percalços, o ex-primeiro-ministro são-tomense, Miguel Trovoada deverá seguir esta noite para o seu país, pondo fim a um exílio de nove anos. Trovoada chegou ontem a Lisboa, via Paris, depois de ter permanecido desde quinta-feira na Ilha do Sal, em Cabo Verde, quando foi adiado e posteriormente cancelado o voo regular das linhas aéreas angolanas, TAAG, que o levaria a São Tomé. Trovoada tem que estar amanhã no seu país se quiser participar na vida política, já que termina o prazo de recenseamento eleitoral. A hipótese de se candidatar à presidência da República é dada como provável. Indagado pela agência Lusa se tencionava candidatar-se, Miguel Trovoada foi vago: «Regresso ao meu país para me envolver na vida política e, depois da avaliação da situação interna, tomarei as decisões que se impuserem».

Mandela hospitalizado

«Não há razão para preocupações» disse Gordon Cohen, director de uma clínica privada de Joanesburgo, onde ontem Nelson Mandela, de 73 anos, foi hospitalizado. Segundo a mesma fonte, o líder negro vai fazer exames de rotina e, dependendo dos resultados, poderá voltar para casa ainda hoje.

Guiné-Bissau e Senegal iniciam conversações

O ministro de Estado da Economia e Finanças da Guiné-Bissau, coronel Manuel dos Santos (Manecas) e o ministro senegalês dos Negócios Estrangeiros, Seydina Oumar Sy, são os chefes das delegações dos seus países que hoje se devem encontrar para uma primeira ronda de conversações com o objectivo de consolidarem o acordo de cessar-fogo obtido na quarta-feira, após confrontos fronteiriços que provocaram pelo menos 17 mortos. Não foi definido o local de encontro.

IRA mata «por engano»

Nicholas Spanos, de 29 anos, e Stephan John Melrose, de 24 anos, dois advogados australianos residentes em Londres circulavam domingo à noite num carro com matrícula britânica em Roermond, na Holanda, quando foram abatidos a tiro por um comando do IRA. Os guerrilheiros irlandeses tomaram-nos por soldados britânicos.

«Catana Ardente» ameaça Luanda

Luanda acordou hoje sobre a ameaça de recrudescimento da violência. Um panfleto posto a circular esta manhã de um grupo até agora desconhecido, auto-denominado «Catana Ardente», ameaçou raptar e matar todos quantos defendem o sistema de partido único. Políticos, jornalistas e cooperantes são os principais alvos do grupo que, afirma o comunicado, é composto por dissidentes da UNITA, do MPLA e da FNLA. Os autores do panfleto evocam Nito Alves, José Van-Dunen e o movimento de Maio de 1977, que esteve na origem de uma fracassada tentativa de golpe de Estado em Angola. O comunicado não vem assinado e até ao momento o Governo de Luanda absteve-se de emitir qualquer reacção sobre o assunto.

Fontes em Lisboa, afectas aos Democratas Independentes mostraram-se apreensivas sobre esta iniciativa, considerando que o tipo de discurso adoptado no comunicado entra em contradição com quem defende uma solução democrática em Angola. Este movimento poderá, acrescentam as mesmas fontes, ter ligações com diversos «gangs» existentes em Luanda compostos por desertores e refractários das FAPLA.

Hussein, Arafat e Mubarak marcam primeiro dia

Cimeira árabe dividida entre moderados e radicais

Três discursos marcaram o primeiro dia da cimeira árabe extraordinária que ontem teve início em Bagdad. Logo na abertura, o anfitrião, o presidente iraquiano Saddam Hussein, fez um discurso em que rejeitou as ameaças a Israel, no caso de este atacar os países árabes, mas ao mesmo tempo estendeu a mão aos EUA, dizendo que ficaria «feliz em estabelecer uma amizade na base do respeito mútuo e igualdade». Já o segundo discurso, de Yasser Arafat, foi mais violento, tendo acusado os EUA de não «clarificar» as suas posições sobre o Médio Oriente e condenando a emigração de judeus soviéticos para Israel.

O terceiro discurso, de Hosni Mubarak, foi mais conciliador, marcando a posição do presidente egípcio como chefe dos países árabes mais moderados. Mubarak disse que nas últimas conversações que efectuou com George Bush e Mikhail Gorbachev foram analisadas medidas que limitem a emigração dos judeus soviéticos.

Aliás esta emigração que, segundo Arafat e outros dirigentes da região como o rei Hussein da Jordânia «é uma ameaça à segurança nacional árabe» (tema geral desta cimeira extraordinária), será provavelmente o principal ponto do comunicado conjunto que deverá ser enviado a Bush e Gorbachev, a tempo de ser incluído na cimeira das superpotências que amanhã se inicia em Washington. Outros pontos dessa declaração final permanecem em aberto devido à grande desunião existente entre os árabes.

Menos violento do que se esperava foi o discurso de Saddam Hussein que mesmo assim reafirmou as suas ameaças a Israel advertindo que «uma agressão israelita contra qualquer país árabe terá sempre uma resposta pela força. Se Israel utilizar armas de destruição maciça (nucleares, químicas e biológicas), responderemos com o mesmo tipo de armas».

No entanto, o presidente iraquiano pareceu sensível à «legítima inquietação», manifestada pelo Departamento de Estado norte-americano quando das suas declarações de que poderia destruir Israel com mísseis e armas químicas. Agora Hussein pede aos EUA para escolherem entre um apoio incondicional a Israel e a amizade dos países árabes. Para ele, essa amizade seria bem-vinda desde que baseada em princípios de «respeito mútuo e igualdade».

Por enquanto, as condenações mais violentas aos EUA ficaram por conta de Arafat que disse no seu discurso: «Pedimos aos EUA para pôr fim aos adiantamentos, hesitações e confusões que marcam a sua atitude para com o Médio Oriente. Reclamamos o seu reconhecimento dos direitos do povo palestino à autodeterminação e independência nacional. Pedimos que aprovelem francamente a realização de uma conferência internacional de paz, em vez de proporem ideias confusas».

Redacção «DL»/Lusa/AFP

ECONOMIA

B R E V E S

Portucel apoia combate aos fogos florestais

A Portucel vai contribuir este ano com 210 mil contos para apoiar as acções de combate a incêndios nas florestas. A verba será aplicada nos programas de investigação em curso nas universidades de Coimbra, Lisboa e Trás-os-Montes, bem como na melhoria das infraestruturas florestais, tais como a construção de pontos de água, pistas de aviação, acessos e corta-fogos.

Fonsecas & Burnay lança novo cartão «Premier»

Chama-se «BFB Premier» o novo cartão VIP lançado pelo Banco Fonseca & Burnay. Para além de permitir aos seus titulares a realização de operações de débito e de disponibilizar uma linha de crédito automático, inclui uma série de serviços e benefícios. Entre eles destacam-se: um pacote de seguros de vida, saúde e viagem e descontos em unidades hoteleiras, aluguer de viaturas e agências de viagens.

Imoleasing emite obrigações no valor de 500 mil contos

A Imoleasing emitiu um empréstimo obrigacionista de 500 mil contos, por subscrição privada, o qual será seguido, num futuro próximo, por um aumento de capital de 1,65 milhões para três milhões de contos, através da emissão de 300 mil novas acções, sendo o restante por incorporação de reservas, na proporção de uma nova acção por cada quatro detidas.

Foi lançado o projecto Qualidade/Algarve

A Associação Empresarial da Região do Algarve (NERA) e a delegação regional da Associação Portuguesa para a Qualidade acabam de lançar o projecto Qualidade/Algarve. Aprovado para financiamento pelo PEDIP, visa promover a melhoria da competitividade de algumas empresas da região e a redução dos custos da não-qualidade. O projecto será desenvolvido durante trinta semanas e deverá estar concluído até ao final do ano.

O Conselho de Ministros da Indústria debateu apoios estatais à construção naval, cuja revisão Portugal aceita se não prejudicar concorrência com a Espanha

A CEE vai definir conceito de PME

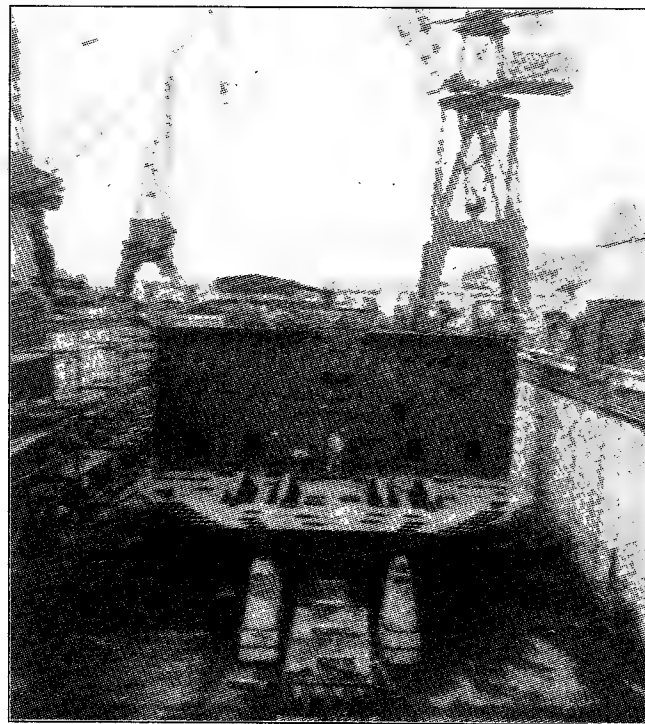
Do nosso correspondente em Bruxelas

As Comunidades devem definir o conceito de pequena e média empresa, o qual, na opinião de Portugal, não está harmonizado e é muito lato. A definição que se aplica a Portugal difere de outros Estados-membros, o que provoca dificuldades em termos de acesso a mercados e a novas tecnologias.

O Conselho de Ministros da Indústria dos Doze, que decorreu ontem em Bruxelas, debateu vários temas e não efectuou qualquer votação.

O secretário de Estado Alves Monteiro disse, no final da reunião, que o nosso País manifestou interesse na definição desse conceito. Em Portugal, entende-se por pequena e média empresa a que emprega menos de 500 trabalhadores e tem um volume de negócios anual inferior a um milhão e 250 mil contos.

No debate dos Doze, a construção naval assumiu especial acuidade, por estarem em causa as posições de dois



Indústria naval pode ficar sem apoios estatais

países: Portugal e Espanha. O nosso país encontra-se situado favoravelmente, sobretudo depois da exploração da Setenave ter sido entregue a um grupo privado,

o que reduziu as despesas do Estado.

Por seu turno, os estaleiros navais de Viana do Castelo, segundo Alves Monteiro, já diversificaram a sua clientela,

estando neste momento a cumprir encomendas da União Soviética, Reino Unido e Alemanha Federal. A carteira de encomendas estende-se até 1995 e Portugal não está preocupado com o final da cláusula de excepção de que beneficiava juntamente com a Espanha.

No entanto, defende, a haver revisão do estatuto actual, ela deve abranger ambos os países, por forma a não penalizar o nosso em termos de concorrência.

Aliás, a vertente da concorrência foi salientada pelo secretário de Estado da Indústria, ao defender a ligação do acordo multilateral, em negociação no âmbito da OCDE, à revisão da 6ª directiva comunitária.

Alves Monteiro - para além da concorrência espanhola, que parece não temer desde que ambos os países se encontrem em igualdade de circunstâncias em termos da definição dos apoios em subsídios estatais - citou como questões a ter em conta as empresas, nomeadamente do Leste e da Coreia.

JRC

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	41\$95	47\$95
ALEMANHA FED. (marco)	86\$95	88\$15
ÁUSTRIA (xelim)	12\$35	12\$55
BÉLGICA (franco)	4\$037	4\$287
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	123\$60	126\$10
(notas de 5 a 1000)	124\$10	126\$60
DINAMARCA (coroa)	22\$85	23\$25
ESPAÑA (peseta)	1\$359	1\$479
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	146\$30	149\$80
(notas de 5 a 1000)	146\$80	150\$30
FINLÂNDIA (marka)	37\$15	37\$75
FRANÇA (franco)	25\$80	26\$50
HOLANDA (florim)	77\$25	78\$35
IRLÂNDIA (libra)	234\$35	238\$35
ITÁLIA (lira)	\$108	\$123
JAPÃO (iene)	\$937	\$992
NORUEGA (coroa)	22\$60	23\$10
REINO UNIDO (libra)	248\$70	253\$20
SUÉCIA (coroa)	24\$00	24\$50
SUIÇA (franco)	102\$85	104\$35
VENEZUELA (bolívar)	286\$39	344\$39

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Marconi estreita ligações a África

África está mais perto para a Marconi. A última iniciativa desta empresa foi a proposta de formação de uma empresa mista às autoridades de Luanda para investir 150 milhões de dólares na modernização e desenvolvimento das suas telecomunicações nacionais e internacionais.

Para explicar a proposta, que será executada em cinco anos, um responsável da Marconi deslocou-se a Luanda, onde contactou com diversos ministros e responsáveis locais.

Em termos concretos, o projecto visa aumentar o número de telefones existentes de 62 para 200 mil.

Com a execução destes trabalhos, Angola melhoraria a sua realidade no domínio das telecomunicações em várias áreas: telefones, telexes, telefaxes, comunicação de dados, serviços móveis terrestres e marítimos e, ainda, distribuição de televisão e rádio FM por todo o território. Desta forma, o índice actual de 0,6 telefones por 100 habitantes passaria para dois. Segundo fonte da empresa, uma das grandes vantagens da Marconi em relação

à proposta feita é pertencer a um país que não fabrica nem comercializa centrais de telecomunicações, pelo que terá liberdade para escolher o equipamento que apresente a melhor relação preço/qualidade sem quaisquer pressões: «Portugal não fabrica nem vende esse equipamento e, por isso, podemos ser neutrais em relação à aquisição dos melhores sistemas existentes».

A trabalhar em Angola desde 1927, a Rádio Marconi é credora actualmente de uma dívida do Estado angolano que ascende a 21 milhões de dólares. Na base da existência deste problema está a não liquidação da prestação de serviços e o tráfego escoado por e para Portugal desde 1985. Três milhões de dólares referem-se, em particular, à assistência técnica prestada.

Isto não é, porém, obstáculo à manutenção e reforço do empenhamento da empresa neste Estado africano de expressão portuguesa.

De resto, um responsável da empresa afirmou que de acordo com a sua prática habitual, quando a Marconi propõe um investimento tão avultado pretende ficar numa

posição que lhe permita gerir com o seu know-how o negócio de forma eficiente e rentável, à semelhança do que já acontece na Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e em Moçambique.

Guiné-Bissau

A CPRM já possui uma empresa mista com a Empresa Nacional de Telecomunicações da Guiné-Bissau, denominada Guiné-Telecom.

Iniciado no último ano, este projecto já conduziu à realização de investimentos considerados significativos nesta antiga colónia portuguesa. Só num colónia portuguesa. Só num ano, a capacidade das centrais telefónicas integradas aumentou em 47 por cento. A nova empresa pôs em funcionamento o serviço móvel marítimo (comunicações de terra para navios em alto mar e vice-versa, segurança e apoio de pesquisa e salvamento) até então inexistente.

Outro projecto importante executado neste Estado foi a instalação de uma antena para recepção de televisão em particular as transmissões em directo para a Madeira e os Açores.

«DL»/Lusa

Melhores negócios com «África Mais»

Vai ser lançada esta semana no mercado a revista «África Mais», projecto editorial destinado aos gestores e investidores, empresários e quadros que procuram localizar ou concretizar projectos em África.

Dirigida por Francisco Máximo, a nova publicação tem um periodicidade trimestral. Contudo, mensalmente, será publicada uma news letter com os mesmos objectivos da revista.

Segundo Francisco Máximo, «África Mais» não surge para fazer concorrência a quem quer que seja, assumindo-se como projecto pela positiva. «Quer apenas ocupar um lugar que até agora ninguém procurou: o dos negócios em África», afirma.

A nova revista abordará questões sobre negócios, empresas e gestão, fornecerá indicações úteis e abrirá vias aos contactos dos empresários que queiram investir em África.

QUOTIDIANO

QUERCUS critica ministro do Ambiente Pesticida perigoso combate praga de insectos no Mondego

Um pesticida considerado perigoso para abelhas, peixes e fauna selvagem vai ser usado no baixo Mondego para combater uma praga de insectos que afecta os arrozais - anunciou a comissão de emergência nomeada, sábado passado, pelo ministro Fernando Real, para enfrentar a crise. Trata-se de uma comissão constituída por representantes dos ministérios da Saúde e da Agricultura, da Comissão de Coordenação da Região Centro, Associação dos Orizicultores de Portugal (AOP), Direcção Regional do Ambiente do Centro e Técnicos da Bayer e da Sapec.

Esta Comissão aconselha os agricultores a aplicar um produto à base de dimetoato, perante a falta de «alternativas à utilização de produtos fitofarmacêuticos aprovados». A aplicação deste produto, segundo a comissão, deve ser «preferencialmente localizada» e feita através de pulverização.

Durante a aplicação do produto, os operadores deverão usar máscaras de protecção e evitar o contacto directo do mesmo com a pele. A eventual utilização de meios aéreos no combate à mosca *hydrellia griseola* deverá rodear-se de «redobrados cuidados inerentes a esta forma de aplicação, de maneira a minimizar os riscos para o ambiente».

Os especialistas atribuem o aparecimento desta e de outras pragas, o lagostim vermelho, nos campos do baixo Mondego, a um «sério desequilíbrio ecológico» da região.

Entretanto, a Associação Nacional de Conservação da Natureza (QUERCUS), considera que o ministro do Ambiente é uma das «sete pragas do baixo Mondego», ao permitir a pulverização aérea de um produto perigoso nos arrozais.

A QUERCUS afirma, em comunicado, que o ministro Fernando Real se revelou «menos sensibilizado» que os agricultores ao ser «permissivo à sua intenção» de utilizar o dimetoato com o auxílio de avionetas.

Por outro lado, esta associação considera que os orizicultores «demonstraram um certo grau de consciencialização ecológica» ao reclamarem daquele membro do Governo soluções para a praga que ataca as suas culturas.

Os ecologistas referem ainda que Fernando Real «ainda não indicou o seu posicionamento face à eventual ampliação de uma unidade de pasta de papel situada junto à Figueira da Foz».

Unidade nos Seguros para revisão do CTT

A entidade patronal do sector dos seguros, quando no próximo mês se sentar à mesa para negociar a revisão do contrato colectivo do sector, encontrará os dois principais sindicatos «com uma só voz». Esta é uma «decisão político-sindical que deriva dos resultados eleitorais do Sindicato do Norte», disse ao DL Armando Santos, presidente do Sindicato dos Trabalhadores dos Seguros do Sul e Regiões Autónomas.

A aproximação entre as direcções dos dois sindicatos da UGT só se tornou possível após a recente vitória de uma coligação PCP/PS nos Seguros do Norte, que derrotou a lista da direcção cessante, quebrando assim a tradicional hegemonização da tendência social democrata. Chegar à mesa de negociações «com uma só voz» é a intenção das duas estruturas, segundo explicou ao DL Fernando Oliveira, o novo presidente do sindicato do Norte. Nesse sentido, as direcções dos sindicatos dos Seguros do Sul e do Norte reunem-se sexta-feira pela segunda vez para tomarem «decisões concretas» quanto à proposta sindical sobre a revisão do contrato de trabalho a negociar com a entidade patronal, cuja contraproposta é aguardada.

Fora desta frente sindical está, para já, o Sispes (afecto aos TSD), que foi convidado para a cerimónia da tomada de posse na nova direcção nortenha, mas não apareceu.

Depois das divergências verificadas na revisão da tabela salarial entre a estrutura do Sul (liderada pelo socialista Armando Santos) e a do Norte (então representada pela direcção cessante), a negociação do Contrato Colectivo de Trabalho (CCT) do sector será marcada pelo «reforço das posições sindi-

cais». Na reunião da próxima sexta-feira, as duas organizações «tomarão decisões concretas» sobre a matéria, segundo Fernando Oliveira disse ao DL.

«Durante esta semana a direcção vai estudar a proposta elaborada pela direcção do Sul e apresentar-lhe-a as alterações que nos parecerem positivas, no sentido de a melhorar», disse o dirigente do sindicato do Norte, acrescentando que os responsáveis do Sindicato dos Seguros do Sul «estão de acordo em reapreciar» o seu documento. «Vamos tentar encontrar uma plataforma de consenso», frisou Fernando Oliveira.

Em declarações ao DL, Armando Santos confirmou o «compromisso dos dois sindicatos em tentarem encontrar uma posição única nas negociações de revisão do contrato», considerando tratar-se de «uma decisão político-sindical que deriva dos resultados eleitorais no Sindicato do Norte».

Para Armando Santos, a nova direcção da estrutura nortenha «está com os trabalhadores e não a servir estratégias do Governo», o que possibilita um «reforço dos sindicatos» na tentativa de resolver os problemas dos trabalhadores do sector.

Outra consequência da mudança de orientação nos Seguros do Norte é o retomar de negociações entre as duas estruturas com vista à criação de uma federação do sector, assunto já abordado na primeira reunião das duas direcções, na passada sexta-feira.

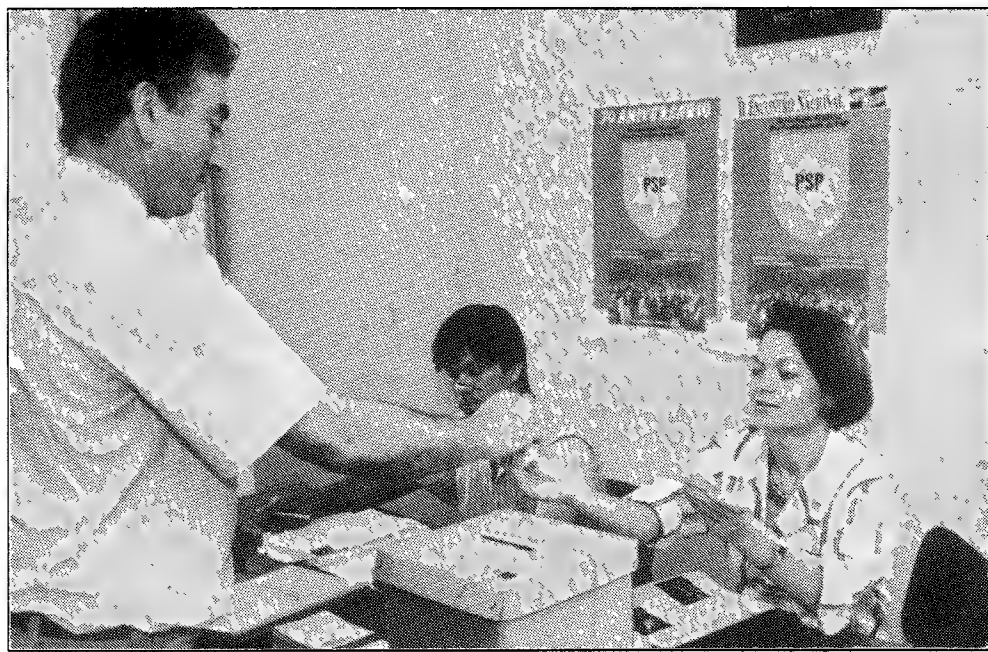
A federação dos Seguros é um primeiro passo «no trabalho a desenvolver para a criação de uma federação do sector financeiro (banca e seguros)», disse Armando Santos. **E.A.**

Voos para os Açores dependem do tempo

A TAP «só está à espera que as condições atmosféricas permitam o reinício dos voos para os Açores», afirmou esta manhã ao DL Jesus Amaro, do Gabinete de Relações Públicas da transportadora aérea nacional. São cerca de dois mil os passageiros que aguardam, em Lisboa e Ponta Delgada, o retomar das ligações aéreas entre as duas cidades. O cancelamento dos voos Lisboa - Ponta Delgada - Lisboa, da TAP e de outras transportadoras aéreas, teve origem nas más condições meteorológicas que se registaram na região dos Açores durante o fim-de-semana.

Loures e o Tejo

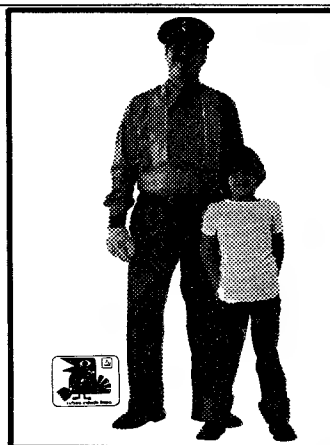
À hora de fecho deste edição decorre uma visita à zona ribeirinha do município de Loures. Mais concretamente, à faixa do Tejo que abrange a plataforma de Beiroles e foz do Trancão. A viagem, que não deverá ser seguramente «agradável» pois tem como objectivo dar a conhecer o estado de degradação ambiental e urbanística em que se encontra aquela área, visa simultaneamente divulgar os projectos da Câmara para devolver aquele terreno estuarino à população.



Polícias vão às urnas Os cerca de 10 mil filiados na Associação Sócio-Profissional da PSP (ASP-PSP) elegem hoje os primeiros corpos gerentes da Associação, cujo candidato à presidência da direcção é o sub-chefe José Carreira. As eleições, que decorrem a nível nacional, contavam, até final da manhã, com uma elevada afluência às urnas, afirmou ao DL uma fonte da Associação.

Lotaria Popular

1 ^o 121413	3 000 000\$00
2 ^o 063061	750 000\$00
3 ^o 375853	500 000\$00
4 ^o 486197	250 000\$00
Terminações em 1413	85 000\$00
Terminações em 413	60 000\$00
Terminações em 061	15 000\$00
Terminações em 853	4 000\$00
Terminações em 197	1 500\$00
Terminações em 43,81,36,61,57 e 28	500\$00



jornal de letras, artes e ideias



Manuel Alegre:

os 25 anos
da «Praça da Canção»

Exposição de Cesariny,
Cruzeiro Seixas, Vespeira e

Fernando Azevedo:

«O Surrealismo
está vivo»

O êxito no Scala da ópera de Saramago

- Crítica de Mário Vieira de Carvalho
- Depoimentos de Maria Barroso e Lopes-Graça
- Texto de Eduardo Lourenço

Dois mortos e mais de três centenas de feridos

O desastre ferroviário ocorrido ontem na estação da Cruz da Pedra, em Benfica, provocou duas mortes. Francisco José Pereira, de 29 anos, que se encontrava internado em estado grave no Hospital de Santa Maria, faleceu a noite passada, cerca das 21 horas, no serviço de urgências daquele estabelecimento hospitalar. A outra vítima deste choque de comboios foi Ermelinda Mendes, de 80 anos, cujo falecimento foi atribuído a um colapso.

Do acidente resultaram mais 350 feridos, oito dos quais em estado considerado grave. O elevado número de acidentados, para o qual terá contribuído o facto do sinistro se ter verificado em hora de ponta, levou o Instituto Nacional de Sangue a lançar um apelo à população para a doação de sangue.

Cerca de 40 feridos encontram-se ainda internados. No Hospital de Santa Maria estão internadas seis pessoas na secção de ortopedia, no Hospital de São José estão ainda 33 indivíduos, enquanto na Cruz Vermelha apenas se encontra hospitalizado um ferido que sofreu um traumatismo craniano.

Maquinista alega falha no freio

O maquinista Adérito Ramos Lopes, de 58 anos e 30 de serviço, condutor do comboio que, vindo do Cacém, embateu ontem noutro parado na Cruz da Pedra, afirmou que não conseguiu travar a composição, embora tivesse tentado tudo para evitar a colisão entre as duas máquinas. Esta versão de «falha do sistema de freio do comboio» é reiterada pela Federação dos Trabalhadores Ferroviários Portugueses, mas contraria a da CP e do ministro dos Transportes, que dizem haver «fortes indícios de falha humana».

Segundo a versão do maquinista, a composição que conduzia arrancou em Benfica com o sinal verde e junto ao sinal seguinte, que estava vermelho, encontrava-se outra composição parada. Pelo que, disse, já não terá tido tempo para mais nada e o freio do comboio não respondeu ao desespero da situação. A verificar-se a confirmação de «falha humana» no inquérito ao acidente, o maquinista Adérito Ramos poderá vir a ser despedido. A comissão nomeada ontem pela CP estuda neste momento as causas do sinistro e as suas conclusões deverão ser divulgadas amanhã à tarde pelo ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, Ferreira do Amaral.

A anunciada ligação à linha de cintura vai favorecer muitos utentes na região da Grande Lisboa. Mas a morte espreita nas vias ferroviárias suburbanas e os investimentos na segurança tardam

Prioridades nos comboios: novas linhas ou segurança?

«A linha de Sintra não é um caso pontual, ela reflecte uma situação presente em todo o resto do país» afirmou ontem, ao DL, o responsável pela Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Ferroviários Portugueses (FSTFP), José Antunes, poucas horas decorridas sobre o acidente da Cruz da Pedra.

Ainda em tempo de rescaldo do último acidente ferroviário na linha de Sintra, a Federação não poupa críticas ao Conselho de Gerência da CP, garantindo que «se as promessas não faltam, os investimentos tardam».

José Antunes, coordenador da Federação, vai mais longe e afirma que já em 1985, o então presidente do Conselho de Gerência da CP, Queirós Martins, «dizia o mesmo que o primeiro ministro disse na semana passada».

«Há que investir no transporte ferroviário de modo a cativar os utentes para a utilização do comboio mas há que oferecer-lhes, como contrapartida, maiores condições de segurança», adiantou.

Condições de segurança que foram ontem reivindicadas pela recém-formada Comissão de Utes da Linha de Sintra, exigindo, pouco depois do acidente de Cruz da Pedra, «a alteração da situação de perigo a que diariamente estão sujeitos os passageiros» das composições daquela linha.

Segundo a CP, que antecipando-se à comissão de inquérito entretanto nomeada, emitiu já um parecer sobre a sua provável origem, o acidente teria sido causado por «falha humana». No entanto, a Comissão de Utes contrapõe, uma vez mais, «a sobrelotação dos comboios e a degradação do material circulante».

Ao princípio da noite de ontem, um membro da Comissão de Utes anunciou que esta organização vai solicitar ao Parlamento Europeu e ao Conselho da Europa um inquérito sobre as condições de segurança a que estão sujeitos os passageiros da linha de Sintra.

Em 1985, o acidente de Alcáçova fez 54 mortos, 138 feridos e um número indeterminado de desaparecidos. Um ano depois, a Póvoa de Santa Iria vitimava mais duas dezenas e feria gravemente 47. Em Agosto do ano passado, o número de descarrilamentos e colisões da CP faziam Portugal ocupar o terceiro lugar da Europa Comunitária e o quarto entre os 19 países da União Internacional de Caminhos de Ferro. Estatísticas internas e provisórias, na altura, garantiam que o



Eurico de Vasconcelos

O acidente demonstrou a necessidade de instalação, na linha de Sintra, de um sistema automático de controlo de velocidade

fazer funcionar as quatro linhas (duas linhas ascendentes e duas descendentes) de modo a poder escoar o enorme fluxo de passageiros».

A verdade é que, segundo palavras do responsável pela Federação, «ao crescente número de habitantes dos dormitórios de Lisboa, a CP não fez corresponder o equivalente aumento de transportes».

As precárias condições de segurança subsistem. Ao contrário da linha de Cascais, a linha de Sintra apresenta um mecanismo de sinalização antiquado que nada tem a ver com o sistema de controlo automático de velocidades da linha costeira. A instalação deste meio na linha de Sintra está programado para 1994, mas o acidente de ontem veio dar razão aqueles que têm insistido na prioridade para esta medida. A Federação Sindical alertou, ainda, em comunicado ontem emitido, para a «tentação» da comissão de inquérito atribuir as causas do acidente a falha humana «que na CP funciona como o grande bode expiatório dos elevados índices de sinistralidade».

E..T.

Reforma Educativa: «o rei vai nu»

A Reforma Educativa, iniciada há dois anos, tem cada vez menos apoiantes e mais opositores. A contestação de professores em profissionalização «via» Universidade Aberta é o exemplo mais recente deste descontentamento. Por isso, o título da mesa-redonda, ontem realizada pela Fenprof, dava a entender que: «O rei vai nu». Ana Benavente, da Faculdade de Ciências e membro do Conselho Nacional deste sindicato, explicou ao DL porquê: «Agora começa a ser claro que a reforma é outra. Esta passa por uma crescente importância do ensino privado, a confessionalização do sistema público, o reforço da selectividade social e a desvalorização dos professores».

Concordando com aquela designação, António Barreto falou na discrepância entre as medidas do governo e a Lei de Bases do Sistema Educativo. Esta, afirmou, «pode criar a ideia de que não se está a fazer nada ou que existe uma grande confusão. O que não é verdade. Há várias reformas». Aquele deputado deu como exemplos da estratégia governativa, os «privilegios do ensino superior privado e a mensagem bíblica» divulgados nos programas educativos. O problema agravava-se quando, segundo os intervenientes no debate

- professores, do ensino secundário e universitário, e políticos -, as resoluções governativas se refugiam num «discurso político de sedução». Discurso esse que criou expectativas. As mesmas que, uma vez goradas, apelam, agora, à mobilização da opinião pública em geral, e dos agentes de educação, em particular, para «retomar ofensivas múltiplas» que ponham a «nu» as carências desta reforma.

Ana Benavente confirmou que «se tem deixado muito espaço ao governo». Só por isso, os professores podem ser culpados da actual situação, em especial no que diz respeito à desvalorização profissional. «É verdade que não se assumiu formas de luta mais radicais. Mas essa consciência também se constrói. Por outro lado, os problemas são tantos que nos ajudam a organizar uma oposição activa», acrescentou ao DL.

«As próximas iniciativas irão no sentido de debater a questão e evitar que as coisas passem neste cinzentismo», afirmou, por seu turno, António Teodoro, presidente da Fenprof.

Há dois anos, os ânimos eram diferentes. Iniciativas como o «Dia D» - em que docentes do ensino secundário se organizaram em grupos de trabalho para discutir as propostas

de reforma, não se sabendo qual o objectivo real desta discussão - e o Programa Interministerial de Promoção do Sucesso Educativo (PIPSE) colheram os seus frutos e, segundo a Fenprof, «funcionaram como um tampão à luta social e política».

No entanto, Ana Benavente, nunca acreditou nesta reforma. «Primeiro, não tenho nenhuma simpatia especial pelo Ministro da Educação que tem um discurso ideológico, humanista e vazio. Aliás, quando um político fala na felicidade dos portugueses é porque não quer falar das coisas concretas. Segundo, assisti ao arranque do PIPSE que ignorou todas as experiências da construção do sucesso na primária e tratou as escolas todas por igual. A partir do confronto entre um discurso e a análise de uma medida, ficou claro que não deveria ter expectativas», disse ao DL aquela especialista em ciências da educação.

Para Rui Grácio, tratou-se de uma «encenação dramática de um grande desígnio nacional». O que o levou a pôr em causa a importância da Lei de Bases do Sistema Educativo, uma vez que a mesma não tem sido respeitada.

A Lei, aprovada em 26 de Julho de 1986, foi

elogiada por Jorge Lemos que se referiu a Roberto Carneiro como «Ministro de Educação, recentemente promovido e mais conhecido por Ministro dos Desportos». Segundo Jorge Lemos «sem uma perspectiva clara para a realização de um plano educativo, muito dificilmente sairemos do beco sem saída em que nos encontramos. E o governo não pode evocar falta de condições políticas. O que há é falta de vontade política». Rui Grácio comparou a política seguida por Roberto Carneiro à de Veiga Simão, no anterior regime, nomeadamente o discurso anti-laico do Ministério da Educação. «O discurso actual, para além de promover a selectividade social, está a ter uma outra função que é a de inculcação ideológica», acrescentou. Segundo Rogério Fernandes, «a reforma está em marcha, mas em alguns casos marca passo e tem o perigo de andar para trás». Este professor deu o exemplo de uma escola envolvida na reforma educativa, na Covilhã, onde os docentes, para além do programa curricular, não tiveram qualquer tipo de apoio pedagógico. «Os professores querem uma reforma, mas não assim», salientou Rogério Fernandes.

Céu Neves

QUOTIDIANO

Telescopiar o cosmos com um «olho» dez vezes superior ao dos seus congêneres terrenos é o máximo privilégio do Hubble. Ganha a ciência e o conhecimento humanos

O espião do Universo

O telescópio espacial Hubble já está em órbita. Newton, pai da Mecânica e avô da física moderna, deve dar saltos de inveja na sua tumba. Não contando com Einstein ou Bohr, seguramente tão inquietos como o homem que descobriu a gravidade.

Há anos que a comunidade científica internacional esperava, impacientemente, por esta nova ferramenta do conhecimento humano.

Os peritos não duvidam de que, no sector da astronomia, o Hubble funcionará como a fronteira entre o antes e o depois na cronologia do conhecimento do universo.

O próprio presidente da Associação Astronómica dos Estados Unidos, John Bahcall, não hesitou em catalogar o lançamento do telescópio espacial como um dos grandes acontecimentos científicos do século.

O Hubble estava à espera



Com o Hubble vamos poder penetrar no desconhecido mundo das galáxias cuja luz leva 14 mil milhões de anos a chegar à Terra

de entrar em acção, desde 1983, devido a problemas técnicos e, sobretudo, à catástrofe com o vaivém Challenger de 1986.

No fundo, ele é a carga mais preciosa que, até hoje, um *space shuttle* pôs em órbita.

Não só pelos 1 500 milhões de dólares que vale o telescópio mas, provavelmente, por que ela é a mais maravilhosa ferramenta que o ser humano até agora concebeu, no que respeita à capacidade imediata de ampliar

os nossos conhecimentos.

Durante os seus cerca de 15 anos de vida útil, o Hubble vai oferecer aos astrónomos uma resolução 10 vezes maior das que se podem obter a partir da Terra e com uma sensibilidade 25 vezes superior.

Na prática, vamos poder penetrar no desconhecido mundo das estrelas e galáxias cuja luz leva cerca de 14 mil milhões de anos até chegar à Terra.

Um telescópio que, possivelmente, poderá recolher dados conclusivos para a confirmação da teoria do Big-Ban (origem do cosmos) e compreender melhor a evolução e futuro do universo.

Mas, no mínimo, os peritos estão seguros de que o Hubble - que será uma janela aberta sobre o universo - nos vai fornecer um caudal de informações, à priori inimaginável.

Sarampo continua a ser ameaça

Apesar da existência de uma vacina eficaz e gratuita e dos esforços de vacinação empreendidos nos últimos anos pelos Serviços de Saúde, o sarampo continua a afectar um número de portugueses ainda demasiado elevado, afirmou a técnica de Saúde Etelvina Calé, durante as V Jornadas de Saúde Pública que ontem se iniciaram sob o tema «O Controlo da Doença na Comunidade, Avanços e Perspectivas».

A afirmação baseava-se num estudo

efectuado em dois bairros lisboetas da freguesia do Santo Condestável. Através dos estudos de uma amostra de população infantil daqueles bairros, e da análise da tendência da enfermidade no decénio 1978-89, verificou-se que a incidência de sarampo rondou os 26 por cento naquele período. Valor que se mostrou superior nas crianças mais velhas, sendo a taxa de vacinação de 69 por cento, que diminui à medida que a idade da criança aumenta. A eficácia da vacina foi

calculada em 85 por cento, de acordo com os dados daquela especialista.

As V Jornadas de Saúde Pública foram organizadas pela Escola Nacional de Saúde Pública, na intenção de, segundo Lopes, presidente da organização, «apreciar criticamente exemplos de organização e de aplicação das metodologias próprias do controlo da doença na comunidade», bem como «possibilitar a reflexão sobre as tendências evolutivas nessa área».

Senhora da Paz não tem paz em Ródão

A imagem da Senhora da Paz, uma estatueta de madeira atribuível aos séculos XVI ou XVII foi roubada de uma capela dos arredores de Vila Velha de Ródão, entre os dias 19 e 16 de Maio, segundo informou a GNR local.

O pequeno templo, situado num local isolado, no meio de um pinhal, foi arrombado pelo método do «pé-de-cabra» e o furto só foi descoberto dois dias mais tarde.

Tomás Farinha, pároco de Sarnadas do Ródão, referiu um valor de «pelo menos 150 contos» para a imagem, embora, acrescentou, «o seu verdadeiro valor seja o histórico e o afectivo».

A Senhora da Paz, cuja festa anual se realiza em Junho desde data imemorial, é padroeira de duas povoações da paróquia de Sarnadas do Ródão: Vale do Homem e Rodeios



Voltam as «barraquinhas» à rua do Carmo

Apareceu num instante. Em menos de cinco dias a (já estreita) Rua do Carmo ficou mais apertada com o «quiosque» verde e branco que aí foi construído.

Quando quisemos apurar o fim a que se destinava e saber se dispunha de autorização para ali ser instalado, surgiu o mistério. Tentámos o Gabinete do Chiado. Em vão. De Herodes para Pilatos, lá conseguimos saber, junto do departamento municipal de mobiliário urbano, que são instalações para albergar um florista desalojado pelo incêndio de 25 de Agosto de 88.

Tem a licença necessária e até «o parecer favorável de Siza Vieira», afirmou-nos o responsável daquele departamento. Adiantaram-nos ainda que a construção vai permanecer ali durante as obras de reconstrução. É óbvio que os estaleiros que vão ser montados naquele local não deixarão de ocupar um espaço apreciável.

Pergunta-se: em que condições de desafogo vão poder circular os transeuntes que utilizam a passagem elevada do Chiado? É mais: então não se tinha acabado com as «barraquinhas» na Rua do Carmo, tão criticadas por dificultarem o combate aos incêndios, e terem sido projectadas em obediência a inaceitáveis critérios estéticos?

A lei sobre a reforma universitária que foi alvo da contestação do Movimento Estudantil Italiano entrou, este fim-de-semana, para o Parlamento. As manifestações de rua e as ocupações perderam a força: a luta muda-se para o terreno político e a esperança dos estudantes está agora nos partidos que os apoiam

A Pantera à espera da lei

Este fim-de-semana marcou uma viragem significativa nos destinos do Movimento Estudantil Italiano. A lei Ruberti, fulcro e motivo da contestação juvenil que manteve as universidades do país ocupadas durante mais de três meses, entrou, como estava previsto, para o exame do Parlamento Italiano.

A Pantera, reduzida hoje a poucos milhares de adeptos activos espalhados por todas as universidades italianas, sofre agora o desgaste de três meses de ocupações e dois de silêncio forçado pelos meios de comunicação social que, depois das desocupações voluntárias dos estudantes das universidades, não perdeu ocasião para a manchar das mais díspares responsabilidades. A Pantera move-se com dificuldade nos meandros de uma universidade e de instituições que, aproveitando o silêncio montaram entretanto subtis e outros mais primários sistemas de repressão de um movimento que desde o princípio não deixava prever uma conciliação fácil. Sábado, 26 de Maio, dat-limite para a negociação da lei que permite a entrada de capitais privados na universidade italiana, a Pantera, a mesma que tinha prometido voltar a ocupar as universidades, caso não fosse tomada como interlocutor na gestão da nova lei, desfilou em Roma.

Não eram cem mil desta vez, nem sequer sessenta mil, as Panteras que desfilarão de Piazza Esedra até Piazza Navona.

Alguns jornais falaram de 7 mil, outros cinco mil, o telejornal do primeiro canal italiano os brindou com trinta segundos de imagem e a locutora noticiária de que 2500 estudantes, «segundo as fontes policiais», manifestaram-se contra a aprovação da lei Ruberti.

A partir de sábado, de facto, tornou-se efectivo o contestadíssimo artigo 16 da Lei número 168 que há um ano instituiu o Ministério da Pesquisa Científica e da Universidade. O artigo 16 previa que se o Parlamento não tivesse aprovado dentro de um prazo de doze meses uma lei sobre a autonomia universitária, as próprias universidades poderiam dotar-se de estatutos sem aten-

der a vínculos ou directrizes gerais que não fossem aquelas emanadas pelos seus próprios órgãos.

Os doze meses, findos os quais o dispositivo era automaticamente aplicado, passaram e cada universidade poderá, portanto, a partir de agora, estabelecer convenções com as entidades patrocinadoras, decidir o conteúdo e a duração dos cursos, através dos seus próprios órgãos, onde a participação dos estudantes é minoritária e exclusivamente consultiva.

Apesar do pedido de anulação ou alteração desta ratoeira legislativa, apresentado no Parlamento por deputados da Democracia Proletária, Verdes e PCI, a Pantera teve no artigo 16 a sua primeira batalha perdida.

De qualquer maneira, não é provável que as universidades consigam aproveitar este espaço de manobra até ao Outono e os resultados da luta levada avante pelos estudantes da Pantera, pelo menos no campo das leis, revelar-se-á na quantidade de alterações que os partidos mais sensíveis às causas da Pantera (e que fizeram promessas) conseguirão fazer vingar no Parlamento, durante o debate da lei Ruberti.

O ministro Ruberti, que usou mais de uma vez a promessa de alteração da lei como isco para fazer sair a Pantera da toca ou para acalmá-la quando levantava o pêlo pelas ruas da cidade, soube gerir bem as suas estratégias sem alterar o essencial da lei, pelo menos antes que entrasse para o Parlamento.

Pondo como condição o fim das ocupações, o ministro prometeu, em Março, a introdução de mecanismos de transparência e garantia sobre as relações entre o público e privado no financiamento das universidades, sobre a equidade dos investimentos destinados às universidades do Norte e às do Sul e ainda sobre uma maior representatividade e participação dos estudantes em todos os órgãos de decisão da instituição académica.

As universidades foram desocupadas, o movimento foi lentamente perdendo o fulgor e a capacidade de intervenção dos primeiros

tempos e as promessas de encontros e grandes concílios entre os estudantes e o ministro perderam-se também na noite dos tempos.

Assim, a lei que este fim-de-semana entrou para o Parlamento mantém na sua essência os pontos contestados desde Dezembro pelo Movimento: abertura ao financiamento privado nas universidades, criação de cursos breves, instituição de um senado estudantil com funções meramente consultivas e reforma da didáctica e dos currículos face à iminente unidade europeia.

A única concessão feita à

Pantera foi fixar um tecto de 15 por cento dos financiamentos para a investigação de base, que, segundo o ministro, deverá «afastar o risco de penalização» dos estudos que, como os humanísticos, não têm aplicação prática imediata.

Perdidas as batalhas no enredar das leis e artigos e disposições, só resta, nesse campo, à Pantera confiar nos partidos (Democracia Proletária, Verdes e PCI) que prometeram tentar alterar o texto ou obstar a sua aprovação no Parlamento.

No entanto, e apesar das derrotas no campo legisla-

tivo, a Pantera continua com a realização de assembleias interfaculdades, tem já marcada uma outra assembleia nacional para 16 de Junho e faz projectos para o Verão a contar com acampamentos contra a presença da NATO na Sardenha e na Calábria.

No Outono, recomeçar-se-á prometeram na última assembleia do Movimento os representantes das maiores universidades italianas.

Quem sabe se o Outono não rimará outra vez com Pantera como fez a Primavera.

Alessandra Balsamo



«Querem isolar os que querem continuar a lutar»



Auto Monumental do Acesso
S.A.



CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA



A quarta-feira negra da Pantera

Os dias negros da Pantera

Em Dezembro do ano passado, em Itália, uma pantera começou a rondar pelos terrenos baldios na periferia de Roma. Não fugira do circo nem do jardim Zoológico, ninguém mostrou o registo de propriedade nem se queixou à polícia do súbito desaparecimento do exótico felino de pelo preto. Avisado ora aqui, ora acolá, seguido por equipas de veterinários e polícias com armas carregadas de sonífero, a pantera foi fugindo e escondendo-se, de dia, nas tocas encontradas, de noite, no negro de uma periferia mal iluminada.

Os dias e os meses foram passando e já havia alguém, entre os habitantes dessa estranha selva, a apreciar-lhe o salto ágil, o aveludado e o brilho do pelo mas sobretudo a liberdade. «Foge! fuge, pantera!» - ainda murmuram alguns á frente das câmaras de diafragma arregalado à procura de expressões de medo. Mais tarde, descobriu-se que o animal teria fugido de casa de algum rico empresário farto de comprar Ferrari, Maserati, Cartier, dobermans e gatos com pedigree e foi aprovada uma lei que proíbe a detenção de animais exóticos em casas particulares.

Mais tarde, também os estudantes das universidades italianas começaram a dar alguns passos fora do jardim, a ocupar a casa do

dono e, em homenagem a esse outro bicho à solta pela cidade, chamaram-se Pantera — o nome por que hoje é conhecido o Movimento Estudantil Italiano.

Hoje, Maio de 1990, a pantera (aquela de quatro patas) continua livre, matou 30 ovelhas e 24 galinhas, «tornou-se selvagem», disseram-nos e, nos carregadores das espingardas das equipas de veterinários e polícias, as ampolas de sonífero foram substituídas por balas. Na Universidade de Roma, as portas de madeira foram substituídas por portas blindadas, nos corredores construíram-se muros para os separar das faculdades, as paredes foram tratadas com jactos de ar comprimido e areia, o fax que permitia aos estudantes comunicar com as várias universidades italianas foi cortado e, lá fora, a polícia privada e a polícia do Estado montam guarda cada manhã.

Apagar a pantera

«Eles apagaram quase tudo. Havia tantos murais bonitos que a gente tinha pintado ...» diz-me uma rapariga, enquanto recolhe os pratos de plástico para o caixote de lixo, numa das salas ainda ocupadas da Faculdade de Letras da Universidade de Roma. Acrescenta, apontando para a parede que se entrevê pela

porta aberta: «Vês aquela parede lá ao fundo? Construíram-na eles num fim-de-semana e no lugar das portas de madeira puseram portas blindadas. Agora a gente pinta a parede durante a semana e eles, quando a gente não está, voltam a pintá-la de branco».

Na sala com duas enormes mesas, os estudantes reúnem-se, cantam, ouvem música, discutem, estudam, organizam almoços e jantares. As paredes estão cobertas de recortes de jornais com as notícias do dia, cartazes, pinturas, máscaras e, por cima da porta, pinceladas de tinta vermelha avisam os hóspedes mais desprevenidos: «Reforma Ruberti e pesquisa militar na universidade não devem entrar». Do lado de fora uma faixa faz-lhe eco: «Querem robots terão rebeldes». Nos corredores, notam-se bem as manchas de tinta branca que cobrem as escritas e os murais pintados durante as ocupações.

A nova geografia

Os nomes das salas foram mudados e por cima dos números romanos, as cartolinas rebaptizam, com traço de marcador preto pouco oficial, os espaços conquistados com nomes e datas de uma nova era: a da Pantera. «Aula Tienanmen», «Aula 5 de Dezembro», «Aula Palermo», «Aula Rosa

Luxemburg», «Sala de Contra-informação» são os nomes dessa nova geografia.

Os anúncios de seminários autogeridos roubaram todos os placards e os bocados de parede disponíveis, outrora apenas reservados aos lacónicos bilhetinhos de venda e compra de livros, aluguer de partes de casa e explicações.

Um cartaz grande acotovelava-se entre um seminário sobre a Nicarágua, a Amazônia, a «memória e a actualidade do conflito», o ciclo de filmes de Pier Paolo Pasolini, o abaixo-assinado para o referendo contra a caça, aquele contra a recente prisão de um ex-exponente de Lotta Continua. «Tragam desenhos e pinturas, fotografias e poemas. Tudo o que quiseram para alegrar estas paredes!» - apela o cartaz.

E se não são bem poemas, são pedaços de pensamentos soltos os que se podem ler aqui e acolá pelas paredes de quase todas as faculdades da cidade universitária.

Em Estatística Libre, como foi rebaptizada a faculdade desde a ocupação, uma mão anónima escreveu num lugar bem visível: «Caminhamos curvados, com os ombros descaídos e com os olhos no chão, somos os fantasmas de hoje. Caminhámos curvados sem nunca ter nada. Caminhámos curvados com medo do nosso presente, da vida, do nosso

amanhã. Mas finalmente chegou a altura de voltar a escrever, chegou o momento de voltar a escalar as montanhas e lutar».

Do fax cortado à velha Gestetner

É dia 7 de Maio e a Pantera prepara-se para a semana de mobilização decidida em Assembleia Nacional a 4 de Maio.

No Gabinete de Imprensa de Ciências Políticas o *tonner* da fotocopiadora acabou e os comunicados saem deslavados. Não há dinheiro e para mandar imprimir o cartaz-cada um dá do seu bolso. Para os comunicados uma velha Gestetner serve e alguém pergunta ao ver o *stencil* a «amarrotar-se»: «Isto funciona mesmo assim?».

No Gabinete de Imprensa de Letras, cinco cabeças pensam. É preciso mandar um press-release para os jornais. Escreve-se, risca-se, volta-se a escrever, cada um põe uma palavra, faz sugestões. «Agora não posso falar contigo, se quiseres, podes assistir à assembleia de amanhã onde vamos decidir o tipo de acção para dia 9» - responde-me, visivelmente desconfiado um dos estudantes do Gabinete.

No dia seguinte, pouco antes da assembleia, Lavinia, uma das estudantes que faz o piquete na secretaria de Estatística onde ainda se

mantém um colchão e alguns sacos-camas explica: «Sabes, é que os jornais nos fizeram tantas ... Quando todas as faculdades estavam ocupadas e nas manifestações éramos às dezenas de milhar, os Jornais e a Televisão, apesar de deturparem e ridicularizarem muito do que saía do Movimento, iam divulgando o que a gente fazia. Depois... depois das ocupações, que aliás não foram suspensas na totalidade, foi o silêncio mais completo sobre nós e sobre o que entretanto continuámos a fazer».

Federico, sentado ao lado de Lavinia, desata num breve monólogo de desabafo: «Não há nada a fazer, não conseguimos sair daqui, da universidade, porque tudo segue sempre o mesmo percurso. Do professor mandam-nos, para o reitor, o reitor remete-nos para o ministro, o ministro para o governo, o governo para o Presidente da República até nos cansarmos, até desistirmos. A única coisa que neste momento conseguimos pôr de pé foi a realização de actividades culturais e sociais».

E os tijolos?

No andar debaixo na Assembleia Inter-Faculdades, discute-se a ocupação do reitorado. Há quem queira entrar pelas janelas cortando os vidros com pontas de diamante, quem propõe entradas pelo terraço, uns de noite, outros de dia. Discutem-se alternativas, «vamos construir um muro à frente da reitoria, durante a noite!» - propõe um estudante de Letras. Todos gostam da ideia, mas alguém mais previdente, pergunta: «E como fazemos passar os tijolos pelos guardas dos portões?». Volta-se ao princípio. Começa-se a contar as cabeças e a pôr em dúvida a disponibilidade. No fim decidem fazer um *sit-in* à frente da escadaria da Faculdade de Letras. No dia seguinte porém com a segurança de mais de 2000 participantes os estudantes da Pantera decidem voltar à ideia inicial. Tentam entrar na reitoria pelas portas externas. Guardas da polícia privada, polícia à paisana e de choque impedem a entrada dos manifestantes. Surgem as primeiras cacetadas e os estudantes vendo impossibilitada a entrada pelas portas exteriores tentam a sorte por uma porta interna que da faculdade de Direito dá aceso à Reitoria. Também aí não conseguem arrombar a porta blindada e depois de mais de uma hora de tentativas inúteis, desistem e saem do edifício.

Cá fora a polícia de choque espera-os, é a vez dos gases lacrimogêneos e das cargas, a que alguns estudantes respondem atirando pedras. No fim da batalha contam-se 2 feridos entre os estudantes e seis entre as forças policiais.

São dias negros para a Pantera.

Alessandra Balsano

O ruído provoca perturbações de ordem psíquica e, em certos casos, a perda da acuidade auditiva. A psicologia e o próprio estatuto social dos atingidos condicionam, no entanto, os níveis de incomodidade e até as lesões

O som não desejado

Na perseguição de uma qualidade de vida, comprometida pelo modelo de crescimento dos países desenvolvidos, buscam-se agora soluções de modo a atenuar as fendas que o homem tem vindo cavar no ambiente. Num dos capítulos finais de «Tristes Trópicos», Levi-Strauss afirma isto: «desde que o homem começou a respirar e a alimentar-se até à invenção de engenhos atómicos e termo-nucleares, passando pela descoberta do fogo — e excepto quando se reproduz —, ele não fez mais do que dissociar alegremente biliões de estruturas para reduzi-las a um estado em que já não são susceptíveis de integração». Tudo remonta a muito atrás, aos impulsos inventivos que animaram os nossos antepassados longínquos. Na perspectiva do que foi desfeito pode ser refeito, de que há sempre forma de remediar os males, abriram-se diversas frentes de luta, enquadradas numa estratégia ecológica global.

Uma das grandes questões actualmente em debate é o da contaminação acústica. Nas cidades estamos expostos a níveis de pressão sonora muito acima do tolerável, o que, sem dúvida, prejudica a acuidade auditiva. Em casos extremos pode até conduzir à surdez.

Segundo Pedro Martins da Silva, uma autoridade nesta matéria, «durante muito tempo certas disfunções eram encaradas como uma fatalidade». Todavia, existe no nosso país um corpo de normas que regulamenta os limites do ruído. Se, por vezes, não se aplicam as leis, acrescenta, «deve-se a uma atitude de desleixo, resultante da conhecida inércia nacional».

Este técnico do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, organismo que tem empreendido estudos sobre o ruído do tráfego aéreo e rodoviário, avaliando assim o impacto sonoro junto das populações, sustenta que as reacções variam de pessoa para pessoa. Determinam-no o estatuto social, o espírito de missão, a concepção de progresso,

bem como outros aspectos de cariz individual, alguns deles do domínio psíquico.

«Os testes efectuados indicam-nos que um *disco-jockey*, sujeito a um grau de ruído equivalente ao sofrido por um operário metalomecânico, apresenta uma deterioração auditiva menor porque se sente realizado numa profissão que lhe granjeia a estima dos outros. Os trabalhadores que furaram o túnel do Monte Branco, de acordo com os estudos realizados na altura,

gem-se, portanto, medidas que permitam com urgência resolver o problema.

Efectivamente, os índices de ruído urbano superam bastante os 75 decibéis considerados aceitáveis pela OMS, não só durante o dia como de noite, o que se torna ainda mais grave, pois impede que as pessoas descansem convenientemente.

A pensar na saúde pública, admite-se a hipótese de revolucionar o parque automóvel, dotando-o com motores mais silencio-

cumprimento da Lei de Bases do Ambiente. «São factores de poluição do ambiente e degradação do território todas as acções e actividades que afectem negativamente a saúde, o bem-estar e as diferentes formas de vida...», explicita um dos artigos da lei. Na verdade, a população portuguesa queixa-se do barulho proveniente de discotecas, bares, restaurantes, talhos, padarias, fábricas e outros estabelecimentos que funcionam sem o devido iso-

estabelecida na Europa. Os meninos do escape livre pagam as multas e voltam a fazer o mesmo. No caso do aeroporto, aqui despenalizam-se os aviões que aterram de noite, enquanto nos países civilizados são obrigados a pagar taxas que revertem para a construção de escolas e para o isolamento das áreas habitacionais expostas ao ruído. Nas nossas fábricas trabalha-se em condições tais que provocam nos operários um enorme stress. Para além

do vizinho transgressor, tentar convencê-lo pela lógica.

Os moradores do Bairro Alto estão num profundo desespero. Não têm tímpanos de ferro e a paciência esgota-se, ninguém consegue viver no meio de um alarido infernal. Aguentavam, com estoicismo, as perturbações dos fins-de-semana, mas as coisas pioraram, as fronteiras entre as noites festivas e as de repouso diluíram-se. «É de enlouquecer. Mandeim por vidros duplos nas janelas, cortiça nos tectos e uma alcatifa espessa no soalho... pouco adianta. Os bares proliferam e o barulho da rua é insuportável, ao ponto de me impedir de ver o filme da meia noite que a televisão transmite aos sábados. Os jovens bebem duas ou três cervejas e desatam aos berros, entram em histeria. Eu também gosto de beber um copo, mas na minha condição de habitante de uma zona declarada crítica sintome lezado» — eis o desabafo de um professor universitário, residente na rua da Rosa. Azar o seu, foi apanhado pelo ribombar dos trovões.

O homem forjou o seu destino

Dentro de um táxi, às seis da tarde, no caos do trânsito lisboeta. Pergunto ao motorista se o ruído não o incomoda. «Uma pessoa acostuma-se... já notei que o pior do ouvido esquerdo», responde. Por acaso, nessa curta viagem, reparei que os taxistas guiam com a janela aberta. Perfeitamente justificada a alteração auditiva a que o taxista aludia.

Vivemos num mundo tonitroante, já nem sequer usufruímos a tranquilidade, outrora reinante nas praias. As multidões, os rádios portáteis com o som no máximo, os cães a ladrar, um permanente e enervante ruído que nos desliga da natureza. Que descanso obtêm as pessoas nos superlotados parques de campismo? Nenhum. Não se libertam do stress, regressam no mesmo estado em que partiram para férias.

A psicologia, sociólogos e médicos concedo a palavra. «Não há um termómetro para aferir de que tantos decibéis correspondem a tanto de incomodidade. Depende das pessoas e dos grupos sociais. Um estudo, que fizemos em Faro sobre o barulho dos aviões, forneceu-nos conclusões interessantes. As pessoas que associam o aeroporto a progresso, a turistas e, por suposto, a dinheiro desculpavam os malefícios sonoros. Para elas, o ruído dos aviões não correspondia a



As medidas destinadas a combater o flagelo do ruído provocado pelas motorizadas são obviamente insuficientes

apresentavam lesões menores do que se esperava. A explicação reside no facto de se acharem obreiros de uma construção fundamental para a humanidade», diz Martins da Silva.

Não se cumprem as leis

Com base num relatório da Organização Mundial de Saúde, mais de 130 milhões de habitantes dos países desenvolvidos estão a ser seriamente afectados pelo ruído. À cabeça da lista encontra-se o ruído atribuído ao tráfego automóvel. Exi-

tos, e ainda de interferir nos pavimentos que se querem porosos para amortecerem o ruído. A propósito, o presidente da General Motors acaba de anunciar o fabrico de um automóvel eléctrico com baterias recargáveis, modelo que atinge a velocidade de 160 quilómetros.

Em Portugal, a legislação respeitante ao assunto, ainda que dispersa, data de 1922, tendo sido posteriormente publicados os decretos leis 251/87 e 292/89, duas versões do Regulamento Geral sobre o Ruído. «Impõe-se a prevenção contra a poluição sonora, traduzida em acções que contemplem o ordenamento do território, uma boa planificação urbana, uma arquitectura de qualidade e ainda a instalação preferencial de equipamentos menos ruidosos», sublinha a engenheira Maria Rosa Ribeiro, sócia fundadora da DECO, associação empenhada na defesa dos direitos do consumidor.

No Porto foi criada recentemente a Comissão Anti-Ruído que reclama o

lamento sonoro.

A fim de sensibilizar as autoridades, com vista à aplicação da legislação em vigor, a Comissão propõe-se promover um debate no qual participarão arquitectos, engenheiros de som, autarcas, psicólogos e médicos. Também no Algarve, durante o mês em curso, se está a desenrolar uma campanha contra o ruído produzido pelos veículos motorizados de duas rodas, sobretudo nas zonas de Portimão e Faro. A iniciativa, que compreende uma série de medições acústicas, conta com a colaboração da GNR.

Vale a pena protestar

Céptica, a engenheira Maria Rosa Ribeiro, da DECO, não acredita na eficácia imediata dos protestos. «As pessoas queixam-se a determinadas entidades que depois as remetem para outras e nunca mais se resolvem os problemas. Em Portugal as motorizadas circulam a uma velocidade muito superior à média de 50 quilómetros,

do risco de surdez, os traumas estendem-se ao terreno do psicológico», diz aquela defensora dos direitos do consumidor.

Cabe à DECO informar o público como fazer, a quem se dirigir, quais os organismos com competência para tratar das situações em que o cidadão é massacrado pelo ruído. Não faltam portas onde bater, em rigor somam a vintena.

No que toca aos irritantes alarmes, deve-se dirigir à esquadra da sua área de residência, no caso dos amplificadores ou aparelhos que projectam sons na via pública, compete ao Governo Civil fiscalizar, quando os focos de poluição sonora coincidem com restaurantes e discotecas terá que recorrer à Câmara Municipal. Se os vizinhos lhe coartarem o direito ao descanso com música alta, andarem a mudar móveis ou a utilizar os electrodomésticos a horas impróprias, chame a polícia. Mas, antes de envolver por uma atitude radical, convém exercer uma operação diplomática junto

CEDÊNCIA DE EMPRESA

Empresa industrial (25 anos de existência). Panificação e pastelaria industrial, produtos de consumo obrigatório e rotativo. Facturação anual (89) de 90 000 contos, previsão (90) de 110 000 contos. Sede em edifício próprio: com escritórios informatizados; sector fabril moderno e eficaz; controlo de produção e distribuição informatizado. Rede de distribuição montada e baseada nos distritos de Lisboa e Santarém, com frota de veículos própria, postos de venda, revendedores-motoristas-autónomos, etc. Motivo de cedência — idade. Damos e exigimos referências. Para 1.º contacto não atendemos telefones, agradecemos carta, Fax ou Telex, dirigidos a:

AQUISIÇÃO DE EMPRESA

REF. DL-01, Largo Campo Pequeno, 21-3.º Esq.º, 1000 LISBOA
Telfax: 793 37 07, Telex: 62865

QUOTIDIANO



Na cidade, estamos sujeitos a níveis de pressão sonora muito acima do tolerável

incomodidade. Na Central do Carregado, onde o ruído era de 105 decibéis, com intensidade igual ao som de um Boeing a trabalhar a 80 metros de distância, observámos que os operários dispensavam os protectores auriculares. Confessaram-nos que o incómodo vinha da campanha do telefone. Obviamente que os danos fisiológicos decorrem do tempo de exposição à fonte sonora, mas também há que atender à representação social dessa pressão. Os que moram perto dos aeroportos e aliam o avião a altos riscos, são mais afectados psicologicamente do que aqueles que não pensam em desastres. Repare que o Alentejo, região povoada de silêncio, é uma das zonas do País onde se registam mais suicídios» (Luís Soczka, psicólogo).

Para o sociólogo Michel Bonetti, no momento a colaborar com os técnicos do Grupo de Ecologia Social do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, a que Luís Soczka pertence, importa atender ao som com ou sem significado. A título de exemplo refere-se ao rumor contínuo de uma cascata em contraste com o barulho de uma auto-estrada. A água a correr e o canto dos pássaros são sons agradáveis, têm um significado poético.

«Num bairro de Paris, os moradores colocaram vidros duplos nas janelas e isolaram o melhor possível as casas para evitarem o ruído vindo do exterior. Entretanto os conflitos entre vizinhos aumentaram, visto que passaram a aperceber-se mais do barulho no interior das apartamentos. Os estudos demonstram que as pes-

soas com um estatuto social elevado suportam menos o ruído. Aliás, são também as que fazem menos barulho», diz Michel Bonetti.

Males inevitáveis

Empenhado no estudo da surdez profissional, o professor Vasco Ribeiro, otorino, cuja tese de doutoramento versa precisamente esta temática, garantiu-nos que um nível de ruído acima dos 85 decibéis é patológico. «No nosso país, a percentagem de lesões, não desvalorizadas, ronda os 60%, um número deveras assustador. Os sons mais agressivos são os agudos e intermitentes. Dos pacientes que me consultam sobressaem os jovens, frequentadores de discotecas, onde o som atinge os 100 decibéis, e os que usam auscultadores para ouvir música. Aos 18

anos revelam, sem perda social, perda auditiva. Uma vez adquirida, a surdez provocada por agentes sonoros é irreversível, não tem tratamento, daí a importância da prevenção.»

Este especialista, presidente da Secção de Ruído do Bureau International de Audiophonologie, adianta ainda que «os indivíduos submetidos a estímulos sonoros intensos e prolongados, arriscam-se a ter graves distúrbios do equilíbrio fisiológico».

O ritmo da vida moderna, a industrialização, o triunfo da ciência e da técnica trazem consigo males inevitáveis. Compete aos investigadores, médicos e políticos criar um movimento de defesa contra as agressões. «Ninguém ignora que o estímulo sonoro, transmitido pelo nervo auditivo ao cérebro, difunde em todas as direcções do organismo e é susceptível de estimular o sistema nervoso na sua totalidade, levando a reacções diversas. Duas pessoas normais sob a acção de um ruído com idêntico espectro e intensidade reagem de maneira muito diferente, podendo mesmo uma delas ficar com lesões ao fim de escassas semanas, enquanto a outra oferece uma resistência que pode durar toda a vida», acrescenta aquele especialista.

Como se define o ruído? O professor Vasco Ribeiro, entre as várias definições aceites internacionalmente, prefere a da American Standard Association. Para os americanos, ruído é «todo o som não desejado». Encerro o ciclo, perdão, a reportagem, com o comentário premonitório de Levi-Strauss: «o mundo começou sem o homem e acabará sem ele.»

Lourdes Féria



Nem sempre as paredes e os tectos dos bares e discotecas estão isolados convenientemente

B R E V E S

Sociólogo francês fala sobre TV e responsabilidade

O sociólogo francês Jean Cazeneuve fala esta tarde sobre o tema «Televisão e responsabilidade social», numa conferência promovida pelo Instituto Superior de Comunicação Empresarial. O orador tem 75 anos e é membro do Institute de France, embaixador honorário junto do Conselho da Europa e antigo presidente da cadeia televisiva TF1. É ainda autor de vasta obra, com particular incidência na abordagem sociológica do funcionamento dos grandes meios de comunicação social, como a televisão.

Agências de publicidade reúnem-se em Lisboa

Lisboa é palco, a partir de hoje, da 28ª Conferência Mundial da ICITA, organização que reúne 40 agências de publicidade de todo o Mundo. A organização está a cargo da agência Plano-Publicidade, representante portuguesa da ICITA. As agências representadas são provenientes dos Estados Unidos, Europa (incluindo URSS e Polónia), Médio Oriente e Ásia.

Sindicalistas criticam estatutos da Misericórdia

A Federação Sindical da Função Pública criticou o projecto de novos estatutos da Misericórdia de Lisboa que, segundo a estrutura sindical, põe em causa «alguns dos direitos fundamentais» dos trabalhadores da empresa. Vítor Duarte, da comissão executiva da Federação, disse que «não se compreende a falta de transparência no processo de alteração dos estatutos, quando o que está em jogo é uma instituição com receitas superiores a muito ministérios, que gere os jogos sociais e é responsável pela protecção social da população da capital».

Regime de preços especiais para cereais portugueses

Portugal vai pedir um período de dez anos para se processar a harmonização dos preços dos cereais relativamente aos dos países comunitários, disse ontem o ministro da Agricultura, Pescas e Alimentação. Falando, em Lisboa, na cerimónia de abertura da assembleia geral das associações de produtores e associações de industriais dos sectores das sémolas e pastas alimentícias de Espanha, França, Grécia, Itália e Portugal, Arlindo Cunha sustentou que so alargamento do período de harmonização permitiria aos produtores portugueses a possibilidade de melhorarem a produtividade e a qualidade dos seus produtos.

RDP-Açores assinala 49 anos de emissão

O centro regional dos Açores da RDP completou ontem 49 anos de emissão, tendo organizado um espectáculo de variedades em Ponta Delgada para comemorar a data. No certame participaram artistas dos Estados Unidos, Brasil e da Região Autónoma. A RDP-Açores adquiriu o estatuto de centro regional autónomo em 1982, tendo surgido em 1941 como emissora regional da Emissora Nacional.

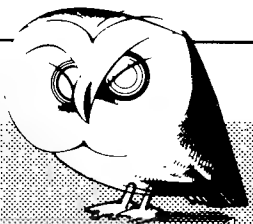
«Alavanca» retoma publicação como mensário da CGTP-IN

O órgão da Intersindical Nacional «Alavanca» retomou ontem a sua publicação como mensário da CGTP-IN, com a saída de um número datado de Maio-Junho. O jornal dedica a sua primeira página às manifestações do Primeiro de Maio e à semana de luta pela redução dos horários de trabalho. Na primeira página dá, ainda, destaque ao facto de os trabalhadores portugueses serem os que mais horas trabalham na Europa, onde a média é inferior a 40 horas, mas com salários que crescem menos que os comunitários. No artigo sobre a elevação dos salários na Comunidade, verifica-se que os ordenados reais aumentaram em média, na Comunidade, 1,3 por cento, enquanto em Portugal desceram 0,8 por cento.

Pescadores da Póvoa desafiam fiscalização

Os pescadores da região da Póvoa de Varzim e Vila do Conde desconvocaram ontem uma greve e fizeram-se ao mar, dispostos a utilizar malhas de rede não autorizadas pela lei, anunciou um advogado dos armadores. Os pescadores afirmam que já não é possível paralisar a sua actividade por mais tempo, mostrando-se dispostos a encetar formas de luta que se traduzam pelo bloqueamento da estrada Porto-Póvoa de Varzim, caso alguma das embarcações for aprisionada pelos navios-patrolha.

CULTURA



olhar de mocho

A Unificação

Quando se fala na unificação alemã, os intelectuais e os intelectuais-historiadores fazem logo uma bipolarizaçãozinha. O grupo dos que argumentam em silogismo, quicá o mais numeroso e que deduz a regra matemática para as movimentações da História: a Alemanha iniciou a primeira guerra, desencadeou a segunda, logo, irá também abalançar-se a outra, já baptizada de Terceira Grande Guerra. Antes de passarmos ao segundo grupo, observemos de perto algumas incongruências de tal raciocínio. Primeiro, a guerra de 39-45 durou tanto tempo, em grande parte, devido ao colaboracionismo francês. As tropas nazis rufaram tambores do Arco do Triunfo de Paris e na Holanda (Roterão é um símbolo vivo), na Polónia, na Noruega, países minúsculos, sofreram baixas apreciáveis. Em segundo lugar, deve-se apreciar a inépcia política de Arthur Neville Chamberlain, primeiro-ministro de Sua Magestade britânica, pessoa completamente desprovida de «faro», político e que «garantiu» em 1938 que Hitler *nunca* faria guerra. Depois temos ainda os países neutrais da Península Ibérica, Salazar e Franco, com a esperteza galaico-saloia de no fundo das entranhas apoiarem o Hitler e fingirem que não apoiavam.

Todos estes factores mudaram irreversivelmente, e por isso se desconfia que sem o apoio da França, sem a inépcia política britânica e da pseudoneutralidade ibérica, a guerra nazi tivesse atingido as proporções de catástrofe histórica, fenómeno único da História.

Num segundo grupo de observadores e estudiosos habita a tese segundo a qual a Alemanha unificada nem arreganha o dente, nem ladra nem morde. Primeiro, porque fisicamente seria hoje impossível um pangermanismo belicista, depois porque os próprios germânicos não precisam de conquistar mais nada para serem país forte e opulento. Finalmente, porque uma Alemanha unificada não represente uma RFA ao quadrado, como as teses dos intelectuais que receiam um novo poderio militar pressupõem, mas pelo contrário, uma RFA multiplicada por menos um: reconstruir a RDA é uma tarefa pesada e que irá custar muito dinheiro. Ora foi sumamente interessante observar o programa da BBC que ontem passou no canal 2 sobre as opiniões dos políticos. Embora eles só raciocinem em função do voto próximo, nenhum dos que passaram pelo pequeno ecrã mostrou receios fundados e sérios de uma unificação.

Embora actualmente a França seja a maior mungidora financeira da CEE e a RFA a maior mungida, igualmente financeira, no entanto, nem a vaca leiteira necessita de novos pastos, nem os vizinhos temem que os prados verdes lhes venham a ser roubados em guerra. E por isso, o que todos querem é fazer «eixos»: o Paris-Bona já funciona, o Londres-Bona anuncia-se. E talvez não falte muito para se ouvir falar de um possível eixo Madrid-Bona ou mesmo Lisboa-Bona. Uma Alemanha unificada será, futuramente, mais úbere, e é isso que no fundo todos querem sem falsas vergonhas: que a Alemanha fortaleça a CEE para que a CEE distribua mais riqueza. O argumento dos que receiam uma Alemanha unificada que possa pôr em perigo a estabilidade da Europa também funciona ao contrário: se tal viesse a acontecer, logo apareceriam os novos colaboracionistas.



José Sousa Monteiro

Evocado por Vítor Wladimiro Ferreira

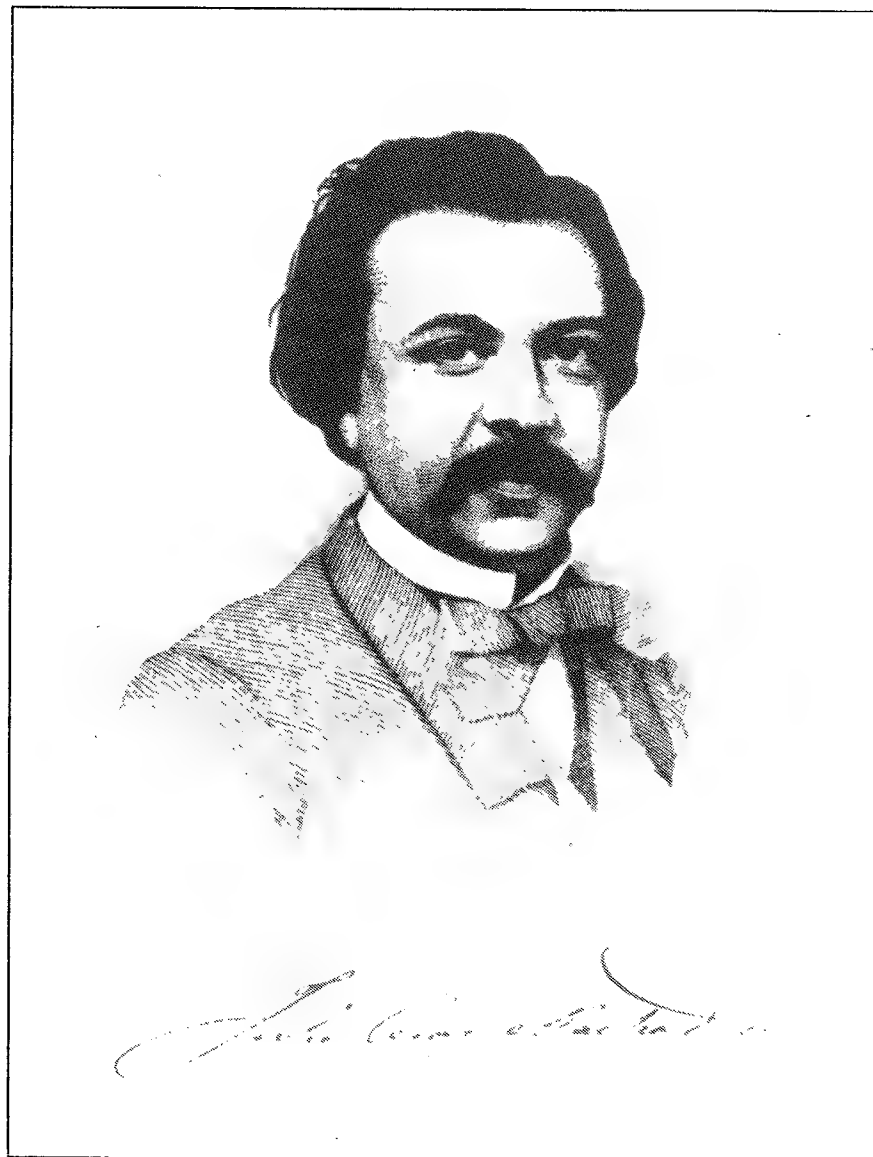
Machadinho no Clube de Jornalistas

Julio Cezar Machado morreu em 1890. Cem anos depois, a sua obra continua maioritariamente por reeditar e por divulgar. Apesar da cortina de silêncio que desceu sobre o seu nome, este grande olisipógrafo continua a contar com alguns leitores atentos e fascinados. Entre estes, o investigador Vítor Wladimiro Ferreira, organizador da edição recente do volume «Aquele Tempo», na Perspectiva & Realidades.

Vítor Wladimiro Ferreira esteve ontem à noite no Clube dos Jornalistas, para falar de «Machadinho», a propósito deste centenário... e recordar aos jornalistas presentes que «a história do jornalismo português continua por fazer».

«Por alguma razão, quando falamos do século XIX, pensamos em Garrett, Camilo, Eça, Antero, Oliveira Martins e pouco mais. Esquecemo-nos de que a alma, a vida quotidiana dessas épocas está muito mais nos folhetins do que hoje quase perdemos o rasto». Evocando esses folhetins que mantinham cada leitor à *la page* com os últimos eventos e as últimas modas da capital, Vítor Wladimiro Ferreira narrou o universo oitocentista imortalizado nas páginas do grande olisipógrafo: os serões nos palácios, os escândalos nos teatros, as cenas do Passeio Público, as figuras típicas e as figuras excêntricas da Lisboa da época. «Júlio Cezar Machado era um menino prodígio - recordou o investigador - que trocava os livros de Medicina impostos pelo pai por livros de aventuras e atlas. Estreou-se como autor dramático aos 14 anos e foi um sucesso em Lisboa. Quando o pai morreu, deixou-lhe uma herança hipotecada. Júlio Cezar Machado foi viver com as tias, para a Baixa. Não o deixavam sair mas, mesmo assim, começou a fazer a sua vida literária, utilizando toda a espécie de estratagemas para escapar à vigilância familiar. Traduziu peças francesas no estilo "adaptado" do século XIX. Desconhecia-se aquilo que, para nós, hoje, representa uma tradução. Nessa época, o "Dupond" passava a "Lopes" e o "Drummond" a "Santos". (...) Camilo dá-lhe a mão e António Pedro Lopes de Mendonça é o seu "padrinho", quando ele se torna folhetinista". Machadinho vingou.

Era um tempo em que o jornalista em geral e o folhetinista muito em particular descrevia especialmente a vida da rua, o quotidiano das grandes cidades, o "potin" local quase sempre



Júlio Cezar Machado (gravura do livro «Aquele Tempo», Perspectivas & Realidades, 1989)

benévolo. O folhetim, publicado na primeira página dos jornais, era uma instituição. Passava-lhe Lisboa por dentro em mangas de camisa, e em mangas de camisa o lia, cumprindo em breves horas o ciclo mágico e efémero do jornalismo. Nesse tempo - considera Vítor Wladimiro Ferreira - os jornalistas eram menos sentenciosos. A herança do folhetim, naquilo que tinha de melhor, continua por perpetuar.

Antes que a conversa passeasse, em geito de tertúlia, por outros lugares oitocentistas, Vítor Wladimiro Ferreira lançou

ainda um desafio ao Clube dos Jornalistas: com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa, seria possível proceder ao levantamento das inúmeras colaborações de Júlio Cezar Machado em publicações da época, tendo em vista uma reedição e o justo lembrar da sua obra.

Porque, afinal, Machadinho tem sido vítima de duas ingratidões: a rapidez com que os jornalistas esquecem os seus «clássicos» é apenas comparável àquela com que os lisboetas esquecem os melhores dos olisipógrafos.

M.T.D.

O IPC não acaba

O Secretário de Estado da Cultura tranquilizou ontem os profissionais do audiovisual e do cinema, ao garantir que o Instituto Português de Cinema não vai acabar. Pedro Santana Lopes falava no âmbito das II Jornadas do Audiovisual, a decorrer em Lisboa.

«Todos aqueles que estão ligados ao audiovisual e ao cinema em Portugal podem estar tranquilos pois, apesar do IPC poder vir a atravessar uma fase de remodelação orgânica ou estatutária, ou mesmo a receber uma nova designação, continuará como instituição ligada ao cinema», disse Santana Lopes segundo a Lusa.

Para Santana Lopes «a questão não está em saber quem está à frente do IPC, ou quem é o

Secretário de Estado da Cultura, mas sim a coordenação de políticas entre o governo e o responsável pelo Instituto Português de Cinema».

O governante respondeu assim a dúvidas levantadas, nomeadamente, pelo produtor-realizador António da Cunha Telles que, na ocasião, manifestou «perplexidade face à eventual «extinção» do IPC».

O secretário de Estado da Cultura terá ontem garantido ainda que, talvez hoje mesmo, iria homologar a acta do júri do último concurso do IPC. Quer isto dizer que vão ser desbloqueados os subsídios que permitem a João Botelho, Margarida Gil e Eduardo Gada arrancar para os seus novos filmes.

Hoje há desenhos de Jorge Martins

Desenhos inéditos de Jorge Martins podem ser vistos a partir desta noite na Galeria Valentim de Carvalho, Rua da Cruz dos Poiais, 111.

Residente em Paris, o ano passado Jorge Martins apresentou uma curiosa exposição de esculturas em mármore feitas em Alenquer, na sequência das volumetrias perceptíveis nos seus desenhos a grafite.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Crítica de teatro

Monstro esquisito

A ILUSÃO CÔMICA, de Corneille. Tradução: Regina Abramovici. Encenação: Fernando Mora Ramos. Cenografia/Figurinos: José Carlos Faria. Música: Carlos Alberto Augusto. Luz: João Carlos Marques, António Plácido e António Rebocho. Produção: José Alegria e Luiz Mota. Interpretação: Rui Nuno, Víctor Santos, Mário Barradas, João Sérgio, Isabel Bilou, Victor Zambujo, Rosário Gonzaga, José Alegria e Jorge Baião. Centro Dramático de Évora. Teatro Garcia de Resende. Estreia: 3-05-1990 (18-05-90).

Monstro esquisito, chamou Corneille à sua peça, acrescentando: «O primeiro acto não passa de um prólogo; os três seguintes constituem uma comédia imperfeita; o último é uma tragédia: e tudo isso, bem ligado, compõe uma comédia.» Mas um dos estudiosos do seu teatro, Léon Lemonnier, era de outra opinião: «Não se pode dizer que *A Ilusão Cômica* seja constituída por três actos de comédia e por um acto de tragédia. Deve dizer-se que Corneille escreveu uma comédia completa em três actos e um pequeno drama completo em duas cenas.»

Monstro esquisito, de facto. Porque, datada de 1636, a peça de Corneille tem hoje uma marca de modernidade digna de Pirandello, como magnífico exemplo de teatro no teatro que o dramaturgo italiano não inventou, como toda a gente sabe, mas é, ao mesmo tempo, uma obra que, insuperável pelas condições das tramas que Corneille utilizou, pela dificuldade da sua linguagem passar para outra língua, como esta tradução, já ouvida em Braga, parece provar. Esses factos e a debilidade natural de alguns intérpretes fazem com que o espectáculo pareça demasiado longo. Mas não devem fazer-nos esquecer as suas evidentes virtualidades.

«A Ilusão Cômica» coloca-nos perante esta situação: Pridamante, há anos sem novas do filho, Clindor, encontra um mágico, Alcandre, que lhe fala da vida aventureira que Clindor tem percorrido, incluindo como autores de comédias. Céptico, Pridamante é levado por processos mágicos a ver o filho, por esse tempo criado de um capitão mais fanfarrão do que valente, Matamouros, herdeiro dos farsantes de Plauto. No centro da situação está Isabel, filha de Geronte, que Matamouros persegue, mas também Clindor que é o seu amor. Sem esquecer Adrasto que o pai quer impor-lhe. Há ainda Lisa, criada de Isabel, apaixonada por Clindor que ela pensa ser um criado. Como Clindor está apaixonado por Isabel, Lisa denuncia

o caso a Matamouros enquanto Clindor é ferido por Adrasto num duelo. Ele foge com Isabel mas acaba por ser preso. É Lisa, arrependida, que vai conseguir a sua libertação por cumplicidade do carcereiro, que com ela forma par.

Chegamos finalmente ao último acto, que pode ser encarado como uma peça isolada, na qual outras personagens vivem idênticas situações amorosas, mas em que o desfecho é o oposto do precedente, já que Clindor é morto pelos apoiantes de Adrasto e Isabel sucumbe ao desgosto. Eis, pois, Pridamante que, entado, seguira as histórias, entretido, no final de cada acto, pelo mágico Alcandre, ei-lo desesperado ao ver o filho morto. Mas o filho morto e Isabel morta levantam-se lestos, eles estão vivos: são actores que, findo o espectáculo, partilham as receitas. Espantado, Pridamante aceita aquela lição de teatro: A Ilusão, em que tudo é verdade e mentira.

O lugar da Ilusão

No dia 30-01-1975 o Centro Cultural de Évora apresentou no T. Garcia de Resende o seu primeiro espectáculo com a peça «A Noite de 28 de Setembro», texto e encenação de Richard Démarcy. Mário Barradas fundara e era o director do CCE e um dos principais intérpretes da peça de Démarcy. A singularidade do espectáculo consistia no facto de público e cena coexistirem no palco do Garcia de Resende, onde fora instalada uma bancada, embora algumas cenas decorressem na própria sala onde alguns actores se deslocavam. Entre o público, alguns espectadores idos de Lisboa, e alentejanos, camponeses de chapéu na cabeça, à boa maneira alentejana. De modo simplista, digamos que aquele era o sinal de que outro público passava a frequentar o teatro, de que esse público ocupava o teatro.

O CCE acabou. Mário Barradas peregrinou por vários sítios, ajudou a fundar o CDIAG. Eis que surge agora, no mesmo lugar,



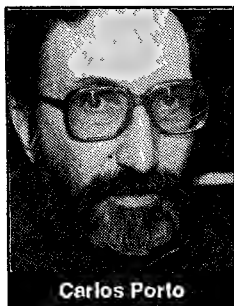
A «Ilusão Cômica»

o Centro Dramático de Évora, que nasceu da fusão da CCE e do Teatro da Rainha, outra vez com Mário Barradas na direcção, outra vez com Mário Barradas na interpretação de um dos principais papéis da peça inaugural. Desta vez não com um texto político de um autor francês nosso contemporâneo (e amigo), mas um clássico da mesma origem que nos fala não da vida mas do teatro. E eis outra vez o público a ocupar o palco, um público outro que não tem nada a ver com o da peça de Démarcy (o que digo com reservas já que não esteve na estreia), um público na maioria jovem de uma escola secundária. O espectáculo está outra vez na sala, aliás, desta vez sobretudo na sala, como se houvesse um maior equilíbrio nessa ocupação do teatro. Antes, os espectadores entram por uma porta de serviço, atravessam uma cave atravancada de material teatral, móveis, adereços, figurinos, etc. O público é convidado a ver os bastidores do teatro e da ilusão cômica e da ilusão dramática, é convidado a destruir a ilusão. Mas a ilusão é indestrutível. Vamos ver o espectáculo como se voltássemos outra vez à inocência. É aliás por isso que o teatro existe.

O grande trunfo deste espectáculo consistiu precisamente no aproveitamento da sala como o espaço da ilusão: o velho e belo Garcia de Resende foi transformado para nele ser criado um chão brilhante onde as personagens e os volumes do cenário se reflectem; é a gruta de que fala a peça. Mas o que nele brilha é o próprio espaço, como o dos camarotes, tão bem aproveitado pela luz, pelas marcações. Não fosse, surgem outros elementos

cenográficos que traduzem a magia da teatralidade. O trabalho de José Carlos Faria é outro trabalho do grande cenógrafo que ele é, não dos mais conhecidos mas dos mais criativos do teatro português. É através dele que a encenação de Fernando Mora Ramos consegue ultrapassar algumas dificuldades impostas por um texto tão «esquisito» como este e por actores que nem sempre conseguiram superar esses problemas. O que não é o caso de Mário Barradas que um Matamouros que vale a composição de Cyrano de Bergerac, em paródia, escritor contemporâneo de Corneille, não o esqueçamos. Admirável interpretação de Mário Barradas, também intérprete, numa linha contrária, do mágico Alcandre. Também Rosário Gonzaga faz uma Lisa com os registos certos. O trabalho dos outros intérpretes ressentem-se mais das dificuldades impostas pelo texto, embora Isabel Bilou exprima bem as matrizes de Isabel.

A Cena - C.ª de Teatro de Braga apresentou pela primeira vez em Portugal, suponho, a peça de Corneille, dirigida por Mário Barradas, com Fernando Mora Ramos entre os intérpretes («DL»/3-12-84). Agora em Évora, os papéis trocaram-se e Mário Barradas é intérprete enquanto Fernando Mora Ramos é encenador. Esta dupla leitura é tanto mais interessante quanto foi e é da responsabilidade de duas companhias da descentralização. Lisboa continua sem conhecer «A Ilusão Cômica», embora o Teatro da Cornucópia mantenha a peça de Corneille na sua programação, salvo erro.



Carlos Porto

Patologia do casamento

TROCAM-SE MULHERES-MÁXIMO SIGILO, de Camilo Castelo Branco. Encenação/Figurinos: Guilherme Filipe. Cenografia: Rui Marcelino. Luz: Luís Lopes. Interpretação: Custódia Gallego, Paula Sá Nogueira, Teresa Faria, Miguel Meneses, Carlos Borges, Jorge Alonso, Mendes da Silva. Grupo Persona. Teatro 1.ª Acto (Algés) - 15-05-1990.

A acreditar num célebre artigo publicado pelo crítico Jorge de Faria (com o pseudónimo de Jorge de Outiz) na revista «De Teatro», por volta de 1924, Camilo não tinha grandemente em conta os seus conhecimentos teatrais que teria bebido, segundo as suas próprias palavras, «em quatro originais portugueses e alguns do 'Arquivo Teatral'». Os originais seriam, segundo o mesmo crítico, duas peças de Garrett, «O Alfageme de Santarém» e «Um Auto de Gil Vicente», e dois de Mendes Leal. Quanto ao «Arquivo Teatral», colecção de peças pouco recomendável, já anteriormente tinha cessado a sua publicação.

Camilo frequentava as salas portuguesas onde o teatro não passava de uma prática penosa de melodramas e farsas que não ficaram na história. Recordo-se ainda Jorge de Faria: «O célebre trágico inglês Sheridan que viera em Junho de 1845 fazer algumas

conferências teatrais, tivera de desistir do seu intento à míngua de ouvintes. Em contraposição, um gigante espanhol com 7 pés e 9 polegadas exibia-se todos os dias, a tostão, com farta concorrência na Rua das Flores. (...) Um filho do visconde da Fonte Arcada entreteve-se uma noite a atirar cascas de laranja sobre os actores portugueses que esmoiam sonolentemente os *Pares de França*. Os jornais da época referem a tremenda assuada ao actor inglês Macready que, apupado, alcunhou os portugueses de 'tigres e javalis'».

A primeira peça de Camilo foi «Agostinho de Ceuta» (1846), etérea resultado da paixão do escritor pela actriz Patrícia Emília, de acordo com Alberto Pimentel, citado por Jorge de Faria; de 1849 é «O Marquês de Torres Novas» que se baseia nos «Anais de D. João III» de Frei Luís de Sousa; sucedem-lhe «Matricida» que tem como fonte de inspiração o mesmo crime contado por Camilo em «Maria

não me mates que sou a tua mãe» (o estupendo espectáculo de Fernando Gomes), peça que devia ter sido representada pela companhia de Emílio Dour mas não chegou a sê-lo por causas financeiras. De 1850 são duas peças: «Preço de um capricho», de que não houve mais notícias, e «Lobisomem», só publicada em 1900; em 1855 representou-se no S. João uma peça em dois actos, «O Magnetismo», também ela desaparecida, a que se seguiram «Poesia ou Dinheiro», sobre os amores de Camilo e Ana Plácido, e «O fim do mundo». Nesse mesmo ano e no mesmo local de publicação, «Cenas Contemporâneas», Camilo divulgou «Patologia do Casamento», que Jorge de Faria considerou «uma interessante comédia representada, plena de observação, de fino senso crítico, de cor, de movimento, de carácter psicológico». Camilo comentou-a nestes termos: «No dia seguinte, os jornais dizem que a comédia é imoral e atentatória contra os costumes.»

Se pensarmos que Ibsen é contemporâneo de Camilo (publicou as suas primeiras peças entre 1851 e 1857), que a primeira grande peça de Strindberg é de 1872, que Buchner morreu

em 1837, deixando três obras-primas, que Gogol morreu em 1852, que Ostrovski e Turgenieff foram os dramaturgos que se sabe, chegamos à conclusão irremediável, por esta e por outras peças de Camilo, que não devemos tomá-lo muito a sério como dramaturgo, reservando para o autor das novelas e dos romances, para o jornalista e polemista, os adjectivos que merece.

Não significa isto que não haja em «Patologia do Casamento» (título incompreensivelmente substituído por este «Trocem-se Mulheres - Máximo Sigilo») elementos psicológicos e sociológicos a ter em conta, uma estrutura dramática que não deixa de ser interessante. A peça põe em jogo os cruzamentos amorosos de dois casais e fá-lo com alguma audácia para o tempo e, ao mesmo tempo, com uma ironia e mesmo com um sarcasmo, que compensam a sua debilidade. É sobretudo através da construção das personagens que Camilo tece os fios da intriga que evolui através de breves situações conflituais nas quais opera sempre um registo satírico.

Não há notícia da estreia em palco desta peça de Camilo pelo que a sua

apresentação pelo grupo Persona não pode deixar de ser aplaudida, mesmo reflexo da insuficiência de alguma da nossa dramaturgia. A encenação de Guilherme Filipe tem o mérito de clarificar os vários eixos da intriga, embora talvez o texto pedisse uma leitura mais satírica, mais próxima da farsa do que da comédia dramática. A cenografia de Rui Marcelino e os figurinos, também de Guilherme Filipe, ajudam a clarificação referida, assim como ajudam os intérpretes na criação das relações que constituem a trama da peça, na qual a presença de Camilo (composição da personagem de Eduardo interpretada por Jorge Alonso) dá um certo picante.

Sublinhe-se a qualidade global da interpretação, mesmo que num ou noutra causa, o nível não se mantenha igual (caso de Mendes da Silva que substituiu Guilherme Filipe), com uma saudação especial ao reaparecimento de Teresa Faria, excelente viscondessa de Valbom.

Este espectáculo confirma o interesse da actividade do Persona no panorama do nosso teatro.

C.P.

Alexandre Melo é o organizador da exposição onde a literatura se articula com as artes plásticas, que integrará a Europália - Portugal. A conversa poderia - ou talvez devesse - começar por aí, mas interessava mais perceber e divulgar, evidências da arte portuguesa contemporânea, do que dissertar sobre o fascínio das certezas

Fazer coisas

Licenciado em Economia pelo ISE e assistente no ISCTE (Universidade de Lisboa), onde prepara o doutoramento, Alexandre Melo tem desenvolvido uma actividade de crítico de arte em diversas publicações nacionais e estrangeiras (a edição de Abril da «Art Forum», por exemplo, publicou-lhe um longo ensaio sobre a obra de Julião Sarmento), conferencista, comissário de exposições e consultor de galeristas que, se em termos de qualidade e linearidade de comportamento não deixam dúvidas a ninguém, já os seus detractores não hesitam em apelar de compadrio, ou mesmo outros epítetos mais conforme as suas estratégias rasteiras.

“Sempre que encontra determinados pólos culturais mais dinâmicos, mais activos, encontra sistematicamente uma rede muito estreita de relações de amizade, cumplicidade, nalguns casos de agressão, entre artistas, escritores, poetas, galeristas, editores, jornalistas, coleccionadores” - disse Alexandre Melo. E recordou que “isto é uma evidência da história cultural do nosso século, nas artes plásticas, mas também nas outras áreas”.

Tudo bem. O problema - se, e para quem, de um problema se trata - parece residir na multiplicidade de meios de que se serve (“Expresso”, “Art Press”, “Flash Art Internacional”, monografias e catálogos) afinal para definir a intransigência de uma qualidade, a recusa em militar na incongruência.

A. M. - “No caso da actualidade e das artes plásticas, o que se assiste é que, por todo o lado, os críticos, para além de escreverem em jornais mais ou menos especializados e revistas teóricas, trabalham também como organizadores de exposições, seja para museus, galerias, ou outro tipo de instituições, e como conselheiros ou consultores quer de galeristas, quer de instituições ou coleccionadores... Quanto à questão do compadrio, ou cumplicidade, esta diversificação de actividades torna as coisas muito claras. Por exemplo, se tu não te eximes a dar a tua opinião em diferentes contextos (um artigo, uma exposição que te convidem a organizar, uma conversa) isso só torna mais transparente e mais perceptível para toda a gente qual é a tua opinião. Só aumenta o teu grau de responsabilidade pelas opiniões que emites e, ao mesmo tempo, dá a oportunidade às pessoas de directamente con-

frontarem a tua opinião, de te contrariarem e entrarem em debate contigo”.

Gerações emergentes

A participação regular em congressos, conferências e mesas redondas, permitiu que Alexandre Melo disponha de contactos que o tornaram um dos principais responsáveis pelo surto de internacionalização que os artistas portugueses conheceram nos últimos dez anos. Os outros são as galerias que, por força da sua dinâmica, souberam impor às instituições a necessidade de Portugal participar em feiras internacionais, em vez da habitual cedência dos seus artistas para ilustrar as deslocações ao estrangeiro de membros do Governo.

A. M. - “Durante a década de 80, em Portugal, afirmou-se uma dinâmica no campo das artes plásticas que não se encontrava há muito tempo. Isso esteve ligado, basicamente, à emergência de uma geração de artistas acompanhada por pessoas que no plano da crítica e do jornalismo começaram a escrever, ao mesmo tempo que uma série de artistas começou a expor, e também foi incidindo com o aparecimento ou o reforço de um pequeno grupo de galerias que mostravam ambições e desenvolviam um trabalho mais exigente do que o que tínhamos tido anteriormente. Uma das componentes desse dinamismo foi uma espécie de vocação internacional que se começou a definir nessa década. Isto sucedeu através das participações em feiras de arte; através de textos de crítica que foram sendo publicados em revistas internacionais, que até muito recentemente ignoravam completamente Portugal; através de artistas estrangeiros que vieram cá expor ou trabalhar, ou artistas portugueses que começaram a expor no estrangeiro. É um movimento ainda muito embrionário mas que, como sintoma de uma mudança de atitudes, já é bastante significativo. Agora, que limitações de fundo é que se põem relativamente a esta dinâmica? Uma primeira razão tem a ver com uma massiva desinformação e anacronismo da opinião pública”.

Da arrogância da ignorância

Habitados a lerem-se a si mesmos, os profissionais da mediocridade não se coíbem de afirmar, publicamente, que credíveis revistas internacionais de arte, não têm qualquer interesse.

A. M. - “É o fenómeno típico



Alexandre Melo

da arrogância da ignorância. A pessoa não só é ignorante e exhibe a sua ignorância, como a reivindica acusando os outros de serem pretensiosos, estrangeirados. É uma espécie de paradoxo: quanto mais ignorante a pessoa é mais firme se sente nas suas convicções. Como elas assentam num nível de informação mínimo ela sente-se muito convicta desse mínimo e ataca. Outro problema resulta de que o mercado é reduzido e há muito pouca gente a coleccionar a nível internacional. Muitos coleccionadores, precisamente porque têm pouca informação, só conhecem meia dúzia de nomes que compram sistematicamente, e às vezes até a preços bastante elevados. É necessária uma abertura do horizonte e um aumento do nível da informação. Finalmente o aspecto que constitui a maior limitação, e que poderia ajudar muito a alterar a situação quer da opin-

ião pública, quer do mercado e dos coleccionadores, é a actividade das instituições. E é isso que faz uma grande diferença entre Portugal e os outros países, e nomeadamente a Espanha. Em Portugal nunca houve a ideia de que a política cultural é uma componente decisiva da política externa, ou se se quiser, da criação de uma imagem do país, quer para si próprio, quer para o exterior. Nunca houve a ponderação da importância desta imagem cultural. Por outro lado, há uma ainda menor sensibilidade à questão de que a intervenção cultural tem de ser vista em termos de actualidade e dinamismo. Não, sempre, só, o aspecto da conservação ou defesa do património que é fundamental, e em Portugal é decisivo, mas conceber também a intervenção cultural das instituições como uma forma de articulação, de reforço das dinâmicas e das iniciativas

que agora estão a ser tomadas pelos agentes culturais mais dinâmicos e activos”.

O eterno triunvirato

Se já há galerias capazes de retirar o público às instituições, é porque a sua programação não adormeceu no conforto paternalista.

A. M. - “Recenseando as instituições, a SEC tem o orçamento espartilhado por condicionamentos administrativos ou políticos que acabam por dar uma margem de manobra mínima às pessoas mais ou menos bem intencionadas ou mais ou menos competentes. Em relação à Gulbenkian, e é o caso mais lamentável, trata-se de uma instituição que teria todas as condições para desempenhar um papel dinamizador muito rico, nomeadamente nas artes plásticas, simplesmente a sua acção está completamente bloqueada por um conjunto de valores, atitudes, comportamentos e entendimentos das situações culturais que se reportam e se fixaram naquilo que era a actualidade cultural há vinte anos atrás”.

Mas subitamente, o “quero, posso e mando” das instituições clássicas foi abanado pela Fundação Luso-Americana.

A. M. - “Tanto quanto se pode avaliar uma actividade de dois anos parece estar a desempenhar um papel positivo, porque as iniciativas que têm tomado (por exemplo, a MADE-IN, a colecção de arte portuguesa contemporânea que estão a constituir, alguns apoios traduzidos por bolsas a artistas e outras pessoas) têm critérios perceptíveis e perspectivas de continuidade. Geralmente, o grande problema das instituições portuguesas é que, para além do seu anacronismo e falta de informação, actuam aos repelões. Este ano damos para aqui, para o ano já não. Este ano compramos; para o ano não se sabe. Seria muito desejável, e espero que existam condições para isso que as acções e as responsabilidades culturais assumidas pelo Estado, o sejam de uma forma tão independente quanto possível, das mudanças ditadas por factores de natureza extra-cultural. Já se sabe que os cargos nos governos são sempre dependentes de factores políticos, e não se pode fazer nada contra isso. O que é necessário, é que as dinâmicas em que o Estado, através do Governo, se envolve, possam ser mantidas independentemente dessas variações. Por outro lado, e por parte dos agentes privados, está-se a perder um bocadinho aquele

grande trauma que sempre houve em Portugal, que é o das pessoas passarem a vida a queixar-se que o Estado não faz, não dá, e que não podem fazer nada. É evidente que se deve responsabilizar o Estado pelo que faz ou não. Mas isso não impede que simultaneamente as pessoas façam o que podem recorrendo à sua própria energia, rede de contactos e relações pessoais, e recorrendo também a fundações e empresas privadas, aos meios que têm ao seu dispor. Essa mutação é característica das gerações mais recentes de artistas, galeristas, pessoas ligadas a este meio, deixou de haver essa dependência...”

Doentia...

A. M. - “Essa contestação era ao mesmo tempo uma forma de dependência. Mesmo sabendo que as instituições não prestam, que não fazem e se calhar nunca virão a fazer nada, porque não têm dinheiro ou cabeça ou interesse, nós vamos fazendo as nossas coisas o melhor que soubermos e pudermos. Muitas galerias e artistas começam a ir por esse lado e as próprias instituições começam a reconhecer essa capacidade de afirmação, e movimentação, que se desenvolveu e se reforçou independentemente ou contrariada por elas. Não é nada de espectacular, mas já é muito difícil não a reconhecer”.

Os gostos formam-se, moldam-se, poucas vezes se educam. Atingiu-se a gravidade de a televisão não ter um programa, ao menos de divulgação das artes plásticas. Não basta um remendo semanal no programa «Ponto por Ponto» que, das artes plásticas, só conhece pintura de flores e sítios onde também se vendem quadros. Se conhece mais, então a gravidade toma outras proporções, porque os omite.

A. M. - “No que diz respeito à formação da opinião pública, no campo das artes plásticas, a RTP desempenha um papel particularmente lamentável, para não dizer caricato. Ao contrário da informação escrita que, apesar de tudo, tem melhorado bastante nos últimos anos, no aspecto da divulgação. A RTP não só não tem programas especializados sobre arte contemporânea como tem uma total ausência de critérios quanto às exposições e iniciativas que noticia. Só isso explica o tempo de Telejornal por vezes concedido a exposições absolutamente nulas. É ridículo”.

Jorge Fallorça

CULTURA E ESPECTÁCULOS

No Brasil, também a estrela entre as estrelas tem de «batalhar patrocínio»

«Elas»... pela melhor: Marília Pêra

Uma das áreas mais «descolhidas» no plano económico recentemente arquitectado pela jovem equipa governativa do Brasil é, sem dúvida, a das artes. Órfãos de uma lei de Incentivos Fiscais destinada a patrocinar actividades culturais e artísticas, os brasileiros queixam-se cada vez mais de uma precariedade laboral e criativa difícil de suportar. Com a extinção da Lei Sarney - referente ao mecenato cultural -, os artistas de todos os quadrantes sofreram um duro golpe nos seus projectos e realizações.

Até essa grande dama do teatro brasileiro que é Marília Pêra foi atingida. Uma das melhores atrizes da década de 80, segundo o «Los Angeles Times», há mais de um ano em cartaz com esse magnífico «Elas por Ela», Marília Pêra foi apoiante activa de Collor de Mello na campanha eleitoral que o elegeu Presidente (sofreu alguns dissabores por causa disso, de resto), e lá está, «batalhando patrocínio» para levar o seu espectáculo até ao público carioca.

A carreira da peça foi «duramente arranhada pela falta de dinheiro da classe média paulistana» e, naturalmente, «pela retirada em massa de capital patrocinador disse ao «DL», a artista. Este verdadeiro «tour de force» da atriz manteve-se durante meses a fio indiferente à competição das grandes esponjas de público que foram duas populares novelas televisivas do horário nobre, nomeadamente a picante «Trieta do Agreste» e a sofisticada «Kananga do Japão».

Marília acertou em cheio num «show» de luxo transbordante de sensualidade e energia, a necessária para «reviver» de uma assentada o talento e a poesia de mais de trinta cantoras que entre os anos 20 e 70 atravessaram um passado ainda quente, «resgatando a memória da música brasileira» e «o espaço da mulher» nessa geografia transbordante de violenta paixão. O nome daquela que é talvez a mais completa artista do seu país, e que segundo Caetano Veloso (padrinho e colaborador de «Elas por Ela») é também a sua melhor cantora, encontra contorno ímpar numa carreira iniciada aos quatro anos de idade numa mon-



tagem de «Medeia» estrelada por Henriette Morineau. Talvez ela própria não desconfiasse das suas virtudes em adolescente, quando a sua vocação era a dança clássica, cujos estudos iniciou aos onze anos.

Mãos que falam pelos cotovelos

«Já ganhei a minha vida como bailarina. Dancei em tempos em vários musicais e adorei.» Este é um depoimento facilmente testemunhável num corpo que constantemente se transforma e que parece vibrar em cada palavra. Um corpo abençoado com mãos mágicas que «falam pelos cotovelos»...

Muitos de nós sabemos que não só o teatro declamado e musical abriu as suas portas à super atriz. Também na televisão e no celulóide ela conquistou um espaço de topo. Personagens tão carismáticas como a gostosa Rafaela da telenovela «Brega e Chique», a notável Juliana arrancada às páginas lusitanas

de Eça na versão televisiva de «Primo Basílio», a patética prostituta Sueli do tocante «Pixote» - filme amplamente distinguido pela crítica internacional - e a trágica Dalva d'Oliveira em «Estrela Dalva», foram marcos brilhantes de uma longa e frutuosa trajetória artística.

«Elas por Ela» surgiu justamente na cabeça de Marília Pêra depois de a cortina ter descido sobre aquela peça, e

a respeito da qual Aurora Miranda terá exclamado: «Você não canta como minha irmã Dalva, não dança como ela, mas você é ela!»

«Nesse memorável espectáculo Dalva ensinou-me colocações vocais até então inimagináveis para mim. Quis continuar a desenvolver esse prazer de cantar que é um dos melhores meios de comunicar com emoção e sentimento. Pensando em Dalva

pensei em Isaurinha, em Ângela, em Dircinha e nas outras todas.» Na conversa que o «DL» manteve com a brasileira, registámos a sua opinião de que «uma cantora tem apenas uma personagem, ela própria, enquanto uma atriz tem muitas variantes de várias personagens».

O que se explica. «Ouvindo cantar muitas artistas do passado tentei sentir a alma de cada uma delas. Jamais me contentaria com uma simples imitação. Tentei pois estudar cada dor, cada alegria, cada soluço e somar (por fim) a essas almas, a minha própria», concretizou Marília Pêra. Abrindo a cortina deste grande «one-woman-show» em que Marília é soberbamente acompanhada por dois bailarinos, três cantores - um dos quais é seu filho - e duas «artistas de palmo e meio» também suas familiares, nele desfilam mulheres apaixonadas e apaixonantes que também fizeram a história do Brasil.

Uma saudade imorredoura

Desde a «falsa baiana de Marco de Canaveses» e outras inveteradas «revisteiras», até às que, como Clara Nunes, Maria Bethânia e Elis Regina choraram «A Pátria Mãe Gentil», passando pelas cantoras apaixonadas e sofridas dos anos 40 e 50, pelas que «caminhavam e se arrastavam pelo chão» nos 60 e ainda pelas que «davam a volta por cima» assumindo a Bossa Nova na década de 70, todas são interpretadas com um sentido humano e uma sin-

ceridade que vai do patético ao sublime, exalando sempre o sabor de épocas de uma saudade imorredoura.

O espectáculo desenvolve-se com um rigor e um ritmo quase alucinantes e, nos intervalos deixados pelas intervenções musicais, Marília Pêra improvisa «charges» ou tece comentários humorísticos plenos de espírito e inteligência. As plumas dão lugar a lanterna e estas a pérolas luzidas ou a brilhantes falsos, que apenas descansam quando sensivelmente a meio do «show» a artista se entrega a um informal «bate-papo» sentada à beira do palco, nos braços de um público carinhoso e confiante.

Um público que invariavelmente lhe grita das poltronas ser ela o «orgulho do Brasil» e que «é incapaz de falar porque está de boca escancarada». O roteiro termina inesperadamente com a universalidade de Bizet, numa «Carmen» sem qualquer brasileirismos homenageando finalmente a diva das divas: Maria Callas.

Para a magnífica atriz este «é um espectáculo que mais do que física é vocalmente muito violento». Um trabalho exigente que não lhe apaga o charme e a distinção debaixo de uma ligeira maquilhagem e de um perfume que deixa rasto. Já de saída não nos esconde a emoção de se «saber querida em Portugal», e confidencia a sua grande vontade de um dia poder representar do lado de cá do Atlântico. **António Laginha**

Morreu Chris McGregor

O músico de jazz sul-africano Chris McGregor morreu no passado sábado, numa clínica de França, vítima de cancro num pulmão. O primeiro músico branco a tocar com negros na África do Sul tinha 53 anos e estava exilado desde 1964 na Europa, devido às suas posições hostis ao regime do apartheid. O pianista era líder do grupo Brotherhood of Breath que interpretava temas clássicos de jazz bem como música de raiz tradicional sul-africana. No seu último disco, de 1989, McGregor confronta-se a duo com o saxofonista norte-americano Archie Shepp.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA 5.º JUÍZO ANÚNCIO

Pelo presente se anuncia que na 2.ª Secção do 5.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa se encontra designado o dia 26 de Junho de 1990, pelas 10 horas, para julgamento, nos autos de Contrato Individual de Trabalho, em que é Autora HORTENSE DA LUZ DA CONCEIÇÃO AFONSO PIRES DA LAMA NOGUEIRA e Réus VALÉRIO NUNO DO QUENTAL FIGUEIREDO E OUTROS - Proc.º n.º 84/89, se notifica IRENE BATISTA TRINCAO, com última residência conhecida na Rua Professor Mira Fernandes, 91 - 6.º Esq.º - Lisboa e RAMIRO LUIS, cuja última residência conhecida foi na Rua Professor Mira Fernandes, 91 - 4.º Esq.º - Lisboa, para comparecerem neste Juízo e Secção no dia e hora acima indicados. Mais se notifica de que as comparecimentos são obrigatórios, nos termos do art.º 89 n.º 1 do C.P.T., sob pena de se aplicar o disposto no n.º 3 do citado artigo.

Lisboa, 30 de Abril de 1990.
O Juiz de Direito,
(assinatura ilegível)
A Escrivãria,
(assinatura ilegível)

«DL» - 1.ª Pub. 29/5/90

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA 2.º JUÍZO ANÚNCIO

Faz-se saber que pela 3.ª Secção do 2.º Juízo deste Tribunal correm seus termos uns autos de Contrato Individual de Trabalho - Sumário, registados sob o n.º 91/89 em que é Autora Maria Prudência França Castiço Cunha e RR. FERNANDO JORGE RAMALHO E MULHER, LÍDIO DE FRANCESCO RAMALHO, com última residência conhecida em Albergaria-a-Velha, e neles correm éditos de 30 dias, citando os RR para no prazo de 8 dias, findo os éditos e estes a contar da publicação do 2.º anúncio, contestarem, querendo a acção que lhes move o A. acima identificado, sob pena de, na falta de contestação serem condenados imediatamente ao pedido que consiste no pagamento de férias, subsídios de férias e de Natal, quantias vencidas desde a data do despedimento e indemnização por despedimento.

— mais ficam citados para no mesmo prazo contestarem, querendo, o pedido de apoio judiciário requerido pela A. na sua p.i. cujo duplicado se encontra nesta Secção à disposição dos citandos.

Lisboa, 2 de Abril de 1990.
A JUÍZA DE DIREITO,
Dr. Helena Lopes
O Escrivã Adj.
(assinatura ilegível)

«DL» - 1.ª Pub - 29/5/90



UM POETA AFINADO



Manuel de Figueiredo

CURTA CARREIRA

Dramaturgia: Manuel João Gomes; Encenação: Luís Miguel Cintra; Cenário e figurinos: Cristina Reis; Montagem: Fernando Correia; Guarda-roupa: Emília Lima (cedida pelo T. N. D. Maria II); Adereços especiais: João Calvário; Interpretação: Adriano Luz, António Fonseca, Fernando José Oliveira, Gilberto Gonçalves, José Manuel Mendes, Luís Lima Barreto, Luís Miguel Cintra, Luísa Cruz, Maria José, Márcia Breia, Roberto Candeias, Rogério Vieira, Rui David, Rui Matamouros e Teresa Madruga.

TEATRO DO BAIRRO ALTO: Rua Tenente Raul Cascais, 1-A - 1200 Lisboa
Telef.: 396 15 15/396 92 05

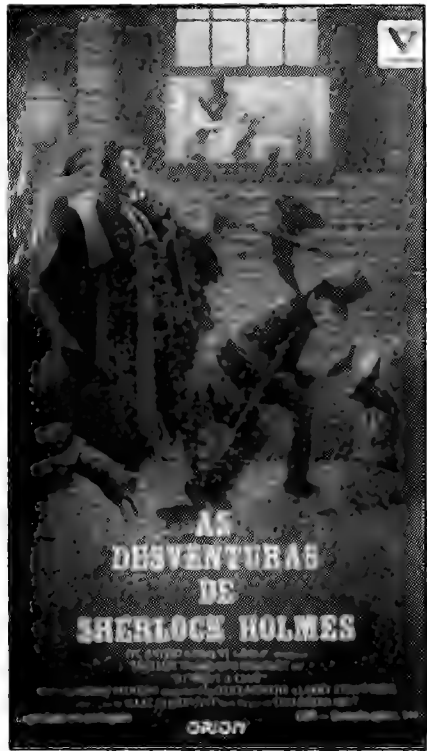
De 3.ª a sábado, às 21.30h, e domingos, às 16h
Atenção: O espectáculo começa pontualmente
Não é permitida a entrada na sala depois do início

VIDEO CATÁLOGO

(As) Desventuras de Sherlock Holmes

Comédia feita à medida de dois actores (Michael Caine e Ben Kingsley), «As Desventuras de Sherlock Holmes» é também uma tentativa de desmitificação do mito Holmes, em favor do adjunto Watson.

Estamos, todavia, diante de um trabalho fracassado, cujo visionamento não aconselhamos particularmente.



«Without a Clue». Realização: Tom Eberhardt. (E.U.A.-1988). Intérpretes: Michael Caine, Ben Kingsley. Cor. 115 minutos. Comédia. Para maiores de 12 anos. Edição Orion / Publivideo.

Inferno nas Alturas

Inaugurada há bem pouco tempo, a colecção «Clássicos da 7ª Arte» impõe-se já no mercado videográfico português pela qualidade das suas edições: Tati, Ford, Preminger, eis alguns dos cineastas já contemplados. Ao editar «Inferno nas Alturas», a sobredita colecção trouxe-nos Nicholas Ray, não no seu melhor, mas num trabalho que, ainda assim, se mostra bastante apreciável. Filmado em 1951, este filme cuja acção decorre em pleno combate dos aviadores americanos contra



os kamikaze japoneses, centra-se nas conflituosas relações de um comandante austero (interpretado por John Wayne), com um adjunto, sempre preocupado com os problemas pessoais dos jovens combatentes (v. coluna «Cinco Estrelas»).

«Flying Leathernecks». Realização: Nicholas Ray. (E.U.A. - 1951). Intérpretes: John Wayne, Robert Ryan, Janis Carter. Cor. 102 minutos. Guerra. Música de Roy Webb. Para maiores de 12 anos. Edição Edivideo. Venda directa.

CINCO ESTRELAS

Fúria de Filmar

Chamaram-lhe quase tudo, mas a Nicholas Ray nada lhe assentou tão bem quanto a designação «cineasta de todos os rebeldes». Talvez por isso mesmo, por essa proximidade com a independência própria dos felinos, preferia os gatos entre todas as espécies da Terra e é ainda também por isso que, hoje, associamos o seu nome, incisivo e belo como a aresta dum diamante a «O Crime Não Compensa», «Fúria de Viver» e «Johnny Guitar».

Gente parca em elogios rendeu-lhe surpreendente vassalagem e Godard disse que ele era o cinema e nada mais que o cinema, como se depois de tal personificação fosse possível ser ainda outra coisa.

Começou a actividade como assistente de realização de Elia Kazan e terminou filmado no leito de morte por Wim Wenders. Entretanto cometera excessos de toda a ordem e casara com um diabo chamado Gloria Grahame.

«Inferno nas Alturas», realizado em 1951, não está de forma alguma ao mesmo nível de outros filmes de Ray, mas dignifica-lhe o nome e confirma-lhe o gosto pelas ligações perigosas. Neste filme, ao contrário do que faria Humphrey Bogart, ou mesmo Raoul Walsh, as luzes da ribalta não incidem especialmente sobre o heroísmo do «yankee» que saúda a bandeira nacional sempre que abate um «zero». Claro que também isto se vê, mas não estamos de modo algum diante de mais uma película cheia do Betty Grable «way of acting» ou de comoventes louvores aos «nossos queridos e brancos rapazes americanos».

O mais importante para Nicholas Ray eram os homens e as mulheres quando «tête-à-tête»; só isso despoletava a fúria de filmar que unanimemente se lhe reconhece. No caso, o «tête-à-tête» é estabelecido por John Wayne e Robert Ryan, oficiais de carreira durante a guerra, que, partilhando o comando de um esquadrão indisciplinado, não comungavam exactamente das mesmas ideias quanto ao modo de dirigir jovens que vivem paredes meias com a morte. Para agravar as coisas entre ambos, havia ainda uma vaga questão de rivalidades, à mistura com alguns ciúmes.

A verdade, no entanto, é que nos filmes tudo está bem quando acaba bem e o pessimismo de Nicholas Ray nem sempre resistiu até aos últimos metros de fita. Em «Fúria de Viver», James Dean e Natalie Wood, meninos incompreendidos numa cidadezinha de província, prometem entender-se mutuamente por muitos e bons. Em «Inferno nas Alturas», Wayne e Ryan combinam uma bebedeira monumental para os tempos de paz. Depois, há algo que nos lembra Bogart e Claude Rains, sozinhos, um ao lado do outro, certa noite em Casablanca. Sabe-se o que estas coisas são na boca dos homens: o adeus às armas e o princípio de uma bela amizade.

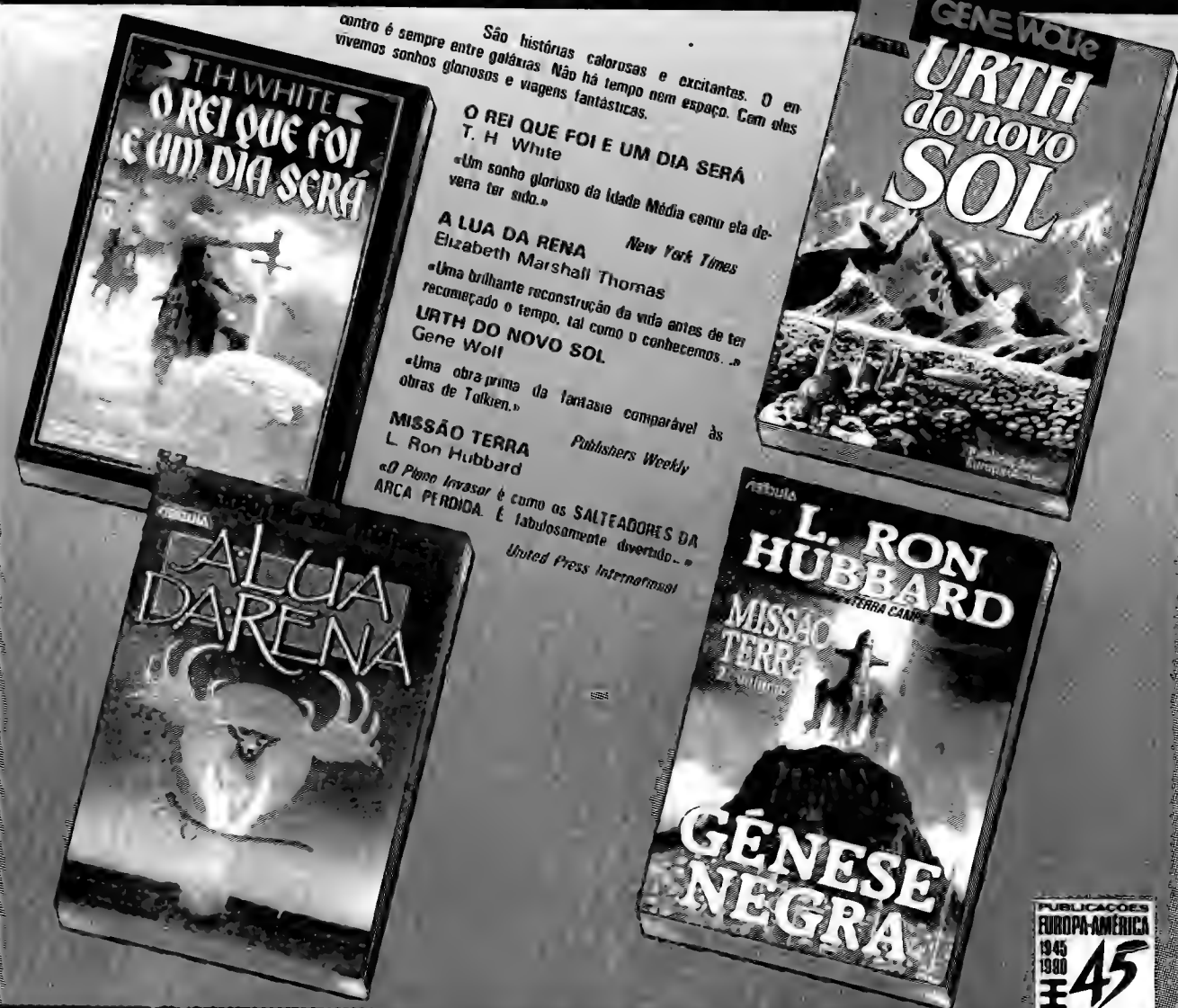
Maria João Martins



James Dean em «Fúria de Viver», o rebelde favorito de Nicholas Ray

NEBULA

AQUI... AO REAL CHAMA-SE FICÇÃO, E À FICÇÃO, O FANTÁSTICO.



EUROPA-AMÉRICA... a memória no futuro...

PUBLICAÇÕES
EUROPA-AMÉRICA
1945
1990
45
ANOS
DE INDEPENDÊNCIA

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Falar de cinema

«Paixões funestas»

A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL (Camille Claudel)
- R: Bruno Nuytten (França, 1988); A: Bruno Nuytten, Marilyn Goldin e Misa Terani, segundo obra de Reine Marie Paris; F (cor): Pierre Lhomme; Dir. art: Bernard Vezat; M: Gabriel Yared; Mont: Joelle Hache e Jeanne Kef; P: Christian Fechner/Lilith Films/Gaumont/Films 2/Antenne 2; I: Isabelle Adjani, Gérard Depardieu, Lauren Grevill, Alain Cuny, Madeleine Robison, Katrine Boorman, Philippe Clévenot, Danièle Lebrun, Roger Plachon, Joan Pierre Sentier, etc.; D: 173 m; Dist: Atalanta Filmes; Est: Forum Picoas e 7.ª Arte (11.5.1990); Cl: **** (M/12 anos).

Quando se cita o nome de Rodin, quase toda a gente medianamente informada sabe quem foi. Quem saberia, porém, quem foi Camille Claudel antes desta obra de Bruno Nuytten, um dos principais directores de fotografia franceses que assim dirige a sua obra como realizador?

Pois Camille Claudel foi uma jovem escultora, contemporânea de Rodin, mas muito mais nova, que, começando por ser sua aluna dilecta, se tornou sua amante e sua principal colaboradora no período mais fecundo da obra do mestre (aquele em que Rodin criou Os Burgueses de Calais, As Portas do Inferno, Victor Hugo, Balzac e tantas esculturas de um intenso erotismo, muito pouco ortodoxo para a época).

Mas a paixão desmedida de Camille por Rodin teve um desenvolvimento dramático, fazendo desta figura frágil na aparência, mas obstinada e decidida no íntimo, um fogo-fátuo que os costumes do tempo consumiram cruelmente. Obrigando o escultor a optar entre ela e a companheira de há anos, Rose Beuret, Rodin não terá tido a atitude que Camille Claudel ambicionava. Esta afastou-se então do seu convívio, isolando-se do mundo, fechada num «atelier» onde freneticamente foi

criando uma obra atormentada que posteriormente destruiria quase inteiramente, caminhando a passos certos para a loucura.

Sentindo-se perseguida pela sombra do mestre, com quem não mais privou, ainda que o perseguisse por Paris, Camille não encontrou na família, depois da morte do pai, ninguém que a apoiasse, nem o cristianíssimo irmão Paul Claudel, nem a beata mãe que a preferiu enclausurar num hospício, não permitindo que de lá saísse, nem mesmo depois dos próprios médicos o aconselharam.

Assim viveu Camille Claudel os derradeiros trinta anos da sua existência, tentando todos quantos a rodearam (com a excepção de Rodin que até ao fim da sua existência procurou, ainda que de longe, saber da sua saúde e contribuir para o seu possível bem-estar no interior do asilo) esquecer o seu nome e obra, até que há bem pouco tempo, em virtude da persistência de alguém que resolveu remexer no passado e trazer à superfície esta história exemplar, se pôde redescobrir um



Lauro António

percurso consumido por entre paixões funestas e puritanismos impiedosos.

Sabendo da existência dessa biografia, Isabelle Adjani comprou os seus direitos para cinema e durante anos tentou erguer o projecto, conseguindo-o em 1988, oferecendo a Bruno Nuytten a oportunidade de se estreiar como realizador. O resultado, sem ser brilhante (há alguma retórica na narrativa de Nuytten), é muito meritório e o trabalho de Isabelle Adjani já protagonizara em «Adele H.», de François Truffaut) é bem dado por Nuytten que consegue boas imagens cinematográficas (como por exemplo a ideia de um «ciclo da terra» cumprido por Camille, ciclo esse que abre com as imagens iniciais do filme - Camille arranca barro das valas das ruas de Paris - e fecha nas derradeiras - Camille restituindo as suas estátuas destruídas ao barro de Paris). O clima de um forte erotismo nas relações de Rodin e Camille é também ele bem sugerido, sem excessos, mas de forma vibrante, permitindo supor a «loucura» do seu amor. Aqui e ali, sobretudo nas primeiras sequências, é possível surpreender algumas redundâncias descritivas, e mesmo um certo convencionalismo acadêmico, mas depois o filme ganha força e Nuytten confança. Mas é particularmente no trabalho de Adjani e Depardieu que o filme assenta e há que reconhecer que eles são soberbos.



«A paixão de Camille Claudel»

13.ª FITEI

De Denise Stoklos a Lorca

Às 21 e 30 do dia 30 de Maio abre o pano para a 13.ª edição do Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica. Está prevista a presença de António Reis, presidente do FITEI, para fazer a apresentação do festival bem como a leitura da Mensagem, este ano da responsabilidade de Luís Molina, presidente do CELCIT. E ainda uma homenagem à actriz Dalila Rocha e ao teatrólogo Manuel Deniz-Jacinto.

Às 22 horas no mesmo local, Auditório Nacional Carlos Alberto, início dos espectáculos com a criação da grande actriz brasileira Denise Stoklos do monólogo «A Casa».

No dia seguinte, 31 de Maio, repetição do espectáculo de Denise Stoklos, também às 22 e, no Rivoli, às 21 e 45, o espectáculo do Teatro Sidor, de Caracas, Venezuela, com «A Casa de Bernarda Alba» de Lorca.

Sexta-feira, 1 de Junho, re-

petição da peça de Lorca, à mesma hora e no mesmo local, e às 18 e 30, na Cooperativa do Povo Portuense, a Seiva Trupe estreia o seu novo espectáculo, «O Assassino de Macário», de Camilo, encenação de Júlio Cardoso; no Carlos Alberto, o Teatro Corsário, de Valladolid, apresenta às 21 e 45, a peça de Caldéron «El Grand Teatro del Mundo».

Sábado, 2, o Corsário repete o seu espectáculo às 18 e 30 e A Barraca estreia no Porto, «Margarida do Monte» (Rivoli, 21 e 45). Ainda nesse dia dois espectáculos do Teatro de Portalegre na Cooperativa do Povo Portuense, às 16 e às 22, com Gil Vicente. Domingo, 3, às 18 A Barraca com o seu espectáculo; a Companhia de Teatro de Almada com «Marco Milhão» de O'Neill, no Carlos Alberto, às 21 e 45. Nesse mesmo dia, regresso do grupo moçambicano Montubela Gogo com o espectáculo

«Nove Ora», às 16 na Cooperativa do Povo Portuense; no Ateneu Comercial João Grosso apresenta, às 22, o seu belo trabalho sobre a «Ode Marítima».

Dia 4 de Junho, segunda-feira, repetições: Motumbelo Gogo, às 18 e 30; Almada, às 21 e 45; João Grosso às 22. No Rivoli, às 21 e 45, a Companhia de Teatro de Braga estreia no Porto, «Arquicoiso» de Pinget.

Espectáculo repetido no dia seguinte, à mesma hora. O Grupo Experimental de Angola, pela primeira vez entre nós, estreia «Kahitu», no Carlos Alberto, às 22 horas. Do Panamá, também no dia 5, o Grupo Oveja Negra apresenta «Movimientos al Sol» no TEP, às 21 e 45; ainda no dia 5, na Cooperativa do Povo Portuense, às 18 e 30, um grupo de Lima, Peru, Rose Cano, apresenta «Reina de la Noche».

C. P.

ANIMAÇÃO TURÍSTICA
SINTRA

ADEGA REGIONAL DE COLARES

JUNHO
GRUPO DE METAIS DE LISBOA
Dias 1, e 2 — 21.30h

SOULS IN MOTION
Grupo de Dança Jazz
Dias 7, 8 e 9 — 21.30h

ESPECTÁCULO: 1000\$00
Desconto de 10% para portadores do cartão jovem

ORGANIZAÇÃO

Câmara Municipal de Sintra

COLABORAÇÃO

Adega Regional de Colares

INFORMAÇÕES:

Turismo de Sintra, tel. 923 11 57 / 923 54 01

Turismo de Colares, tel. 929 26 38

BILHETEIRAS:

Turismo de Sintra das 9.00 às 19.00 horas

Turismo de Colares das 9.00 às 19.00 horas

Valentim de Carvalho das 10.00 às 23.45 horas

APOIO

Câmara Municipal de Lisboa / British Council / Embaixada da Holanda

Adega Regional de Colares

Sarrió/Royal/Enatur/Cartão Jovem/Instituto de Promoção Turística

DESPORTO

UEFA move inquérito urgente

Bernard Tapie não desarma: Langenhove foi subornado

Continua em grande efervescência o caso da possível corrupção, por parte de clubes portugueses, do árbitro belga Marcel Langenhove que o dirigente marseilhês Bernard Tapie (presidente do Olympique daquela cidade francesa) acusa de ter recebido elevadas somas em dólares para facilitar a vida de emblemas do nosso país envolvidos em jogos que dirigiu para provas da UEFA.

O «L'Équipe» (em França) mais o «Record» e «O Jogo» (por cá) publicam fotocópias de ordens de transferência de divisas para uma conta secreta em banco suíço, afirmando o controlo de Tapie que se trata de um «refúgio dos proventos ilícitos» do árbitro belga. As notas de depósito emanadas do Banco Edmond de Rothschild para a Union de Banques Suisses creditaram a conta secreta n.º 701 701 FT nas verbas de 85 mil dólares (cerca de 12 750 contos) e 90 mil dólares (perto de 13 500 con-

tos portugueses) e têm como origem as letras SPO e POR que, pouco veladamente, Tapie atribui ao Sporting e ao Porto, clubes que tiveram diversos jogos já arbitrados pelo homem que o patrão do Marselha quer espezinhar a todo o custo, não lhe perdendo o golinho de Vata, na Luz...

Langenhove, que não se cansa de proclamar estar inocente e com as mãos imaculadas, arbitrou encontros em que os clubes portugueses foram eliminados de provas da UEFA (nomeadamente Liverpool - Benfica, Barcelona - Porto e Dukla de Praga - Benfica) mas Bernard Tapie deixa no ar as hipóteses de suborno nos embates Sporting - Tirol, a 13 de Novembro de 87 (4-0) e Porto - Viktovice, a 5 de Novembro de 1986 (3-0), com os nossos representantes vencendo essas eliminatórias europeias.

O árbitro belga, que tem galões internacionais há 14 anos, está já sujeito a inquérito mo-

vido pela Comissão de Disciplina e Controlo da UEFA, ao mesmo tempo que o Banco Edmond de Rothschild também está a proceder a cuidada investigação para apurar quem fez saltar cá para fora a documentação que deveria ser sigilosa (como é norma obrigatória dos bancos suíços em relação aos seus clientes) e o depositou nas mãos de Bernard Tapie, «armamento» que ele está utilizando para derrubar Langenhove às portas do mundial para onde continua seleccionado.

Entretanto, os presidentes dos dois clubes equacionados afirmam, categoricamente, que nada têm com o caso: tanto Jorge Nuno Pinto da Costa (leader portista) como Amado de Freitas (presidente dos leões em 87) garantem estar de consciência tranquila e prontos a depor em qualquer momento que lhes seja solicitado pela UEFA. Ao mesmo tempo, o presidente fifeiro João Havelange declara que a

Comissão de Arbitragem da FIFA vai tomar esta semana uma atitude, porque um juiz do mundial não pode estar em acção sob o peso de qualquer coacção ou suspeita.

Resumindo e concluindo, por hoje: Marcel Langenhove não nega que, sendo comerciante em Bruxelas (Bélgica), tem conta num banco suíço e quanto a um possível suborno em jogos que envolveram clubes do nosso país, ficamos de pé atrás, especialmente quanto ao modo como o dinheiro iria parar às mãos do árbitro.

Não é tanta a ingenuidade de alguns dirigentes desportivos que, na hipótese de tentarem aliciar árbitros, fossem depositar-lhes o «prémio»: mais fácil e nunca permitindo correcta inspecção policial seria passar-lhe a massa por debaixo da mesa. Em notas correntes e (claro) usadas e sem numeração seguida...

N. de S.



Belo comportamento em Paris

Proeza do nosso ténis

Nuno Marques em frente no palco de Roland-Garros

Façonha inédita no ténis português: Nuno Marques, ao bater o argentino Christian Miniussi, em três «sets», na 1.ª ronda do Open de França, em Roland-Garros, passou ao quadro principal da mais importante competição ténística mundial.

Nuno Marques venceu o tenista argentino pelos parciais de 6-1, 7-6, (7-4) e 6-2, indo defrontar na 2.ª ronda o australiano Johan Anderson (número 107 do mundo) que bateu o francês Olivier Delaitre, por 6-4, 7-5 e 6-1.

É a primeira vez na era «open» que um tenista português consegue ganhar umma ronda num torneio do Grand Slam. Marques teve presença no quadro principal de Roland-Garros, depois de ter ganho três embates na fase de qualificação.

Entretanto, por cá Sofia Prazeres defronta hoje a espanhola Ana Segura na ronda de abertura de um torneio feminino com o prémio de 10 mil dólares, a disputar no Estádio Nacional. Sofia Prazeres teve entrada directa no torneio e a sua adversária é a 1.ª cabeça de série da prova e número 345 do mundo.

A campeã nacional Tânia Couto defronta a alemã-federal Katja Oeljeklans, 2.ª cabeça de série. A outra tenista portuguesa a entrar em acção nesta ronda é Joana Pedrosa, que tem como adversária a norte-americana Tory Plunket, que não figura entre os oito cabeças de série. Rodos os encontros estão marcados para o «court» central do Jamor.

Na última ronda do «qualifying», a Patrícia Valadas perdeu com a sueca Sofie Linner por 6-4 e 6-4. Em pares, a dupla Joana Pedrosa - Sofia Prazeres defronta hoje o par constituído por Erda Crous e Sjobhan Nicholson.

Acácio da Silva: 74.º no Giro

Prossegue o Giro ciclista. O italiano Adriano Baffi venceu a 11.ª etapa, enquanto o seu compatriota Gianni Bugno manteve a camisola rosa. Baffi bateu no «sprint» o australiano Phil Anderson e o holandês Jean Paul van Poppel. Os esforços gastos na etapa de domingo (um contra-relógio individual de 68 quilómetros) fez com que os ciclistas disputassem a tirada de ontem num extenso pelotão, onde foram raras as tentativas de fuga. Foi a etapa mais longa do Giro e a que até agora foi corrida com uma média mais elevada (38,141km/hora) sendo apenas de assinalar a desistência do norte-americano Norman Alvis, vítima de uma queda.

A nove etapas do fim (a Volta à Itália termina em Milão no dia 6 de Junho) Bugno surge como o grande favorito ao triunfo, sendo total o domínio que tem exercido sobre os seus mais directos rivais.

Hoje, realiza-se a 12.ª etapa entre Brescia e Basiglio di Pine na distância de

193 quilómetros. Acácio da Silva mantém o seu 74.º lugar e ontem foi 145.º na etapa, cronometrado com as mesmas 6.19,07 horas do vencedor. Na classificação geral o ciclista português está a 46 minutos e 39 segundos do líder.

«O Jogo»

Paulo Ferreira (Tensai/Sontec/Etiel) manteve a camisola amarela da Volta do Futuro em bicicleta, organizada pelo jornal desportivo «O Jogo», após classificar-se na 2.ª posição da 3.ª etapa da prova. Percorreu os 196 quilómetros do percurso entre Vila Franca do Rosário e Figueira da Foz em cinco horas, 22 minutos e 11 segundos, ganhando mais 16 segundos que o vencedor da tirada.

Classificação da etapa: 1.º, Jorge Henriques (Alguerra/Componauto/Aralm), 05.21,55 horas; 2.º, Paulo Ferreira (Tensai/Sontec/Etiel), a 16 segundos; 3.º, Paulo Pinto (Avibom/Velouro/Lousa), a 01.21 minutos; 4.º, Orlando Rodrigues (Notai/Águias), m.t.;

5.º, Manuel Cunha (Avibom/Velouro/Lousa), m.t.; 6.º, Jorge Silva (Sicasal/Acril), m.t.; 7.º, Dulas Andrezej (Ruquita/Philips/Feirense), m.t.; 8.º, Joseba Berrojalbiz (Festina/Lotus), m.t.; 9.º, David Assunção (Recer/Boavista), m.t.; e 10.º, Santiago Portillo (Festina/Lotus), m.t.

Classificação geral: 1.º, Paulo Ferreira, 13.45,22 horas; 2.º, Joaquim Martins (Royal), a 58 segundos; 3.º, Joaquim Andrade (Sicasal/Acril), a 01,08 minutos; 4.º, Vítor Teresinho (Ruquita/Feirense), m.t.; 5.º, Jorge Silva (Sicasal/Acril), a 01,09; 6.º, Paulo Pinto, 01,10; 7.º, Manuel Cunha (Avibom/Velouro/Lousa), m.t.; 8.º, Delmino Pereira (Recer/Boavista), m.t.; 9.º, António Costa Araújo (Sicasal/Acril), m.t.; e 10.º, Manuel Correia (Sicasal/Acril), m.t. Por equipas: 1.ª, Sicasal/Acril, 41.19,10 horas; 2.ª, Avibom/Velouro/Lousa, a 26 segundos; 3.ª, Recer/Boavista, m.t.; 4.ª, Alguerra/Componauto/Aralm, a 27 e 5.ª, Royal, a 34.



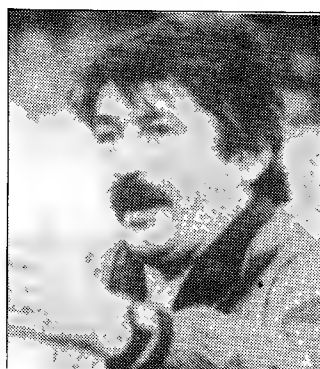
Belmiro Azevedo

Convidado por Pinto da Costa para a vice-presidência do FC Porto recusou. Lógico que, para a sua estatura, não podem ser atribuídos lugares subalternos.



António Oliveira

Latente a clivagem entre o (agora único) treinador das esperanças futebolísticas e o dirigente federativo Pais do Amaral. Quem vai ceder posição?



Vítor Manuel

O técnico que conhecia todos os cantos à casa sai de Braga deixando um rasto de amizades. Dirigentes e atletas ofereceram-lhe bela festa.



Rosa Mota

A campioíssima uma vez mais na crista da onda: venceu a prova de estrada Boulder-Boulder, disputada nos EUA, corrida onde Ezequiel Canário foi 15.º

Clubes contestam Federação de Futebol

O Atlético Clube de Portugal vai impugnar a decisão da Federação Portuguesa de Futebol de adiar o jogo Portalegrense - Farense e o Campeonato Nacional de futebol da 2.ª Divisão (Zona Sul) afirmou à Lusa o presidente do emblema alcantarense, Ângelo Mesquita. O responsável do clube de Alcântara-Santo Amaro acrescentou que, segundo regulamento federativo, os três últimos jogos do Campeonato não podem ser alterados. A alteração preparada pela Federação prejudica o Atlético e o Olivais e Moscavide, que têm no domingo, em Lisboa, no Estádio da Tapadinha, um jogo bastante importante.

O clube alcantarense enca-

ra, somente no campo desportivo, o resultado final do jogo e não as vantagens dadas ao Portalegrense, antecipando para amanhã o jogo Portalegrense - Farense, em Portalegre, último do Campeonato da Zona Sul.

Simultaneamente, também o Sporting Farense, pensando no duelo decisivo que terá de travar, no domingo, para a Taça de Portugal, reclama contra a marcação do embate com o Portalegrense para a noite de amanhã. «Os nossos jogadores, depois do esforço que despenderam no Jamor, não vão ter o necessário repouso exigido a um clube que é finalista da Taça» — proclama o presidente algarvio António Boronha.

DESPORTO

Clube Naval de Cascais

As festas dos 50 anos

O Clube Naval de Cascais está festejando meio século de vida. Os seus dirigentes reuniram-se com a Comunicação Social para apresentarem o plano de actividades para o ano corrente e falarem do seu belo historial.

Até Dezembro, serão 11 as competições organizadas pelo Clube Naval de Cascais, que terão (curiosamente) a participação de onze classes distintas da vela ligeira e dos iates de cruzeiro. O calendário terá ponto alto na 1.ª quinzena de Agosto, altura em que se disputará (em Cascais) o UMM Optimist World's: campeonato mundial reservado à classe «Optimist», que pela 2.ª vez será realizado sob a égide do Clube Naval de Cascais, agora com o patrocínio da Mocar/UMM.

Embora se trate da classe de iniciação pura, os «Optimist» proporcionam regatas extremamente competitivas, cujo expoente máximo é o campeonato mundial, onde participam regularmente seleções nacionais de mais de 35 países diferentes, oriundos dos cinco continentes. Assim, o UMM Optimist World's trará a Cascais 160 dos melhores velejadores desta classe: durante duas semanas irão disputar um conjunto de 168 regatas, no final das quais estarão, por fim, encontrados os titulares mundiais 1990.

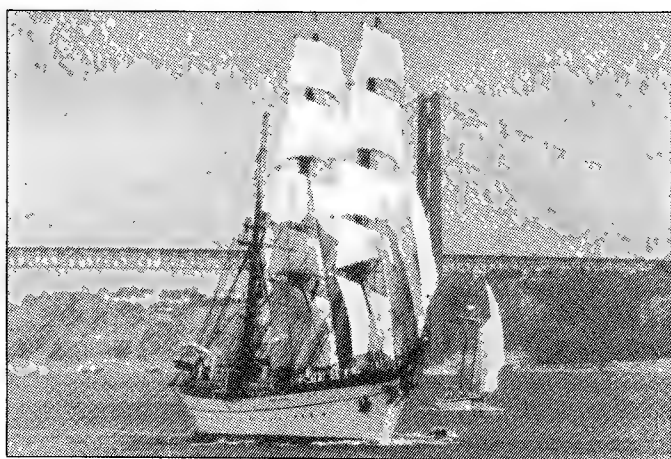
Entretanto, vem aí o Luso Diete Course Racing, prova para pranchas de «Funboard», que é pontuável para o respectivo campeonato nacional, na especialidade de «Course Racing». A competição trará a Cascais a animação e colorido do windsurf, esperando-se pela participação de mais de 30 concorrentes.

Idêntico nível de participação está previsto para o programa que se realizará nos dias 13 e 17 de Junho, para disputa do 45.º Campeonato de Portugal da Classe «Star»,

bem como a 1.ª Taça de Portugal de «Surprise» e 1.ª Taça de Portugal de «First Class 8». Para encontrar os vencedores desta jornada, serão disputadas 21 regatas. Junho será um mês extremamente activo para o Clube Naval de Cascais: para além destas competições, haverá ainda o Troféu Conde de Caria e o Campeonato de Portugal da Classe «Optimist».

Aberto exclusivamente aos iates de cruzeiro, a 6.ª edição do Troféu Conde de Caria é já

(também em Cascais) de 2 a 13 de Agosto, e para a sua realização o Clube Naval de Cascais vem, desde há cerca de um ano, desenvolvendo um intenso trabalho para o qual foi decisivo o patrocínio da Mocar/UMM, bem como os apoios da Marinha de Guerra Portuguesa, Comissão Nacional para a Comemoração dos 500 Anos dos Descobrimentos Portugueses, Câmara Municipal de Cascais e do Hotel Village Cascais, que alojará quase gratuitamente



O mar sempre foi paixão portuguesa

uma das regatas tradicionais do clube: foi instituída em homenagem à obra desenvolvida em prol da vela e do C.N.C. pelo dr. Bernardo Mendes de Almeida e desenvolve-se apenas em duas regatas provavelmente com a presença de quatro dezenas de iates, levando a Cascais mais de 200 velejadores nos dias 23 e 24 de Junho.

Uma semana mais tarde, serão cerca de 160 os barcos que animarão o Campeonato de Portugal da Classe «Optimist», cuja realização se estenderá até 8 de Julho. Para os velejadores desta classe, a participação nas sete regatas deste torneio é da máxima importância, pois não só decidirá o campeão, como determinará os velejadores que terão direito a disputar o UMM Optimist World's, que acontecerá

todos os participantes neste campeonato mundial.

Ao longo de uma dúzia de jornadas, serão disputados os títulos mundiais e quatro troféus perpétuos: a Beacon Challenge Cup (que premiará o vencedor individual), o I.O.D.A. Challenge Cup (para a selecção que sair vitoriosa na classificação por equipas), o Prins Bertils Cup (que e decide em duas regatas individuais) e ainda o Miami Herald Trophy, que será atribuído na sequência de uma regata por equipas. Naturalmente, haverá ainda uma Regata UMM, que oferecerá 20 troféus aos primeiros classificados.

A 15 e 16 de Setembro tem lugar uma competição de funboard, igualmente na disciplina de «Course Racing». Os

dois últimos fins-de-semana de Setembro serão destinados à Taça Cinquentenário do Clube Naval de Cascais, prova que, acima de tudo, pretende assinalar as bodas de ouro do clube.

A semelhança do já disputado Grande Prémio Silfiducia, a Taça Cinquentenário do Clube Naval de Cascais divide-se por duas fases, cabendo à 4.ª (22 e 23 de Setembro) as regatas para veleiros de cruzeiro, enquanto a 2.ª contará com a participação das cinco classes de embarcações de vela ligeira: «Star», «470», «420», «Laser» e «Optimist». Em termos globais, a participação neste programa deverá ultrapassar os 125 barcos e mais do dobro dos velejadores.

No último trimestre do ano apenas haverá quatro competições em Cascais. De 5 a 7 de Outubro disputar-se-ão os Campeonatos de Portugal das classes «470» e «420», um programa duplo que reunirá cerca de 30 concorrentes. Em jogo estará o título absoluto da classe «470» e os títulos júnior, feminino e veteranos da classe «420».

Nos primeiros dias de Novembro processam-se os Campeonatos Nacionais da classe «Laser», igualmente para juniores, femininos e veteranos, conjunto de títulos que será disputado por quatro dezenas de velejadores. Já em Dezembro, a época do Clube Naval de Cascais terminará com a realização de um conjunto de regatas que, embora sejam disputadas a «chocolates», permitem antever uma participação superior à centena de equipas, repartidas pelas classes «470», «420», «Laser» e «Optimist». Trata-se do Torneio de Natal/Nestlé que conta com o patrocínio da Nestlé e terá como prémios apenas chocolates! A prova é conhecida pelos velejadores como a regata dos chocolates.

B R E V E S

Associação Naval de Lisboa: 134 primaveras

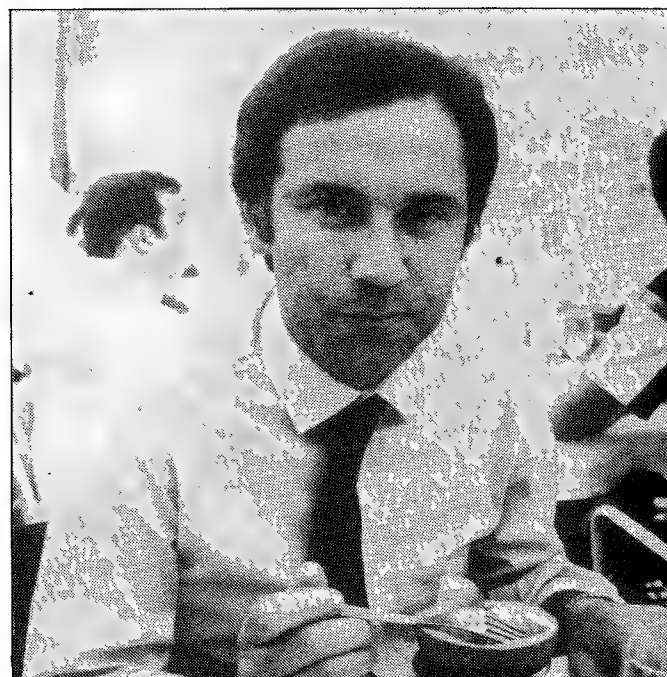
Festa bonita à beira Tejo. A Imprensa reunida com a Associação Naval de Lisboa, agora a comemorar 134 anos de existência. João Santos, presidente da assembleia geral da colectividade (e também presidente da direcção do Sport Lisboa e Benfica) usou da palavra para dizer que a secção de remo e canoagem da ANL quis aproveitar este dia festivo para prestar homenagem às firmas e entidades que, reconhecendo o mérito do trabalho de todos aqueles que têm proporcionado à nossa juventude familiarizar-se com as artes náuticas, nos permitem proceder à apresentação e baptismo de uma série de valiosos barcos destinados às competições de remo: «skiff» oceânico (Ford); «Skiffes» (Lassen, António Pedro Ferreira, F. Duarte, Câmara Municipal de Lisboa e Administração do Porto de Lisboa); «Quadri-scul» (Margueira) e «Yolle» de 8 (Direcção-Geral dos Desportos).

Dizia há alguns anos o Presidente da República, quando de uma visita que fez à nossa secção de vela e motonáutica que: «No mar está o nosso passado e também o presente e o futuro. Cabe-nos a todos defendê-lo e nele investir.» Pela nossa parte e interpretando o pensamento e o sentir do dr. Mário Soares, tudo fazemos através do elevado espírito de amadorismo que sempre norteou os dirigentes da Associação Naval de Lisboa para que a juventude desta nossa cidade encontre na ANL as condições que melhor permitam aprimorar as suas aptidões físicas e morais.

João Santos acrescentou:

O remo é, de facto, uma modalidade salutar que, pelo seu colectivismo, permite uma melhor integração da juventude na sociedade.

Recorda-se que foi a 30 de Abril de 1856 que D. Pedro V assinou o decreto que apoiava os estatutos da Real Associação Naval. Apesar da sua actividade ser anterior, é esta a data considerada por todos como o dia da fundação da colectividade. Figuram como principais fundadores D. Pedro V, o infante D. Luís, o duque da Terceira, o marquês da Fronteira, o marquês de Ficalho e o conde das Alcáçovas, entre muitas outras personalidades. Contando com 50 sócios iniciais, este número alterou-se para 200 volvidos apenas sete anos. Cerca de cem anos mais tarde (1968), a ANL atingiu os mil sócios, ultrapassando presentemente os 4000.



O «mundialista» teve amigos ao seu lado

Carlos Valente: homenagem em boa companhia

O Núcleo de Árbitros do Barreiro (liderado por Inácio de Almeida) organizou na passada semana, um jantar de (justa) homenagem ao credenciado Carlos Valente, para lhe testemunhar o apreço pela sua segunda presença na fase final do Campeonato do Mundo. Desde representantes da Direcção-Geral dos Desportos, da Câmara Municipal do Barreiro e diversos clubes, da Associação de Futebol de Setúbal ao representante do ministro da Educação, do Conselho de Arbitragem de Setúbal à Associação Portuguesa de Árbitros, da Associação de Futebol de Lisboa e antigos e actuais dirigentes, treinadores, árbitros, futebolistas e jornalistas, Carlos Valente só não teve a companhia de qualquer representante da Federação Portuguesa de Futebol ou do Conselho de Arbitragem da FPF.

Será porque Carlos Valente (tal como Vítor Correia) entendeu, em tempo recente, não pactuar com home-nagens à incompetência?

Carlos Valente esteve muito bem acompanhado.

Almada: desporto nas «prioridades»

Nós pretendemos caminhar para um desenvolvimento integrado nos anos 90, construir um concelho onde apeteça viver, um concelho em que participe activamente a frente de que eu sou responsável em termos de trabalho autárquico: a área da cultura, da educação e do desporto... Naturalmente que daremos especial atenção ao desenvolvimento do desporto escolar. Nesse campo, também iremos fazer mais do que a lei nos comete, e fá-lo-emos em nome das crianças e dos jovens que crescem neste concelho, com os profissionais do ensino, juntamente com as associações de estudantes e em íntima ligação com as associações de pais que trabalham nesta região.

Palavras de António Matos, vereador do Pelouro de Desporto e Cultura da Câmara Municipal de Almada, poucos dias depois de ter assumido

funções. Recorde-se que António Matos, foi, nos últimos sete anos, responsável por igual pelouro na Câmara do Seixal, sendo o grande dinamizador da Seixaliada que é, sem dúvida, uma das mais relevantes manifestações de desporto popular das muitas que se realizam entre nós.

António Matos acrescenta: Nós vamos fazer neste mandato, já está mesmo a ser construído e estará concluído em 1991, o grande Pavilhão Gimnodesportivo Municipal, que constará de uma nave desportiva central, vários ginásios, «courts» de ténis, piscinas e irá ser certamente um equipamento importante que vai permitir um salto de qualidade no desenvolvimento do desporto a nível concelhio.

O projecto está em bom andamento. As estruturas e os

equipamentos vão surgindo e a juventude dá resposta à chamada através de participações nas diversas manifestações culturais e desportivas que a autarquia, em colaboração com as juntas de freguesia e as colectividades e demais estruturas colectivas, vai colocando no painel das suas realizações.

Neste momento a iniciativa que regista maior participação são os Jogos Desportivos do Conselho (Jogos de Almada) concentrando-se mobilizados cerca de dez mil atletas de ambos os sexos e dos diversos escalões etários, fazendo evoluir 20 modalidades desportivas desde o andebol ao xadrez, do atletismo ao voleibol, do ciclismo ao ténis de mesa e por aí adiante. Como colectividades organizadoras das diversas provas destacam-se Almada Atlético Clube, Clube Recrea-

tivo do Feijó, Clube Recreativo Pombalense, Núcleo de Cicloturismo das Torcatas, Clube Recreativo Barroquense, Beira Mar Atlético Clube, Clube Lisnave, Clube Recreativo de Almada, NDJ Laranjeiro, Soc. Rec. da Bela Vista, Associação de Skate de Almada e GDC Almada para além do sector de Desporto da Câmara Municipal de Almada.

Os Jogos de Almada prosseguem e outras iniciativas irão ser anunciadas nos próximos dias e, para que no próximo ano aumente o número de participantes, importa que surjam mais pavilhões, polidesportivos, ginásios, piscinas e outros, já que não o deveríamos ignorar, que o concelho de Almada tem uma população de 40 mil estudantes do ensino secundário.

A.H.

AGENDA

I Série N.º 123
Dia 29 de Maio

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Assembleia da República

Resolução da Assembleia da República n.º 14/90:
Designação do Provedor de Justiça.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Portaria n.º 402/90:

Estabelece o mapa do pessoal assalariado da Embaixada de Portugal em Luanda.

Ministério da Educação

Declaração:

De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério da Educação no montante de 680 822 contos.

Ministérios da Saúde e do Ambiente e Recursos Naturais

Portaria n.º 403/90:

Dá nova redacção ao n.º 3 da Portaria n.º 388/88, de 17 de Junho (estabelece disposições com o objectivo de diminuir o impacto negativo do tabaco nos fumadores. Revoga a Portaria n.º 747/83, de 2 de Julho).

Região Autónoma da Madeira

Assembleia Legislativa Regional

Decreto Legislativo Regional n.º 15/90/M:

Altera os artigos 3.º, 7.º, 20.º e 37.º do Decreto Legislativo Regional n.º 3/88/M, de 16 de Maio, que define o regime jurídico do pessoal não docente dos estabelecimentos de ensino não superior da Região Autónoma da Madeira.

N.º 119

Dia 24 de Maio

SUPLEMENTO

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Decreto n.º 14/90:

Aprova o Regulamento n.º 43, relativo a prescrições uniformes relativas à homologação do vidro de segurança e dos materiais para vidros aplicáveis em veículos a motor e seus reboques.

PESSOAS & FACTOS

Máquina Miele tem abastecimento automático de detergente

A Miele acaba de lançar no mercado europeu um novo modelo de máquina de lavar roupa que se serve automaticamente do detergente necessário a cada programa seleccionado. Um microcomputador determina a dose exacta de detergente por lavagem, armazenado num contendor com capacidade para dois litros e meio, o que se traduz numa economia do produto e contribui para diminuir a poluição ambiental. A determinação da quantidade de detergente é feita, não só através do programa seleccionado mas, também, mediante uma constante leitura da dureza da água. A nova máquina é, assim, muito mais económica, já que utiliza 50% menos água, 60% menos electricidade e até 45% menos detergente que os modelos construídos no início da década de oitenta e que equipam a maioria dos lares.

Lufthansa contribui para a vida cultural

No âmbito do empenho para a aproximação das diversas formas de expressão e intercâmbio cultural entre os povos, a Lufthansa trouxe a Lisboa o professor Karlheinz Stockhausen. Trata-se de um dos criadores fundamentais da música culta da Europa da segunda metade do Século XX e veio para tomar parte nos 14.º Encontros Gulbenkian de Música Contemporânea, realizados recentemente em Lisboa.

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte e Centro
Céu pouco nublado ou limpo. Vento Nordeste fraco a moderado. Neblinas matinais no litoral.

Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 2 metros.

Regiões do Sul

Céu geralmente limpo. Vento Leste moderado, por vezes com rajadas.

Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e com ondulação Sueste, aumentando, na Costa Sul.

Amanhã

Céu pouco nublado, apresentando-se temporariamente muito nublado nas regiões do Norte. Vento fraco, soprando moderado de Leste no Algarve. Pequena subida da temperatura.

Depois de amanhã

Céu com períodos de muito nublado. Vento geralmente fraco do quadrante Leste. Neblinas ou nevoeiros matinais.

MADEIRA

Céu com períodos de muito nublado. Vento Nordeste moderado, por vezes forte.

Mar cavado com ondulação Norte de 2 a 3 metros na Costa Norte e encrespado a de pequena vaga com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal

Céu pouco nublado, alternando com períodos muito nublado. Vento em geral fraco.

Amanhã

Céu com períodos de muito nublado. Vento Nordeste moderado por vezes com rajadas, sendo fraco na região da cidade do Funchal.

Depois de amanhã

Céu com períodos de muito nublado. Vento Norte moderado com rajadas, sendo fraco na região da cidade do Funchal. Aguaceiros especialmente nas vertentes viradas a Norte. Pequena descida da temperatura.

AÇORES

Grupo Ocidental
Céu muito nublado. Vento Sueste moderado. Períodos de chuva fraca para o fim do dia.

Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Oeste de 2 metros.

Grupos Central e Oriental

Céu geralmente muito nublado. Vento em geral fraco. Neblinas ou nevoeiros.

Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação Oeste de 2 metros.

Amanhã

Grupos Ocidental e Central
Céu com períodos de muito nublado. Vento Noroeste moderado e com rajadas. Aguaceiros.

Grupo Oriental

Céu geralmente muito nublado. Vento Sudoeste fraco a moderado. Períodos de chuva fraca.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



Céu limpo

Céu pouco nublado

Céu muito nublado

Chuva

Trovoada

Neve

Vento

Mar calmo

Mar encrespado

MARE S

Hoje

PREIA-MAR

BAIXA-MAR

07.46 3,2m 01.07 0,8m

20.04 3,5m 13.1 1,1m

Amanhã

08.41 3,1m 02.0 1,0m

21.01 3,3m 14.17 1,3m

PORTUGAL

Min. T. 6 h Às 18 h.

Bragança.....	11	11	M. nub.
V. Castelo.....	13	14	M. nub.
Vila Real.....	13	13	P. nub.
Porto.....	12	15	Neblina
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	12	14	P. nub.
C. Carvoeiro.....	16	17	Limpo
C. Branco.....	16	16	P. nub.
Portalegre.....	19	19	P. nub.
Lisboa.....	16	16	P. nub.
Évora.....	17	18	P. nub.
Beja.....	14	15	Neblina
Faro.....	-	-	Limpo
Sagres.....	16	16	P. nub.
P. Delgada.....	16	16	Neblina
Horta.....	17	18	Encoberto
Funchal.....	18	19	M. nub.
Sines.....	16	17	Limpo

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 30; Porto, 24; Faro, 26; P. Delgada, 23; Funchal, 24.

EUROPA

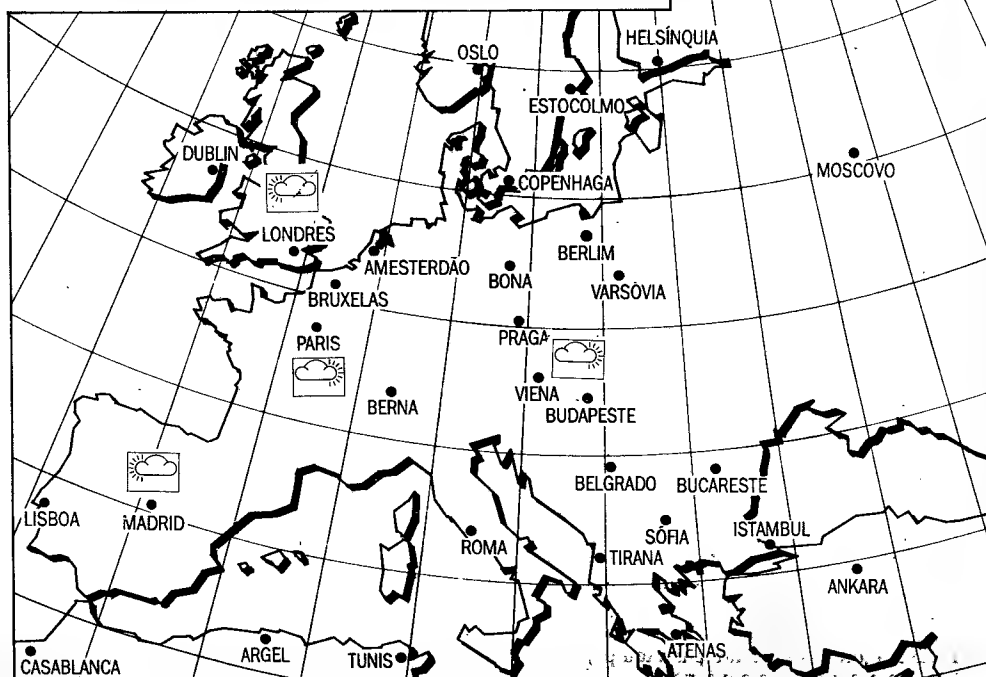
Min. T. 6 h Às 18 h

Madrid.....	11	11	Limpo
Londres.....	10	11	Bruma
Paris.....	9	12	Limpo
Bruxelas.....	9	10	M. nub.
Amsterdão.....	5	10	M. nub.
Genebra.....	7	12	Limpo
Roma.....	14	16	M. nub.
Oslo.....	12	12	P. nub.
Copenhaga.....	4	10	P. nub.
Estocolmo.....	4	8	M. nub.
Berlim.....	7	8	P. nub.
Viena.....	4	10	P. nub.
Varsóvia.....	-	-	-
Atenas.....	-	-	-
Moscovo.....	5	12	M. nub.

MUNDO

Min. Máx. Às 13 h

Chicago.....	10	20	M. nub.
Houston.....	23	33	Limpo
Los Angeles.....	14	25	Limpo
Montreal.....	5	17	Quente
Nova Iorque.....	13	19	Chuva
S. Francisco.....	12	21	Limpo
Toronto.....	6	19	Vento
Vancouver.....	10	17	Aguaceiros
Washington.....	14	20	Chuva
Hong Kong.....	22	29	Vento
Melbourne.....	12	23	Limpo
Pequim.....	14	27	P. nub.
Perth.....	11	18	Limpo
Singapura.....	26	33	Limpo
Sydney.....	10	19	Limpo
Tóquio.....	17	26	Limpo
Wellington.....	12	19	V. forte



AGENDA

FARMÁCIAS
LISBOA
SERVIÇO
PERMANENTE

Alvalade - Pote d'Água: Paris, Rua Reinaldo Ferreira, 5, A-B, Tel. 890131; **Amoreiras - Campolide:** Pinto, Rua Campolide, 11, Tel. 682610; **Anjos:** Góis, Rua dos Anjos, 12, 12-D, Tel. 8140101; **Areiro:** Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A, Tel. 892803; **Baixa:** Teixeira Lopes, Rua do Ouro, 154-155, Tel. 324816; **Caminhos Ferro:** Alves Carvalho, Rua Vale Santo António, 7-9, Tel. 8140125; **Campo Grande:** Neoterapia, Campo Grande, 138-140, Tel. 774682; **D. Carlos I:** Lys, Rua da Esperança, 17-19, Tel. 660913; **Enc. Restelo - Esc. P. Vicente:** Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A, Tel. 612248; **Lumiar:** Central Lumiar, Alameda das Linhas de Torres, 254-B, Tel. 7588063; **Saldanha:** Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55, Tel. 543938; **Sete Rios:** Canto, Est. Laranjeiras, 202-B, Tel. 7264841; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Pedro Gomes, Praceta 25 de Abril, Lote 13, Loja B, Tel. 2518520; **Odiveiras:** Joleni, Rua Dr. Alexandre Braga, 3-B, Tel. 9310812; **Pontinha:** Pontinha, Estrada Santo Elói, 4 - Lote SE, Tel. 479220.

REFORÇO

Alto Santo Amaro: Teles, Rua João Barros, 2 - Frente, Tel. 3638176; **Alvalade:** Belo, Av.

Roma, 53-A, Tel. 776314; **Benfica - Portas Benfica - Damaia:** Progresso, Estrada-A-Damaia, 64-C, Tel. 702226; **Campo de Ourique:** Lobel, Rua Infantaria 16, 98-B, Tel. 688807; **Campo Pequeno:** Apolo 70: Campo Pequeno, Av. Júlio Dinis, 10, Loja 18-19, Tel. 771661; **Chile - Alto São João:** Vitalis, Rua Morais Soares, 69-C, Tel. 8141779; **Olivaes Sul:** Antunes Rosas, Pc. Cidade do Luso, Lote 199, Tel. 313610; **Picheleira:** Marluiz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Rato:** D. João V, Rua D. João V, 16-C, Tel. 7591131; **São Vicente:** Rosa & Viegas, Rua São Vicente, 31-37, Tel. 864351; **Colina Sol - Brandoa - Amadora:** Vidal Reis, Urb. Alfofornel - Cel. G - Lote 35, Tel. 996540; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA
DE CASCAIS

Algés: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17, Tel. 2114487; **Palmeira:** Linda-a-Velha: Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697; **Permanente:** Tires: Guimarães, L. Duarte, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015.



Até às 22 h; **Caxias:** Nova, R. Bernardim Rêiro, 1-A, Tel. 2432839. Até às 22 h; **Carcavilos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro, Tel. 4430485. Permanente; **Parede:** Do Junqueiro, R. Luanda, Lote 5, Tel. 2477838. Permanente; **S. João do Estoril:** S. João, Quinta da Carreira, 29-A, Tel. 2681186. Até às 22 h; **Sasoeiros:** Amaral Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amor-eira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** Nova, Est. Alvide - Fontainhas, Tel. 281044. Permanente.

LINHA
DE SINTRA

Amadora: Melo, P. D. João I, 9-B, Tel. 4932756. Permanente; **Central:** Av. Cardoso Lopes, 25-A, Tel. 4932210. Até às 22 h; **Queluz:** Serra & Pinto, Av. D. Ant.º C. Sá, 50 - GE, Tel. 4377619. Permanente; **Albergaria:** L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167,

MÉDICO DE URGÊNCIA
795 06 80/9

Tel. 9248120. Permanente; **Mem Martins:** Químia, Est. Mem Martins, 285, Tel. 9210012. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Sintra:** Misericórdia, Vila Pendoa, Tel. 9231070. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 983124. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Silva Júnior, Av. 25 Abril, 9, Tel. 2768030. Permanente; **Cova da Piedade:** J. Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62, Tel. 2750121. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Chai, Av. Gen. Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B, Tel. 2532324. Até às 22 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Barreiro:** Santa Marta, R. Dr. Manuel P. Nobre, 44, Tel. 2072141. Permanente; **Baixa da Banheira:** Aliança, Est. Nacional, 178-B, Tel. 2040302. Até às 19 h; **Corroios:** Abreu Cardoso, B.º Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. Até às 19 h; **Amora:** Moura Carneiro, P. Gen. Humberto Delgado, 16-C, Tel. 2243729. Permanente; **Seixal:** Seruca Lopes, Tv.ª Paz - Casal do Marco, Tel. 2210369. Até às 22 h; **Montijo:** Higiene, R. José Joaq. Marques, 142, Tel. 2310370. Até às 22 h; **Moita:** Parque, Av. Dr. Egas Moniz, 24, Tel. 2392294.

HÁ 20 ANOS

Um batalhão à procura de soldados

Se o BSB de Lisboa conseguir ver aumentados os seus quadros de pessoal para 850 homens, mais não conseguirá do que repor o nível dos efectivos de sapadores de há seis anos atrás, quando o quadro incluía apenas 663 homens. «Temos agora menos 90 homens ao serviço do que quando o quadro era menor» - afirmou-nos o comandante do Batalhão de Sapadores Bombeiros...

Ferreira de Castro: Grande Prémio de Nice

«Fiquei muito surpreendido com a atribuição deste galardão» - disse-nos, ao princípio da tarde, pelo telefone, Ferreira de Castro, que se encontra em Paris, e a quem foi atribuído ontem o Grande Prémio Águia de Ouro do Festival Internacional do Livro, realizado em Nice.

A URSS no Médio Oriente

Os soviéticos estarão no Próximo Oriente até os israelitas deixarem os territórios que estão a ocupar desde 1967. Entretanto, o presidente Nasser fará por conseguir a solução política que seja possível, e, entretanto, também o mundo árabe deve resolutamente entrar no conflito. Estes os três pontos dos discursos dos presidentes Nasser e Kadafi encerrando a Cimeira de Cartum que reuniu nesta cidade os chefes de Estado da RAU, da Líbia e do Sudão.

EFEMÉRIDES
1975

• Nos EUA, o presidente Gerald Ford reafirma o compromisso assumido pelo seu país com os aliados europeus, no quadro da Aliança Atlântica.

1985

• Um decreto-lei extingue a Junta Central das Casas do Povo.

1986

• 105 dias após a intervenção cirúrgica, Eva Pinto, a primeira portuguesa a sofrer uma transplantação cardíaca, regressa a casa.

• Ao som do «Hino da Alegria», a nova bandeira da CEE, um círculo de 12 estrelas sob um fundo azul, é içada defronte do edifício da Comissão Europeia em Bruxelas.

1987

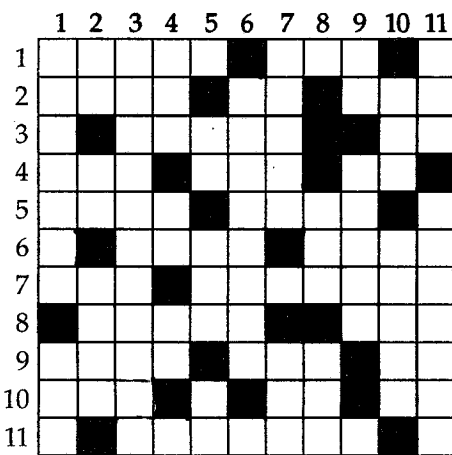
• Continua a ser interrogado o jovem alemão Mathias Rust, 19 anos, que, na véspera, atravessara a sofisticada defesa aérea soviética, pilotando um pequeno Cessna e aterrara em plena Praça Vermelha, em Moscovo.

1988

• Inicia-se em Moscovo a quarta, e última cimeira entre o presidente norte-americano, Ronald Reagan e o dirigente soviético Mikhail Gorbachev.

1989

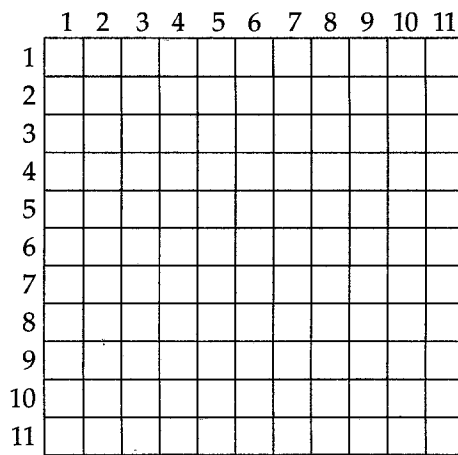
Na sequência das eleições para o Soviete Supremo, Boris Yeltsin, o «rebelde», ascende à quele órgão por desistência, a seu favor, de um dos seus membros.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 17928
HORIZONTAIS:

- 1 - Cavidades do queijo. Pronome relativo.
- 2 - Monarcas. Cobre (s.q.). Liga.
- 3 - Fantasie. Brisa.
- 4 - O mesmo que três (inv.). Ribeira de Portugal. Modérato.
- 5 - Costurei. Cidade de Itália.
- 6 - Verseja. Pequeno golpe.
- 7 - Rio da Sibéria. Desviam de um lugar.
- 8 - Quinhão (pop.). Sopé.
- 9 - Bagatela. Pronome pessoal. Espera resposta.
- 10 - Guarneça de asas. Európio (s.q.). Miriara.
- 11 - Tornar a mastigar.

VERTICAIS:

- 1 - Pacato. Recusa.
- 2 - Vê. Reis. Brasil (abrev.).
- 3 - Narrador de acontecimentos.
- 4 - Sufixo que designa abundância. Cento e um em romano. Apelido.
- 5 - Nosso Senhor. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. Artigo indefinido.
- 6 - Lastimam.
- 7 - Procurom. Unidade monetária do Japão.
- 8 - Madre. Mula.
- 9 - Európio (s.q.). Governa.
- 10 - Negativa. Percebem.
- 11 - Olhar. Cor avermelhada.


PROBLEMA N.º 16738
HORIZONTAIS:

- 1 - Nome de vários reis da Noruega. Torneira.
- 2 - Mulher chinesa da classe baixa. Refeição.
- 3 - Ofereces. Poisara no mar (o avião).
- 4 - Érbio (s.q.). Guarneça de asas. Cidade da Arábia.
- 5 - Apelido. Filtram. Ena!
- 6 - Irmão do pai. Fúteis. Zomba.
- 7 - Falecias. Contracção da preposição de com artigo.
- 8 - Moeda indiana. O mesmo que três.
- 9 - Pronome indefinido. Enterras.
- 10 - Axila. Gavinha.
- 11 - Xailes das mulheres índias e persas. Lista.

VERTICAIS:

- 1 - Deus dos Infernos, identificado com o Plutão dos romanos.
- 2 - Experiências.
- 3 - Preposição e artigo (pl.). Indignados.
- 4 - Despertava.
- 5 - Poente. Isto é. Brisa.
- 6 - Elegia. Duzentos e um em romano.
- 7 - Ruim. Pau onde se hasteia a bandeira (pl.).
- 8 - Dança do interior alagoano. Batráquio.
- 9 - Época histórica. Estar obrigado a.
- 10 - Que vende caro. Para lavamento.
- 11 - Estimais. Nome de astro.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 927

HORIZONTAIS: 1 - A. Corem. Ada. 2 - Liça. Aviem. 3 - Ur. Aca. Asse. 4 - Cós. Atar. 5 - Isar. Kara. 6 - Na. Reinos. 7 - Amoiram. Ai. 8 - Aura. 9 - Ata. Arm. 10 - MELANCOLIA. 11 - Amaras. Asse. **VERTICAIS:** 1 - ALUCINA. Ama. 2 - Irós. Matem. 3 - Ca. Sano. Ala. 4 - Oca. Raia. 5 - Raça. Ruína. 6 - E. Atirar. Cs. 7 - Ma. Emaço. 8 - Varri. La. 9 - Ais. Anatais. 10 - DESTROÍ. Rás. 11 - Ameias. Am.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 737

HORIZONTAIS: 1 - Juneau. José. 2 - Ufa. Piropos. 3 - Narra. Há. 4 - Ano. Re. Ca. 5 - Ti. Calosos. 6 - Acitados. 7 - Aso. In. Pi. 8 - Oiros. Bar. 9 - Eta. SS. La. 10 - Tascas. Ao. 11 - Oras. Assis. **VERTICAIS:** 1 - Junot. Jonio. 2 - Ufania. 3 - Nara. Careta. 4 - Casotas. 5 - Aparatosas. 6 - Uil! Ela. Ca. 7 - Odiosas. 8 - Johnson. SSS. 9 - Opa. Os. 10 - Sô. Cs. Palas. 11 - Esta. Virão.

PROVÉRBIO: A MELANCOLIA ALUCINA E DESTROÍ.

Resolveu completamente este problema?

Procure, agora em segundo passatempo,

o provérbio nele inscrito.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
PARA IRIS COM AMOR
Filme de Martin Ritt
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

O MEU TIO SOLTEIRO
Filme de John Hughes
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

A FÚRIA DO VENTO
Filme de Steven M. Lisberger
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
**CENAS DA LUTA DE CLASSES EM
BEVERLY HILLS**
Filme de Paul Bartel
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa - T. 691275
O MEU TIO SOLTEIRO
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2

PARA IRIS COM AMOR
M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3

**CENAS DA LUTA DE CLASSES EM
BEVERLY HILLS**
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4

PALPITAÇÕES
Filme de Ron Underwood
M/12 anos - Às 13.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 5

HENRIQUE V
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6

LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 7

MISS DAISY

TRIBUNAL
DO TRABALHO
DE LISBOA

3.º Juízo — 2.ª Secção

O Doutor António Manuel Freire Valente, Meretíssimo Juiz de Direito do 3.º Juízo 2.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa, faz saber que foi designado o dia 22 de Junho de 1990 pelas 9.30 horas, neste Tribunal, sito na Av. Almirante Reis n.º 130-6.º Dit.º — Lisboa, para julgamento nos autos de contrato individual de trabalho, registados sob o n.º 564/89 em que são autora Ana Lúcia Teixeira Gonçalves, residente na Estrada do Pogo de Baixo n.º 5 Charneca do Lumiar 1700 Lisboa e réu Naffim Mussa Hussein Baby, com última residência conhecida na Urbanização da Portela Lote 71-1.º Esq.º — 2685 Sacavém.

Mais fica notificado o réu, ausente em parte incerta de que deve comparecer pessoalmente na audiência sob a cominação do artigo 89 do Código do Processo do Trabalho.

Para constar se lavrou o presente e outro de igual teor.

Lisboa, 17 de Maio de 1990

O Juiz de Direito
António Manuel Freire Valente

O Escrivão Adjunto
Joaquim António Mendes Martins

«DL» — 2.ª Pub. 29/5/90

M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

AMOREIRAS 10

ADEUS AO REI
Filme de John Milius
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
Filme de Akira Kurosawa
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
CARROS ASSASSINOS
Filme de Michael Verhoeven
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO

Parque Mayer
BONECAS SEXUAIS
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00,
19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15 - T. 324194
TERRA DE NINGUÉM
Filme de Ron Howard
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
TANGO E CASH
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30
JUVENTUDE VIOLENTA
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA

T. 9434762
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

AS LOUCURAS DO MEU FANTASMA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
O AMANTE IDEAL
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
DESEJO
Filme de Frank Borzage, às 18.30
A LUZ DA VIDA
Filme de Frank Borzage, às 21.30

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
PINK FLOYD
Filme de Alan Parker
M/18 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
ABISMO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
JUVENTUDE EM FÚRIA
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1

Est. de Benfca 503 - T. 7145088
QUASE UMA FAMÍLIA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.45, 16.30,
18.45 e 21.15

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037



O EXPRESSO DE CASABLANCA Com Jason Connery/Glen Ford
Brevemente, estreia em Lisboa

AUDITÓRIO 1

A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuytten
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e
21.15

AUDITÓRIO 2

FILHA DA MÃE
Filme de João Canijo
M/16 anos - Às 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

IMPERIO

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
AMOR E PAIXÃO
Filme de Tinto Brass
M/18 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
QUASE UMA FAMÍLIA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2

DEZ CONVITES PARA A MORTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3

TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
BELA DE MAIS PARA TI
Filme de Bertrand Blier
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2

ABISMO
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão - T. 538743
A FÚRIA DO VENTO
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

ADEUS AO REI
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283
HONRA E VINGANÇA IV
Filme de Dickson Boon
M/16 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLIMPIA

Rua dos Condes, 13 - T. 325309
KEISHA - MAIS DOCE QUE MEL
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2

A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St.º Antão - T. 326305
AMOR E PAIXÃO
M/18 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
BELA DE MAIS PARA TI
M/12 anos - Às 15.00, 16.45,
18.30, 20.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2

SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3

CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4

**O COZINHEIRO, O LADRÃO,
A SUA MULHER E O AMANTE DELA**
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
TEMPO DOS CIGANOS
Filme de Emir Kusturica
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2

PALPITAÇÕES
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3

PARA IRIS COM AMOR
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30

7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715
A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuytten
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
**CENAS DA LUTA DE CLASSES EM
BEVERLY HILLS**
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
RAID SOBRE O INFERNO VERMELHO
Filme de Christian Ingvorsen
M/12 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30

TURIM

Est. de Benfca, 723-A - T. 706666
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
A CASA ALUCINANTE
Filme de Stephen Minck
M/18 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA

ALMADENSE

Telef. 2752127
CALMA DE MORTE
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA

DE CAPARICA
CAPARICA OCEANO

Av. Gen. Humberto Delgado
T. 2905011

Sala 1
MISS DAISY
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
O DESAFIO DOS CAMPEÕES
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR

Telef. 2905350
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS

ATLÂNTIDA CINE

Telef. 2465653
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

MIRAMAR

Sala 1
Telef. 2841769
MISS DAISY
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
BELA DE MAIS PARA TI
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD

Av. 25 de Abril - T. 2865027
LIGAÇÕES SUJAS
M/12 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS

CINE PALMEIRAS

Telef. 2479144
Sala 1
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

Sala 2
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS

ALTO DA BARRA

Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
O MEU PÉ ESQUERDO
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
POLÍCIAS AO ATAQUE
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA

BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia
T. 4934871
A FÚRIA DO VENTO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES

Telef. 9147570
ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III

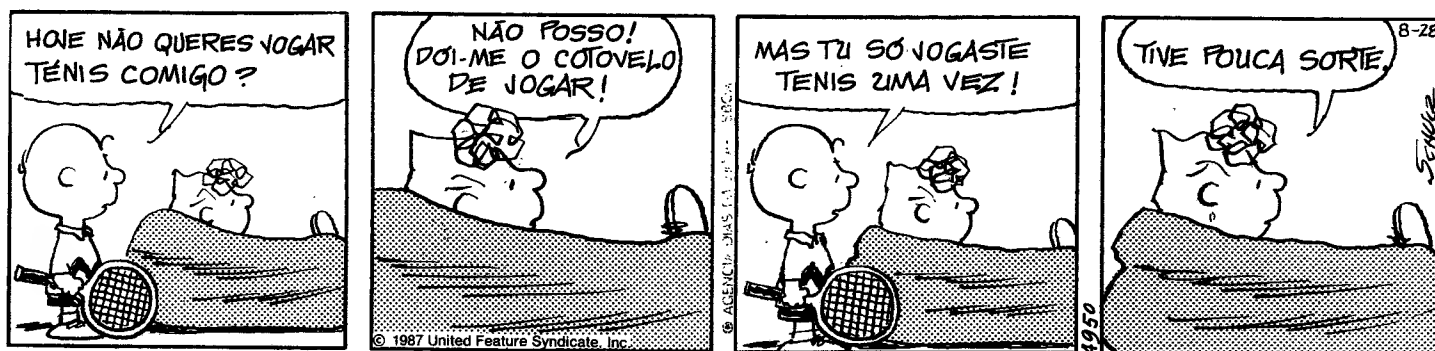
Telef. 4364845
Sala 1
BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TE

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

- 17.25 - A HORA DO LECAS
18.35 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
16º episódio
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - DIREITO DE ANTENA
20.11 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
122º episódio
21.15 - PRIMEIRA PÁGINA
Com Jorge Sampaio, o tema gira em torno do recente congresso do Partido Socialista.
22.20 - CRÓNICA DO CRIME
De visita ao local de construção de Sierra d'Ouro, Manny Weisboard tem um ataque de coração, sendo de imediato transportado para o hospital. Atento a todas as movimentações, Ray Luca põe-se logo em campo e toma conta



Amanhã a partir das 23.25 no 2º canal, concerto de Bryan Ferry



No 1º Canal, às 17.25, mais um episódio de «A Hora do Lecas»

da situação, para grande consternação de Kordo e Max, que receiam perder os seus privilégios se Manny morrer. Por seu turno, Mike Torello não perde a oportunidade para virar Max Goldman contra Luca. No império do crime, dominado por Weisboard e Luca, agitam-se as hostes e reina a confusão.

- 23.20 - 24 HORAS
23.50 - UM DIA...
Com Henrique Viana
00.00 - REMATE
00.10 - CARTAS DE HUMOR
Com Carlos Cunha

RTP-2

- 16.25 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS
17.10 - O HOMEM NA MARGEM
9º episódio: teremos oportunidade de viajar até ao outro lado do Pacífico e saber como os homens vindos da Ásia se adaptaram às condições da América do Sul. Após terem demorado milhares de anos a atravessar o Alasca,

encontraram um território onde se vivia da caça às baleias e focas. Isolados do resto do mundo, os índios da América do Sul produziam também os seus alimentos.

- 18.15 - TELEMERCADO
18.30 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
114º episódio
19.15 - ESPAÇO INFANTIL
19.50 - CLÁSSICOS DA TV
«Reviver o Passado em Brideshead», 11º episódio
20.45 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINEMAGAZINE
21.50 - CINEMADOIS
«David»: um filme de Peter Lilienthal, com Walter Taub, Irena Vrkljan, Eva Mattes, Mario Fische e Dominique Horwitz. David é um rapazinho judeu que, no início da era nazi, costumava ser espancado pela juventude hitleriana. Com a guerra e a repressão, o ataque à comunidade judaica ganha outro impulso. A família tenta sair da Alemanha, mas o jovem e as irmãs

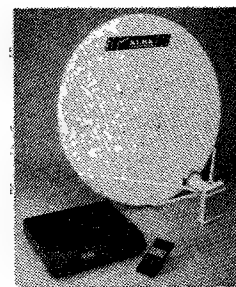
são apanhados na confusão das perseguições. No entanto, David acaba por conseguir sobreviver naquele universo de terror.

23.55 - UNIVERSIDADE ABERTA

ALBA

ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS

INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



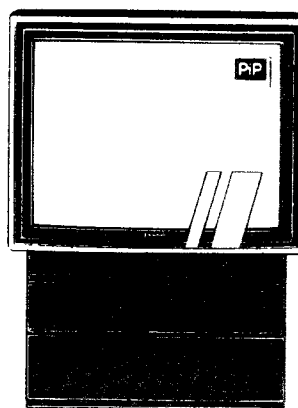
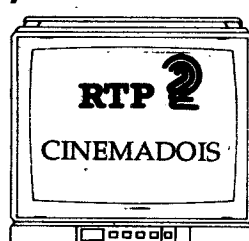
AMANHÃ

RTP-1

- 09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - TAMBÉM OS RIOS CORREM
14.20 - O MUNDO ANIMAL
14.45 - PONTO POR PONTO
15.40 - MATINÉE:
«FRENCH CAN-CAN»
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.15 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
21.30 - LOTAÇÃO ESCOTADA
00.00 - 24 HORAS
00.30 - UM DIA
00.35 - REMATE
00.45 - CARTAS DE HUMOR

RTP-2

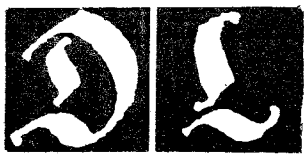
- 14.02 - PRIMEIRO JORNAL
14.15 - ESPAÇO INFANTIL
14.50 - FILHOS E FILHAS
15.15 - AGORA, ESCOLHA!
16.40 - O LICEU DEGRASSI
17.10 - O MENINO DOUTOR
17.35 - OS TRÊS PASTORINHOS
18.15 - TELEMERCADO
18.30 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.10 - ESPAÇO INFANTIL
20.00 - CLÁSSICOS DA TV
20.40 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - O RISO DE CAIM
22.25 - SÉCULO XX
23.25 - MUSICAL - BRYAN FERRY

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...

● **BLAUPUNKT**
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

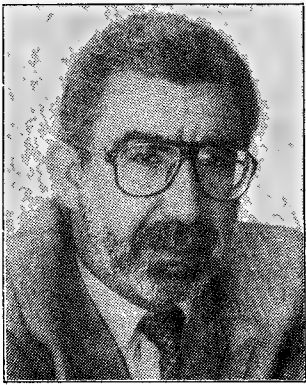




«A guerra moderna aproxima-se de um objectivo nunca conseguido com as armas de fogo ou de impacte - matar o 'inimigo', poupando o espólio»

Editorial do «Diário de Notícias», 28.05.90

A PERGUNTA DO DIA



Manuel Pedroso de Lima
presidente da Tóbis Portuguesa

Como se rentabiliza um laboratório com a estrutura da Tóbis?

«Desde 1985 que a Tóbis tem resultados positivos. A questão que agora se põe é como é que a Tóbis pode contribuir, de uma forma importante, para a promoção do cinema e do audiovisual em Portugal. Procuramos fazê-lo através da extensão dos nossos serviços. A Tóbis já deixou de ser apenas um laboratório de cinema e tem hoje vários estúdios, uma associação que possui equipamentos ao nível do melhor que há na Europa, está a tentar desenvolver os trabalhos já existentes no domínio do som, começa agora a entrar no mundo do vídeo. Trata-se menos de rentabilizar o laboratório, ou pensar só em termos económicos, e mais de criar uma gama alargada de serviços que permita às produções nacionais terem condições para existir e se desenvolverem. É esse o fim principal da empresa.»

Quarta-feira no

Diário de Lisboa

Lisboa
desperdiça
a zona
Ribeirinha

O sangue
entre a vida
e a morte

Helena Roseta
escreve
no Forum

ENTREVISTA

João Botelho conta-se entre os que ainda olham o cinema como uma arte destinada a quem está disponível para pensar. Uma forma de elevação das almas e não de abastardamento das cabeças

«Mais bonito que o cinema só o futebol»

D.L. - Para o público em geral, cinema português é sinónimo de cinema parado, aborrecido. Porque é que isto acontece?

J.B. - Não sei o que é o público, não o conheço. Há muitas pessoas diferentes, públicos diferentes e essa ideia de cinema é uma ideia que, se calhar, não tem a ver com a relação das pessoas com o cinema. Foi criada pela Imprensa, pelos intermediários entre a obra e o público. É uma ideia demasiado restritiva para o cinema português em geral.

D.L. - Há diversos filmes portugueses com grande aceitação e reconhecimento no estrangeiro e que aqui redundam em fracassos...

J.B. - O nosso cinema é minoritário, tal como o cinema europeu, em relação ao cinema hegemónico americano. Não produzimos espectáculo. O espectáculo é caro e não há, em Portugal, dinheiro nem, se calhar, saber para o fazer. Hoje o cinema é muito rápido, barulhento, feito para não se pensar em nada. Nós ainda achamos que o cinema é uma arte, que tem a ver com a elevação das almas e dos espíritos, e não com o abastardamento da cabeça das pessoas. Portanto, fazemos filmes para pessoas que estejam disponíveis para pensar.

D.L. - A decisão da RTP de parar com os subsídios ao cinema português vai afectá-lo?

J.B. - Isso é uma questão interna do Poder. Como realizador, é claro que se houver menos dinheiro para o cinema isso me preocupa. Mas não sei se haverá menos ou mais porque a televisão passou a ser taxada a uma percentagem maior sobre a publicidade e esse dinheiro será destinado ao Instituto Português de Cinema. Até aqui, a televisão tem apoiado os filmes de modo parcelar e sem uma política muito coerente, mas é evidente que alguns cineastas serão afectados. De qualquer modo, penso que é uma coisa que se vai resolver, porque o apoio que a RTP tem dado, tem a ver com algumas pessoas que lá estão e que gostam muito de cinema português. Não é uma decisão institucional.

D.L. - O cinema é uma das suas paixões, o Benfica é outra...

J.B. - Costumo dizer que mais bonito que o cinema, só o futebol, quando é bem jogado. O Benfica tem algumas tradições engraçadas, sabe perder bem, tem uma certa grandeza na derrota, se bem que seja melhor ganhar do que perder.

D.L. - O Benfica está condenado pela praga de Bela Guttman?

J.B. - Não sei, acho que está mais condenado por uma inadaptação aos tempos modernos. Devia haver transformações no Benfica que o ligassem ao que é o futebol hoje. O futebol tem muito a ver com uma coisa que nós não fazemos no cinema português, com o espectáculo. O Benfica tem que promover a sua capacidade de fazer grandes espectáculos.

D.L. - Pode-se viver do cinema?

J.B. - Não.

D.L. - O que faz, além do cinema?

J.B. - Faço gráficas, faço publicidade, coisas...

D.L. - Por prazer, ou por necessidade?

J.B. - Algumas coisas são interessantes e eu só aceito trabalhos que me interessem, não aceito qualquer coisa...

D.L. - De onde vem o dinheiro para os seus filmes?

J.B. - O primeiro filme, «Conversa Acabada» - que foi o mais barato - custou cerca de 10 mil contos, e o dinheiro veio integralmente do IPC, com uma pequena contribuição da Gulbenkian. «Um adeus português» já teve algum dinheiro estrangeiros, da RTP, pouco, da Gulbenkian, pouco, algum do IPC e uma parte de empréstimo. O terceiro, «Tempos difíceis», custou mais de 50 mil contos e o dinheiro veio de Inglaterra - do Canal 4

e de um produtor inglês - receitas da venda do anterior e, mais uma vez, da RTP, do IPC e da Gulbenkian. O próximo já vai custar quase o dobro. Não percebo como é que isto se inflacionou tanto...

D.L. - As produções estrangeiras têm a ver com isso?

J.B. - Pelo menos trabalharam para isso. Os custos em Portugal subiram enormemente desde que a mão-de-obra portuguesa começou a ser utilizada pelas produções estrangeiras, o escudo baixou, os preços de laboratório são muito altos. Tudo isto faz com que os filmes sejam muito mais caros, mesmo que, à escala europeia, se trate de orçamentos muito modestos. Um pequeno filme, na Europa, custa meio milhão de contos, enquanto cá, o subsídio máximo que temos do IPC é de 33 mil contos.

D.L. - O que podemos saber acerca desse novo filme?

J.B. - Chama-se «Aqui na Terra» e espero começar a filmá-lo lá para o fim do ano.

D.S.



Paula Rêgo

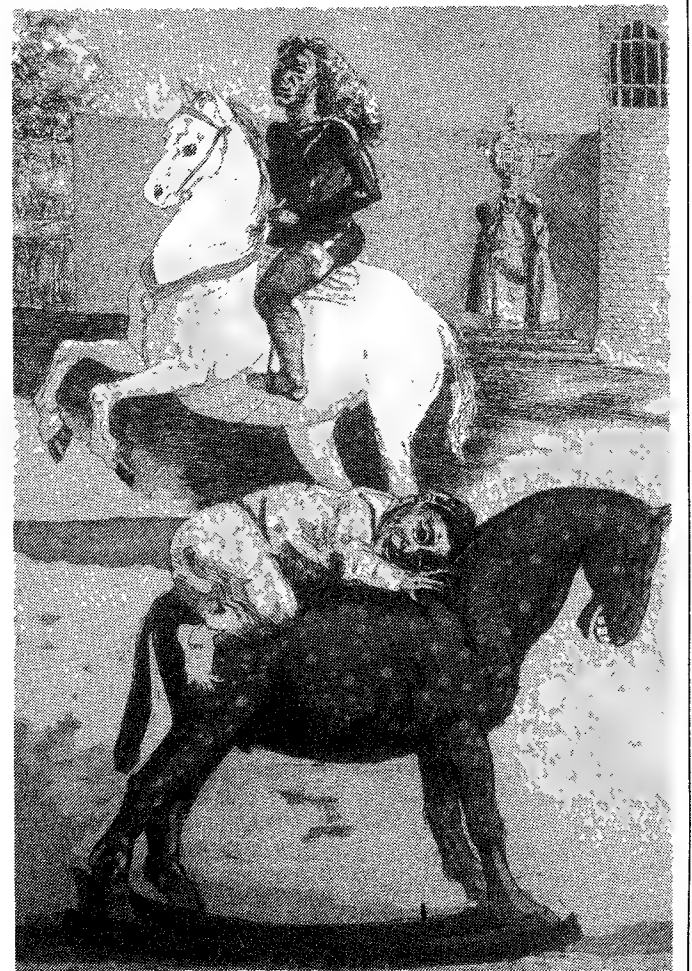
É fácil escrever o nome de nove letras: Paula Rêgo. Ainda é fácil acrescentar: já viste a exposição das suas gravuras na Galeria 111? Ainda estás a tempo.

Tudo o resto, porém, será um texto contra a natureza. Não se escreve (escrita — um código) com a vontade sobre uma obra pictórica, pintada, desenhada, gravada, sobre esse mundo fora das palavras (outro código). Então, escrever porquê? Porque as gravuras dessa grande senhora entram pelos olhos, instalam-se e não nos deixam. Escrever, neste caso, será libertarmo-nos ou melhor, assimilar mais tranquilamente aquela beleza da viagem à terra de fogo, que é a da infância cruel, do sonho e do pesadelo, da Alice no País do Enigma: o enigma dessa pintura gravada, di-lo sem o dizer, está sempre perto e acessível. Tudo está perto e acessível...

Percorrer a exposição do Campo Grande com atenção é como que penetrar numa sociedade secreta, num *Kinderbund*, numa *Fraternity*, fustigar e ser-se açoitado, sem tabela de precedência, de dimensão reversível, cercado de poesdência, nada ornamental, da luz que jorra por baixo e deforma a forma, de cabeças humanas e animais trocadas, de provas mágicas, duras e decisivas que, uma vez passadas, permitem às vítimas serem esfregadas pelas folhas benfeitoras de plantas oníricas.

É fácil escrever o nome: Paula Rêgo. Mas o resto é consigo, viandante ocasional e imprudente.

Jorge Listopad



A.M.A. Auto Monumental de Aveiro

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO DE ECONOMIA

Diário de Lisboa

Reivindicando a autoridade de responsáveis sociais, assumem a ética nos negócios e repudiam os profetas da desgraça. Num congresso que esperavam «escaldante», mas que foi apenas «morno», não deixaram de dizer que o futuro são eles

Jovens empresários querem falar alto

Os jovens empresários, reunidos em congresso, comprometem-se a «criar uma nova era nas relações sociais de trabalho, assumindo decididamente a responsabilidade social do empresário». Segundo diz ao «DL» o presidente da sua associação, Paulo Barros Vale, pretende-se identificar as grandes avenidas do futuro, aumentar a influência empresarial na feitura da legislação, repudiar as teorias dos profetas da desgraça, assumir a ética nos negócios, enfim, materializar responsabilidades que permitam

«dizer em voz alta o que se pensa e chamar a atenção das pessoas na praça pública».

Anunciado como o congresso da maturidade, onde os jovens pretendiam identificar problemas e prefigurar soluções para «comprometer» os membros do Governo presentes, constituiu, afinal, um momento privilegiado para estes divulgarem as suas perspectivas sobre as questões da actualidade e para os jovens presentes actualizarem os seus contactos. Paulo Barros Vale diz: «Foi morno, podia ter sido escaldante.»

Nas suas declarações ao «DL», Barros Vale foi um pouco mais longe, se não nomeando, pelo menos apontando os profetas da desgraça: «São os que anunciavam a desgraça colectiva com a adesão à CEE, mas que mais se movimentam agora no plano comunitário.» Mas não deixa de gritar para a praça pública: «As obrigações do País para consigo próprio, decorrentes da adesão à CEE, não terão sido assumidas como deveriam.»

Centrais

Londres quer dominar bolsas europeias

Londres quersera Bolsa da Europa e por isso os homens da City reestruturaram o «seu» mercado de capitais de forma a torná-lo mais eficiente e atraente. Já ninguém duvida da sua eficiência e os investidores internacionais afluem. As bolsas europeias vão perdendo clientes e tentam reagir com a criação de um ainda hipotético «mercado único dos grandes títulos». A Bolsa de Londres reage e «veta» todas as propostas. Não quer ter alguma coisa a ver com «a burocracia continental».

Pág. 6

Só os gestores competentes criam empresa do futuro

A empresa do futuro é a que tem uma equipa de gestores competentes, com capacidade para criar uma organização e uma estratégia empresarial baseada na capacidade de iniciativa, na criatividade e na abertura à mudança. Esta tese é defendida por Augusto Felício, director do CEGE (Centro de Estudos de Gestão) do Instituto Superior de Economia e Gestão.

Para ele, um dos factores que impedem a evolução das empresas no caminho correcto tem a ver com a atitude «passadista e castradora de muitos empresários»,

mais identificados com a imagem ultrapassada de patrões ou donos do que com a de empresários e gestores modernos.

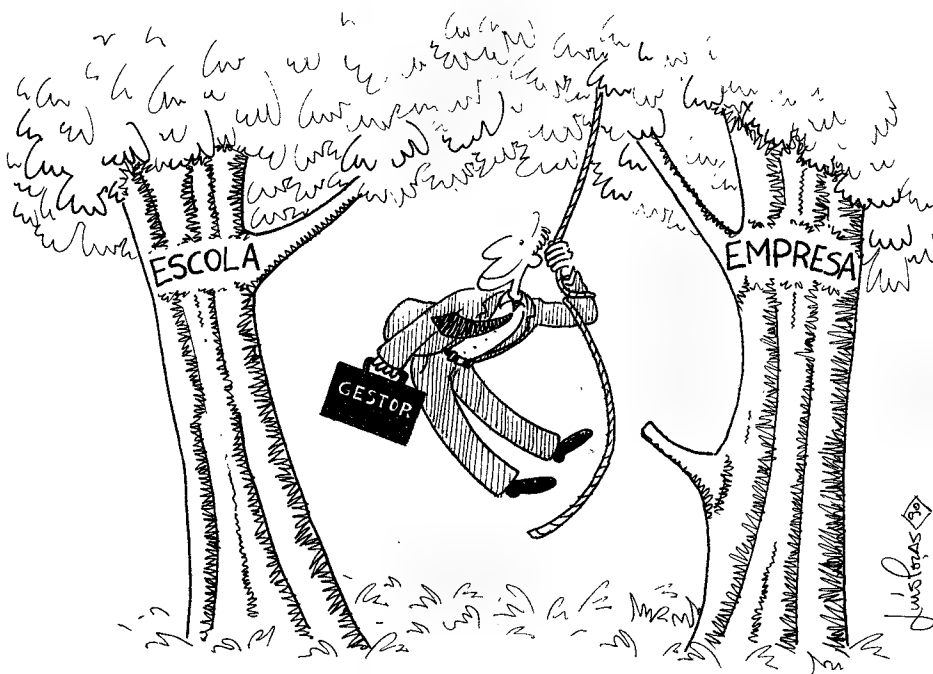
Mas mostra-se optimista quando analisa o posicionamento da juventude ligada ao mundo empresarial, que aponta como «mais criativa e agressiva». É precisamente para apoiar nesses predicados que o CEGE aposta numa mudança radical dos seus métodos, desenvolvendo uma filosofia do gestor

enquanto líder e a da relação escola/empresa.

«O gestor tem de ser um líder, ter credibilidade e conseguir que lhe seja reconhecida autoridade», explica Augusto Felício ao referir

que, como vantagens comparativas, deve ainda ser «sensível, humano e, sobretudo, ter uma visão estratégica da realidade empresarial».

Pág. 7



*Aberta nova via
para resolver
litígio de pescas
entre a CEE
e o Canadá*
Pág. 2

*Relação Sociedade
Estado e Mercado*

*- A análise
de Geraldo Dias*
Pág. 3

*A carga fiscal
aumentou
com a reforma*

*- O comentário
de Isabel Braz*
Pág. 3

AGROPROMOTORA

CONCEPÇÃO, CONSTRUÇÃO E EQUIPAMENTO DE UNIDADES AGRO-INDUSTRIAIS

PROJECTOS E ESTUDOS DE VIABILIDADE TÉCNICA E ECONOMICA PARA A AGRO-INDUSTRIA

RUA CARDEAL MERCIER, 29-1 — TELEF. 73 51 35 — TELEX 42 729 — TELEFAX — 7935417 — 1600 LISBOA

ECONOMIA

O comissário europeu Manuel Marin foi a Otava propor estudos conjuntos da situação dos bancos pesqueiros. O primeiro-ministro do Canadá mostra-se «entusiasmado», mas os seus ministros reagem cautelosamente

Pescas no Atlântico Norte poderão sair do impasse

O reconhecimento bilateral de estudos conjuntos que vão ser realizados pela CEE e Canadá para averiguar as verdadeiras reservas piscícolas do Atlântico Norte poderá ser um passo decisivo para a resolução do litígio que opõe a Comunidade Europeia àquele país e que poderá prejudicar, em particular, Portugal e Espanha.

Lembra-se que os dois países ibéricos, por força da sua adesão à CEE, já tinha visto drasticamente reduzida as suas quotas de pescado naquela área.

O diferendo resulta da fixação dos contingentes de pesca pela NAFO (Organização das Pescas do Noroeste Atlântico), na qual se integra a CEE e que gere as pescas na zona contínua às 200 milhas da zona económica exclusiva do Canadá.

Recorda-se que no final do ano passado esteve em várias capitais europeias, incluindo Lisboa, uma comissão de organizações empresariais e sindicais canadianas ligadas ao sector das pescas, que

acabaria por se reunir, em Bruxelas, com responsáveis comunitários.

Segundo os canadianos, o sector pesqueiro do seu país (incluindo a vertente industrial) seria fortemente afectado caso as pretensões de alguns países europeus fossem satisfeitas. Nomeadamente, chegaram a referir a paralisação, já consumada, de vários barcos de pesca do Canadá.

Pretendiam, então, sensibilizar pescadores e governos para a necessidade de aceitarem a resolução da NAFO, que diminuía drasticamente as quotas da Comunidade Europeia e que não foi aceite pela CEE, que acabaria por fixar quotas unilateralmente.

Afirmaram mesmo que a única solução, caso não houvesse um acordo, seria a do Governo canadiano alargar a área da sua zona económica exclusiva para além das actuais 200 milhas. Mas a verdade é que esta solução seria encarada como um acto inamistoso pela Europa,

podendo vir a ter mais vastas consequências que as relativas às pescas.

Encontro em Otava

Entretanto, quando se pensaria que se estava num impasse, tanto mais que o comissário Europeu das Pescas é o espanhol Manuel Marin (grande defensor dos interesses do seu país e também de Portugal), a verdade é que na segunda semana de Maio realiza-se uma reunião em Otava que talvez tenha alterado qualitativamente a situação.

Na verdade, Manuel Morim acabaria por propor a realização em comum de novos estudos sobre a situação das reservas na área em questão, bem como uma reanálise das medidas necessárias para uma conveniente gestão dos stocks pesqueiros.

Marin propôs ainda o reconhecimento bilateral dos resultados dos referidos estudos, comprometendo-se a CEE a reduzir as quotas fixadas unilateralmente no ano passado, caso tal se justi-

fique. Por seu turno, o Canadá aceitará a manutenção dessas quotas se se estabelecer, em bases científicas, que isso não constitui um atentado ao equilíbrio dos recursos pesqueiros da zona em causa.

Nesta conformidade, razão tem o primeiro-ministro do Canadá, Brian Mulroney, em se afirmar «entusiasmado» com as novas perspectivas abertas com a proposta de Marin e mostrando-se mais confiante numa possibilidade de se resolver «um problema difícil que é comum a ambas as partes». Nesta posição não é, contudo, acompanhado com clareza por ministros do seu Governo.

Cautelas

Na verdade, mais cauteloso nas suas afirmações foi o ministro canadiano Crosbie, que afirmou que o seu país «continua a tentar persuadir a CEE a observar as quotas determinadas pela NAFO».

Para ele, a deslocação a Otava de Manuel Marin apenas constitui «uma nova via de diálogo», pois que,



Pescas portuguesas afectadas com litígio do Atlântico Norte

disse, a sua proposta de estudos conjuntos não põe em causa os já efectuados. «O que está em discussão é a realização de um empreendimento comum e alargado», afirmou.

Por seu turno, o ministro Valcourt, alinhando pela mesma tónica, disse: «Quando o sr. Marin afirma que, se voltar para o ano, já não será mais um inimigo, faz-me crer que, nessa altura, a CEE observará as quotas da NAFO».

Ameaça de sanções

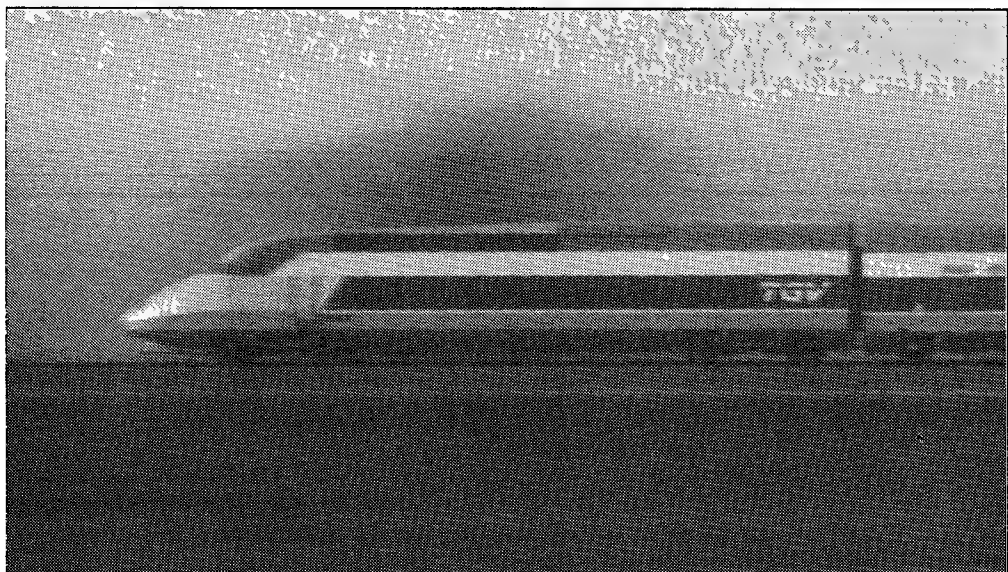
Entretanto, o comissário europeu, referindo-se em particular ao problema português e espanhol, esclareceu que, para a CEE, todos os

barcos de países da Comunidade são, indistintamente, embarcações comunitárias.

Confrontado com a ameaça de barcos destes dois países mudarem para bandeiras de conveniência, para fugirem às regras estabelecidas (ameaça de que o DL se fez eco na devida altura), Marin afirmou-se de acordo com a necessidade de penalizar este tipo de acção.

Mostrou-se ainda disposto a estudar com o Canadá a forma de aplicar sanções a estes barcos, na condição de todas as embarcações (e não apenas as dos países comunitários) terem igual tratamento.

Redacção «DL»



Novo máximo de velocidade pulverizado pelo TGV

TGV acelera para o futuro

É uma ave... é um avião... é o super-homem?! Não, é um comboio! A partir de agora deve ser esta a frase. Ou, em tom musical, «comboio, voa baixinho». É o TGV que, em França, pulveriza o máximo mundial de velocidade: 515,5 quilómetros por hora, conforme afirmam os Caminhos de Ferro Franceses (SGCF) e a GEC Alsthom, operadora e construtora desta máquina.

Para que conste, «no dia 18 de Maio, às 10,06 horas, o TGV, que levava a bordo o ministro francês dos Transportes, Michel Delebarre, bateu o novo recorde mundial, durante os ensaios técnicos efectuados na linha TGV Atlântico, no Oeste de França, entre Courtalain e Tours».

Aumenta assim a distância que separa o TGV do seu primo alemão, o ICE, com um máximo de 406 quilómetros por hora, e do Magnetobahn, com 435. É a sequência de uma série de experiências de

anos que visa transformar este comboio no melhor equipamento para um meio de transporte mais competitivo.

O objectivo é, igualmente, que o caminho de ferro seja novamente popular e com possibilidades de enfrentar outras formas de transporte, reconquistando a parte do mercado que, um pouco em todo o mundo, perdera, a partir dos anos setenta, em favor dos transportes rodoviário e aéreo.

Os máximos são batidos com composições comerciais, sendo objectivo dos fabricantes e utilizadores do TGV divulgá-lo como meio de transporte mais rápido, seguro e económico, para além de ser alternativa harmoniosa.

A continuar em frente o aumento da rede de comboios de alta velocidade, um dia chegarão a Portugal. E não haverá possibilidade de os ver ficar a passar.

A.H.

Fundo de Investimento Português transaccionado em Londres

Iniciaram-se no passado dia 24 as transacções na Bolsa de Valores de Londres das acções do novo Fundo de Investimento Português, Lda, uma companhia de fundo fechado registada nas ilhas Cayman.

No dia anterior, aquele papel estava a ser oferecido a 100 dólares (cerca de 14.600 escudos), segundo informou a empresa londrina Morgan Stanley International.

A empresa que explora este fundo está autorizada a ter um capital de 120 mil dólares, dividido em 12 milhões de

acções ordinárias no valor de 0,01 dólar cada. O preço de cada uma delas para os investidores será de 100 dólares, com a aquisição mínima de 250 unidades.

O objectivo deste fundo é o investimento de pelo menos 80 por cento dos lucros líquidos da listagem da Bolsa de Londres em acções de empresas estabelecidas em Portugal.

Cerca de 15 por cento do valor líquido do Fundo poderá também ser investido em empresas estabelecidas fora

de Portugal, mas cujas receitas sejam obtidas, fundamentalmente, deste país ou tenham nele grande parte dos seus bens.

O Fundo pode também investir em títulos de dívida emitidos por corporações ou instituições portuguesas, ou que sejam garantidos pelo Banco de Portugal ou pelo Estado português.

Nos primeiros anos não serão distribuídos dividendos, de forma a aumentar-se o valor líquido atribuído às acções ordinárias.

Aumenta défice agregado nos países industrializados

O Fundo Monetário Europeu (FMI) faz análise da balança comercial dos países industrializados e conclui que o seu défice agregado aumentou, em 1989, mais de 60 por cento, em relação ao ano anterior, já que atingiu os 130 mil milhões de dólares, contra os 80 mil milhões antes verificados.

Segundo o documento do FMI, o valor das exportações desses países aumentou 6,5 por cento, em 1989, acompanhando a evolução positiva das importações de 8,7 pontos percentuais, verificando-se, nas duas taxas, um crescimento menor que o registado em 1988, com as taxas de 14,6 e 13,1 por cento, respectivamente. Outros elementos em estudo apontam para que o défice da balança comercial norte-americana foi de quase 129 mil milhões de dólares, o que significa uma redução de 8,2 mil milhões, em relação a 1988, enquanto que, no conjunto dos países industrializados, os EUA tiveram a taxa

mais alta do incremento das exportações, quase 13 por cento, com as importações a aumentarem 7,3 por cento. Quanto ao Japão, o «superavit» da sua balança comercial registou uma redução, entre o ano passado e 1988, que rondou os 13,3 milhares de milhões de dólares, fixando-se nos 64,2 milhões. É a esta nação que corresponde, no conjunto dos países em análise, a maior taxa de importações, com um aumento de 11,9 por cento, enquanto as exportações tiveram um acréscimo de 3,4 pontos percentuais.

Passando à República Federal Alemã, o FMI informa que o «superavit» da sua balança comercial diminuiu ligeiramente, situando-se nos 71,6 milhões de dólares, sendo as taxas de crescimento das exportações, entre 1989 e o ano precedente, de 5,6 por cento e a das importações de 7,7 por cento.

«DL»/Lusa

ECONOMIA

Estrangeiros compraram 19 milhões de contos de títulos em Janeiro deste ano

Bolsa atrai ingleses

O Reino Unido é o país que maiores aplicações faz em Portugal no domínio dos investimentos em títulos de empresas cotadas na bolsa, detendo 33,3 por cento do total de 19 milhões de contos de compras registadas no mês de Janeiro passado.

Seguem-se os investidores alemães com 21 por cento do total, os norte-americanos com 14 por cento e os suíços com 11 por cento.

O Banco de Portugal, na análise que faz a esta situação, considera que as compras quase duplicaram as vendas, as quais totalizaram cerca de 10 milhões de contos.

Durante o período em causa, os estrangeiros foram responsáveis pela transacção global de perto de 29 milhões de contos de títulos, correspondendo a 17,4 por cento do volume de negócios realizados dentro e fora da bolsa, num montante de 166 milhões de contos.

Regista-se igualmente que a carteira de títulos de empresas cotadas nas bolsas portuguesas, detidas por estrangeiros, ascendeu a 262 milhões de contos, dos quais 201,5 milhões eram em acções e 46



Bolsa portuguesa atrai estrangeiros

milhões em obrigações.

Em Janeiro deste ano, os investidores estrangeiros compraram 13 milhões de contos em acções e venderam mais de 8 milhões, enquanto os títulos de obrigações registaram uma compra de 4,3 milhões e uma venda de mais de um milhão.

Embora a tendência na procura de obrigações aponte a via do crescimento,

é na aquisição de acções que se manifesta a vertente mais atractiva do mercado para os estrangeiros.

Estabilidade

Enquanto que em Lisboa o comportamento na Bolsa de Lisboa foi equilibrado durante a semana passada, a do Porto caracterizou-se por uma recuperação do volume de negócios, essencialmente em resultado de movimento obrigacionista.

Na capital, as acções mais líquidas mantiveram um certo equilíbrio entre subidas e descidas. Estes papéis foram alvo de venda controlada por parte de estrangeiros, para a realização de mais-valias, tendo, no entanto, passado para a mão de outros estrangeiros que entraram no mercado pela primeira vez.

No Porto, o mercado de capitais caracterizou-se pela estabilidade das acções, verificando-se, no entanto, um forte aumento dos negócios, em particular nas obrigações, que atingiram 93 por cento dos 7,77 milhões de contos transaccionados.

«DL»/Lusa

COMENTÁRIO

Sociedade, Estado e mercado

A relação sociedade/Estado/mercado reveste-se de excepcional importância na vida concreta das formações sociais. A evolução dos sistemas sociais altera as formas de dependência mútua das suas estruturas - assim o mercado pode significar mais comunidade, mais trocas ou mais hierarquia.

As estratégias económicas e sociais dos cidadãos e das famílias resolvem-se nessa relação em que intervêm como produtores assalariados, empresários, consumidores, financiadores ou financiados, cidadãos e contribuintes em correspondência com um quadro legal que molda a suas trajetórias de vida.

A relatividade das formas de relacionamento é visível desde logo no desajustamento entre práticas legais e sociais - tentativas de assimilação ou sintomas de rejeição - a mostrar que o papel do Estado na economia deve ser descortinado em referência ao modo de relação global da sociedade.

Estado e mercado intercondicionam-se num contexto de inovação indeterminadamente restringido e influenciam a capacidade institucional de regulação em resposta ao gap entre transformações nas formas de produção e a acomodação/invenção social. Se o Estado tem um papel importante no controlo dos mecanismos de acumulação e na codificação da relação salarial a eficácia da sua acção joga-se na sociedade, na capacidade de uma pluralidade de actores protagonizarem e terem liberdade de acesso aos mercados.

A aguda dicotomia entre Estado e mercado deve dar lugar à avaliação da qualidade concreta das performances, desde aquilo que o Estado faz com todo o seu poder às condições de funcionamento dos mercados. Mercado e Estado são instituições complexas em certa medida artificiais com problemas de organização, ordenação e cooperação.

Os mercados podem ser considerados instituições que, de alguma maneira, não são entidades naturais, mas complexas construções artificiais. Não são o resultado de forças automáticas, atomísticas e anónimas que entram em cena, mas mecanismos baseados em organização e cooperação, fundadores de estruturas organizacionais com poder estruturante e transformador do meio ambiente.

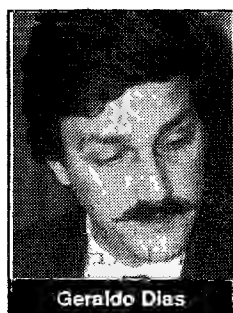
As intervenções do Estado, pelo seu lado, não são neutras quando o Estado legisla, delega, arbitra ou incentiva. Do resultado da sua relação com a sociedade e mercado resultará um processo de maior ou de menor exclusão, de reforço de diferentes grupos ou de concentração do poder.

A ligação sociedade/Estado/mercado facilita a inovação e a transição real, superando a desarticulação entre o quadro jurídico institucional e as práticas sociais, num contexto em que muitas vezes o mesmo quadro regulador cobre práticas muito distintas. Essa ligação é um elemento fundamental da transparência e consistência das estruturas, da sua vitalidade e propicia um efeito multiplicador da iniciativa.

Este efeito é suportado por uma racionalidade complexa dos mercados em que, para lá dos recursos tradicionais, há que ter em conta os recursos culturais, fundadores dos processos de desenvolvimento local atentos aos pré-requisitos do funcionamento desses mercados, da sua eficiência e progresso qualitativo.

A transição para novas formas de regulação está na ordem do dia. Reconhecem-se como pré-requisitos do funcionamento do mercado, para além dos recursos culturais ligados ao substracto relacional do estabelecimento de relações de confiança, os recursos morais que permitem uma ligação partilhada.

Associados aos novos processos de decisão emergem novos conceitos - de racionalidade, força, equilíbrio e eficiência. A eficiência não é uma questão técnica neutral, quer se trate do mercado ou do Estado - onde as instituições públicas são permeáveis a interesses privados ou ao reforço do poder dos grupos dominantes com compensações marginais para os excluídos.



Geraldo Dias

Carga fiscal aumentou com a reforma

A reforma fiscal portuguesa, a par do que aconteceu recentemente em Inglaterra, França, Holanda, Bélgica e Espanha, reflecte a recente evolução dos sistemas fiscais ocidentais, que privilegiam o aumento dos impostos indirectos sobre a despesa, em detrimento dos impostos sobre os rendimentos das pessoas.

Não é por acaso que o Governo tem inundado os meios de comunicação social com exemplos da redução da carga fiscal sobre os indivíduos, como resultado da introdução do IRS. Mas também não é por acaso que nenhuma referência é feita ao aumento da carga fiscal sobre as empresas que, quando analisado nos seus efeitos sobre a fixação dos preços finais dos bens e serviços, reflecte-se sobre o consumidor final e é um financiamento como um imposto indirecto.

Não obstante a grande campanha política que tem sido feita quanto à reforma fiscal, esta significa, para a grande maioria dos portugueses, um aumento dos impostos.

Podem ser lidas, no preâmbulo dos Códigos do Imposto sobre o Rendimento (IRS e IRC), três linhas de orientação que merecem ser sublinhadas: alargamento das bases de tributação, moderação das taxas e estabilização das receitas fiscais.

Verifica-se, assim, que é o próprio Governo a declarar que as receitas do Estado constituíram a sua principal preocupação

quando concebeu o novo regime fiscal, quer com vista a aumentá-las, por forma a reduzir o défice orçamental, quer para controlar a procura agregada dos residentes, tal como para tentar controlar as crescentes pressões inflacionárias e o défice da balança comercial.

A redução do défice do Estado constitui um objectivo primordial para a saúde da economia. Porém, a sua consecução deve ser obtida também mediante o controlo adequado das despesas públicas e não só pelo incremento das receitas.

IRC: redução ou aumento da carga fiscal?

Com a introdução do IRC, o aumento da carga fiscal sobre as empresas resultou da conjugação de uma série de factos que tentaremos analisar esquematicamente.

A partida, houve um alargamento da base tributável, com a inclusão de rendimentos anteriormente não tributados. A base de incidência aumentou, abrangendo mais pessoas e mais situações.

As taxas de imposto aumentaram, desfavorecendo assim os contribuintes. No período anterior à reforma fiscal, a contribuição industrial variava entre 33 por cento, para rendimentos até 3 mil contos e 38,5 por cento, para valores superiores àquele.

Na situação actual, as empresas pagam 36,5 por cento do IRC, podendo os municípios lançar derramas até ao máximo de 10 por cento sobre a colecta deste

imposto.

Os mecanismos de apoio ao investimento ou ao fundo de maneo das empresas tiveram uma redução drástica. Por um lado, as deduções por lucros levados a reservas e reinvestidas (DLRR) vão ser extintas, a partir do exercício económico de 1990, enquanto o crédito fiscal por investimento (CFI) foi agravado, ao ser reduzido para 4 por cento, havendo igualmente extinção deste benefício a partir de 1990.

Por outro lado, as provisões genéricas para depreciação de existências, considerando a dificuldade de criação destas provisões em anos futuros - só se podem constituir desde que o preço de mercado seja inferior ao preço de produção ou de aquisição -, tendem para o agravamento. De facto, a filosofia das provisões passa a ser orientada para fazer face às necessidades e não para além destas, o que normalmente era o que mais acontecia.

Devem igualmente ser analisadas outras situações onde se encontram casos de agravamento, em relação ao período anterior à reforma fiscal.

Assim, as mais valias passaram a ter alargada a sua incidência; os ganhos em indemnizações por sinistros em bens do imobilizado passam a ser tributados; os encargos não devidamente documentados e as despesas de carácter confidencial não são considerados como custos fiscais; não há lugar a eliminação da dupla tributação económica de lucros distribuídos, no caso de rendimentos de participação inferiores a 25 por cento; a

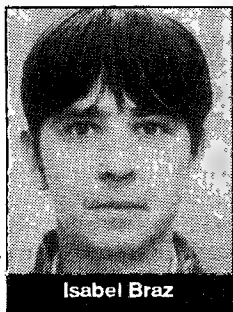
contribuição autárquica originando agravamento, considerando que antes não se liquidava contribuição predial em relação a prédios afectos ao exercício das actividades empresariais. A redução dos incentivos fiscais foi notória.

Os desagravamentos efectuados não são tão extensos. As amortizações têm um eventual desagravamento com o uso do método das quotas degressivas; os subsídios de férias, pelo aumento e antecipação da contabilização destas categorias de custos; e a eliminação da dupla tributação económica dos lucros distribuídos, nos casos em que a participação seja igual ou superior a 25 por cento.

Por último, com o novo sistema fiscal põe-se uma questão importante e nova, sobre os pagamentos por conta, que no caso das empresas assume um especial relevo que não tem sido devidamente referido.

Com efeito, as entregas de quantias do imposto, no próprio ano em que a matéria colectável se está a gerar, representa, para as empresas, uma oneração financeira bastante significativa. O agravamento é real, uma vez que a cobrança é feita mais cedo e aumentam os encargos financeiros resultantes da antecipação do pagamento do IRC.

Entrando em conta com este importante ónus financeiro, com o alargamento da base tributável aos «incrementos patrimoniais» e a eliminação dos incentivos DLRR e CFI, para não falar da redução dos benefícios, poderá dizer-se que a carga fiscal e financeira das empresas ficará superior à que tem vigorado.



Isabel Braz

Paulo Barros Vale enuncia várias responsabilidades cometidas aos jovens empresários. Umas derivadas das "leis da vida", outras de preocupações éticas. Aprender com e dos mais velhos permanece intenção

Os jovens empresários querem o futuro, já

Presidente da Associação Nacional de Jovens Empresários (ANJE), Paulo Barros Vale entende que este grupo social, pelas leis naturais da vida e pela liderança social que lhe é natural, tem responsabilidades perante o País.

Identificar as grandes avenidas do futuro, aumentar a influência empresarial na feitura da legislação, repudiar, no que toca à integração comunitária, as teorias dos profetas da desgraça, assumir a ética nos negócios e lutar pela unidade indispensável do associativismo empresarial são algumas formas de materializar aquelas responsabilidades, segundo afirma ao DL.

Com o entendimento que «não há nenhuma geração que seja a eleita», Barros Vale reivindica a postura de «dizer em voz alta o que se pensa e chamar a atenção das pessoas na Praça Pública».

Depois de constatar que «da ideia à sua realização vai uma grande distância», o presidente da ANJE refere a *décalage* - «enorme, em termos das necessidades que o País tem» - existente entre a quantidade de jovens que pretende lançar as suas próprias iniciativas e os meios que lhe são disponibilizados.

O conhecimento da realidade que lhe advém dos contactos propiciados pela sua



Barros Vale: "Negócios com ética"

função permite-lhe assegurar que «há muita gente com projectos viáveis, mas sem capacidade para os realizar por falta de formação, de meios técnicos e de outros».

Esta situação leva-o a con-

siderar que «no plano das intenções, fala-se muito de apoios públicos, mas os esquemas existentes são insuficientes».

Ética

«Temos agendado um seminário sobre ética nos negócios», revela Barros Vale, para quem, «no ponto e no país em que estamos, importa lançar pistas sobre o que signifique assumir negócios e empresas de forma ética».

A importância da discussão deste assunto passa, desde logo, pelas relativizações es-

clarecedoras: «Se calhar o que é ético aqui não o é noutros lados».

Na base desta preocupação está «a sociedade do futuro, democrática, que terá de ser transparente».

O facto de, por outro lado, o empresário ser «um *leader* social natural» implica que este tenha de «estar acima das suspeitas, o que se consegue pela prática».

Tema «difícil de concretizar», com a sua abordagem pretendendo-se «premiar o comportamento ético do próprio empresário». É que, como justifica, «não estou a pensar só na responsabilidade social do empresário».

Em causa está, por outro lado, a relação Empresário-Legislação. Barros Vale reputa de «fundamental» a capacidade do empresário influenciar a legislação para que se lhe submeta. Surge, assim, como lógico o desejo de um maior protagonismo político por parte dos empresários.

A, por si considerada, fraca participação política da classe empresarial, por «falta de interesse ou de oportunidade», «é tanto mais grave quando se sabe que a Política está ligada à Economia».

Para evitar «desfazamentos» entre estas duas vertentes do Poder, o presidente da ANJE recomenda a existência de «vasos comunicantes que permitam um relacionamento saudável entre o poder político e o económico».

"Profetas da desgraça"

Barros Vale acredita que "1993" será realidade na data marcada, até porque «mesmo que não acreditasse, todos os empresários têm a obrigação

de trabalhar com o se esse fosse um dado adquirido».

Apesar de julgar que «as obrigações do País para consigo próprio, decorrentes da adesão à CEE, não terão sido tão assumidas como deveriam» e manifestar-se «preocupado, como cidadão português» pela pouca preocupação evidenciada pelas «pessoas» quanto ao assunto, Barros Vale manifesta-se discordante dos «profetas da desgraça».

Estes, pormenoriza, «começaram por dizer que não acreditavam na possibilidade de entrarmos na CEE e depois passaram a anunciar a desgraça colectiva». Hoje, prossegue, «estes profetas - que não nos interessa ouvir nem seguir - são dos que mais se movimentam no plano comunitário».

Das mudanças, aceleradas pelos acontecimentos no Leste e na Alemanha, o presidente dos Jovens Empresários não tem conclusões sobre quem irá ganhar ou perder. Por certo só tem que «a Europa sairá ganhadora, com mais emprego, mais produtividade e optimização dos serviços públicos e privados».

O custo que poderá representar para alguns Estados-membros a «centralização de políticas» em Bruxelas será compensado, diz, pelo «grande número de vantagens decorrentes de estarem dentro da Europa».

É ainda com a Europa comunitária em pano de fundo que Paulo Barros Vale classifica a ANJE como «a mais europeia» das do seu tipo no Velho Continente, «porque somos os que têm feito mais força para a constituição de uma organização

que reúna todas as nossas congéneres». Tal insistência é atribuída à deslocação dos centros de Poder para Bruxelas - «razão pela qual temos defendido que só uma estrutura a nível europeu pode responder às necessidades».

Reflectir, prever, relacionar

De reflexão, mas sobretudo de afirmação, foi como classificou o Congresso realizado (ou a realizar, para sermos mais exactos, uma vez que esta entrevista foi efectuada antes da reunião magna).

Na ocasião, Paulo Barros Vale realçou a necessidade de prever o futuro e justificou posturas reivindicativas passadas e caracterizadoras dos dois Congressos anteriores.

Neste terceiro Congresso o objectivo era o de identificar os estrangulamentos do presente «que se colocam à gente nova que resolve entrar pela via empresarial».

«Saudável» é como classifica, por fim, as relações existentes com as diversas associações empresariais e patronais. A ANJE não só participa nas direcções de várias destas estruturas como alguns dos seus membros ocupam a Presidência de algumas associações sectoriais.

É sua preocupação ter «uma participação responsável» neste movimento associativo para lhe dar a «unidade indispensável».

A relação com os «mais velhos» é até vista como fonte de lições: «Queremos aprender com eles; os mais velhos já passaram por várias coisas».

Rui Nunes

Transporte de menhires une AJAP e ANJE

Classificado por Barros Vale como «o segredo mais bem guardado deste Congresso», foi apresentado durante a sessão de abertura da reunião magna dos jovens empresários o protocolo de constituição da União de Jovens Empresários Portugueses (UJEP).

Integrada pela Associação Nacional de Jovens Empresários e pela Associação dos Jovens Agricultores de Portugal, esta nóvel estrutura associativa tem por objectivo a representação global dos jovens empresários portugueses, tanto no plano nacional como internacional, e será a plataforma em que se desenvolverão as acções comuns a realizar pela ANJE e AJAP.

Durante o encerramento do Congresso, o presidente da ANJE voltou a referir-se à criação desta estrutura, oportunidade em que afirmou que a UJEP «foi e será uma tentativa séria de congregar a necessária massa crítica para o cozinhado da "poção mágica" onde os jovens obeliscos portugueses terão de mergulhar para transportar a enorme quantidade de menhires que o País precisa transportar».

«Sei que não nos enganamos na fórmula e podemos até emprestá-la aos nossos colegas seniores, que bem dela precisam».

«O associativismo empresarial é no nosso País um caso complicado, mas longe de estar perdido: tem muitas quintas e rendeiros em demasia. Mas, reconhecamos, tem tido um importante papel...»

«Do lado patronal e empresarial a atomização e descoordenação não corresponde a qualquer lógica consistente, seja no plano ideológico, seja no plano programático. Tem a ver com razões históricas e com outras menos históricas, mas onde nem sempre a nobreza tem estado presente».

Congresso decepcionou expectativas

As conclusões da reunião dos jovens empresários, que ficou aquém das expectativas dos organizadores, começam com a rejeição da identificação destes congressos com o Dia da Árvore, «em que se planta um dia por ano e se deita abaixo nos restantes». As ausências de diversas figuras públicas (Mário Soares e Cavaco Silva, desde logo), cuja presença havia sido anunciada, e o arrastar «pluriénal» de problemas, alguns dos quais identificados desde o I Congresso, justificarão o travo de decepção.

Reforçar as verbas do FAIJE («difícil entender as razões do retrocesso»), reformular a regulamentação das sociedades de fomento empresarial («na prática não existem») e criar e pôr a funcionar os «ninhos de empresa» («a alguns só a imaginação lhes assegura a existência») são três das principais conclusões desta reunião que, nas palavras de Barros Vale, «foi morna, quando podia ter sido escaldante».

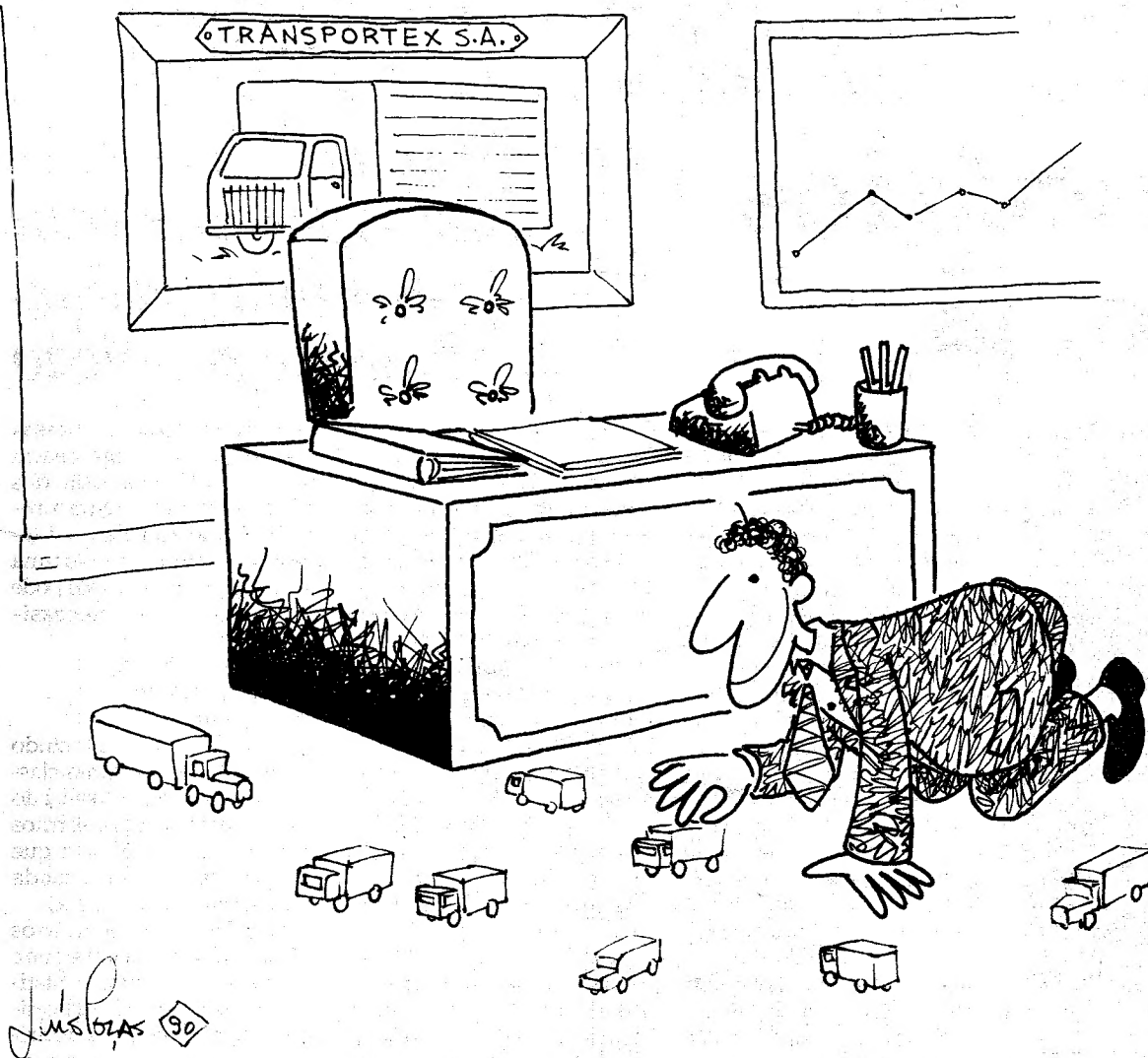
Para este arrefecimento muito terão contribuído as diversas dissociações verificadas: presenças anunciadas/ausências registadas, discurso dos ministros/discurso dos jovens empresários, tema do Congresso (a caminho do 3º milénio)/factos dominantes do Congresso... Rui de Melo, presidente da Comissão Executiva do Congresso, declarou antes do início do evento: «Queremos identificar os problemas. Queremos que a leitura das Conclusões seja um Caderno de Encargos apresentado ao Governo».

Destas, além das três referidas, constam ainda as exigências que as sociedades de capital de risco deixem de restringir-se às áreas de intervenção dos grupos económicos que servem, que seja reforçada a capacidade de intervenção do ICEP («é inaceitável que tal ainda não tenha acontecido») e que o IEFP se abra ao relacionamento directo com os jovens empresários («ao contrário da prática

comum»). Os jovens empresários atribuem-se, por outro lado, a missão de «criar uma nova era nas relações sociais de trabalho, assumindo decididamente a responsabilidade social do empresário», enquanto recusam «a criação artificial de grupos económicos», para o que contrapõem «o reforço da estrutura empresarial, através do seu surgimento natural, bem como de PME modernas e competitivas».

Defensores da complementariedade da «nossa opção europeia», através do «desenvolvimento de relações com outros países, em particular PALOP e Brasil», os congressistas recomendam uma «atitude mais interveniente que expectante em relação ao Leste» e apoiam o investimento estrangeiro «enquanto veículo de inovação tecnológica, de reforço das capacidades financeiras e de gestão e de abertura de novos mercados e não como venda do País a retalho».

ECONOMIA



Ditos e (des)ditas

O mito da luta de classes está enterrado para sempre. (Silva Peneda)

- Os empresários de hoje correspondem aos guerreiros das sociedades primordiais (Valente de Oliveira)

- Uma economia saudável, em movimento, requer empresários dinâmicos, que saibam aceitar o risco razoável, controlado, e que tenham vontade de ter êxito: dinheiro, prestígio, poder ou simples necessidade de reconhecimento, que são as motivações correntes dos empresários (Faria de Oliveira)

- Ser empresário não resulta de leituras académicas. Há qualquer coisa de intrínseco. (Silva Peneda)

- Não temos capacidade intrínseca de definir os vectores económicos que mais se adaptam ao nosso País, não nos restando mais nada do que especializarmo-nos nos campos que a Europa nos reserva (Luís Ribeiro da Silva - director-geral da Tevantium Portugal)

- Penso que não interessa referir para este congresso o meu percurso académico e os meus estágios e cursos porque em mim a ideia de ser empresária nasceu-me com 10 anos de idade (Filomena de Botton - jovem empresária)

- No campo empresarial a fórmula do sucesso é comparável à do campo desportivo (Vasco Faria)

- Os filósofos nunca foram necessários como agora (Valente de Oliveira)

- O que se passa à nossa volta (...): o pragmatismo

imperava sobre as ideologias, o bom senso prevalece sobre os impulsos e as paixões, a construção da justiça social prossegue o seu caminho (Faria de Oliveira)

- Estamos a viver uma época de transição histórica (...), mas ela não será a do fim de todas as ideologias; talvez que a experiência nos tenha ensinado a todos a ser menos dogmáticos sem cair em pragmatismos de curto-prazo; e oxalá ela também nos tenha ensinado a ser desconfiados em relação aos modelos simples de explicação dos comportamentos e acerca daqueles que, por serem muito ambiciosos a respeito da "explicação global" que pretendiam, acabaram por ser também demasiadamente simples (Valente de Oliveira)

- No encerramento do nosso II Congresso pedimos que nos deixassem ser como somos e que arriscassem connosco. Hoje dizemos: arrisquem como nós arriscámos e sejam como nós somos! (Paulo Barros Vale)

- Se não fôssemos jovens diria que começamos a estar cansados de estar nas boxes (Paulo Barros Vale)

- Têm sorte os jovens empresários de 1990! Vão poder inventar uma nova forma de o ser e vão poder multiplicar o seu número, de modo nunca visto (Valente de Oliveira)

- Agradecemos a presença dos membros do Governo que aceitaram estar connosco, mesmo aquele que disse que vinha por favor (Rui de Melo - presidente da Comissão Executiva do Congresso)

ANJE alia-se a brasileiros

No próximo mês de Novembro realizar-se-á no Brasil um seminário internacional subordinado ao tema "O Brasil, Portugal e a Europa de 1992", revelou Jacques Cláudio Stivelman, vice-presidente do "carioca" Banco Cédula e dirigente do Grupo de Intercâmbio Empresarial (GIE).

Presente no Congresso do Jovem Empresário, o GIE celebrou com a ANJE um protocolo de colaboração. Entre os principais pontos deste documento contam-se o intercâmbio de informações, a realização de reuniões conjuntas sempre que necessárias, a troca de informações associativas e económicas, a cooperação tecnológica e o auxílio à realização de *joint-ventures*. Prevista está ainda a existência de uma comissão mista para assegurar a realização prática do acordo.

Segundo revelou aquele dirigente, o GIE tem ano e meio de existência e 200 empresários associados; espera que até ao final do ano este número ascenda a mil.

Se, como notou Stivelman, os brasileiros ficam mais perto da CEE com este protocolo, também os portugueses ficam mais perto do Brasil.

- As mudanças impressionantes que temos vindo a presenciar e as tendências dominantes que podemos perspectivar exigem um reforço substancial da capacidade e competência dos governantes (Faria de Oliveira)

- Começa a ser demasiadamente discutida a nível internacional a inevitável substituição do presidente Gorbatchev (Luís Ribeiro da Silva)

- Nós, os jovens agricultores, temos bastantes problemas pela frente para resolver. Na verdade, pensando bem, atrevia-me mesmo a dizer que não é fácil ser-s e jovem agricultor em Portugal (Moreira da Silva - presidente da AJAP)

- Urge mudar esta situação! Certo é existirem diferenças físicas entre homens e mulheres, mas certo é também que a crescente utilização de máquinas tende a suavizar o efeito destas diferenças (jovem agricultora)

- Ao contrário do ocorrido em épocas recentes, a evolução que se perspectiva para as agriculturas não terá como aspecto fundamental a evolução tecnológica (Arlindo Cunha)

- A palavra não é muito popular mas convém não iludir a questão: do que estamos a falar é de uma *élite* empresarial que tem de o ser em toda a profundidade das implicações que isso arrasta (Valente de Oliveira)

- Só nós portugueses nos adaptamos com facilidade à balda generalizada. Somos clarividentes na confusão (Luís Ribeiro da Silva)



Carlos Bessa: «Vale a pena continuar com o FAIJE»

Milhões do FAIJE são de menos

Inovador à escala europeia, o Fundo de Apoio às Iniciativas de Jovens Empresários (FAIJE) tem concitado tanto de esperanças como de críticas. Actualmente na sua terceira edição, o FAIJE estreou-se, a título experimental, em 1986 com a verba de 200 mil contos e circunscrito então à Região Norte.

Dado o êxito verificado, a segunda edição (1987) foi dotada com um milhão de contos destinados à totalidade do País. A presente edição do Fundo foi consignado o montante de 2,5 milhões de contos. Depois de 1988 ter ficado em "branco", o FAIJE III iniciou-se em 1989 e prolonga-se até ao final corrente ano. Para Carlos Bessa, um dos seus responsáveis, «a conclusão a que se chega é a de que vale a pena continuar com esta iniciativa».

«Nós gostaríamos de...»

Dos projectos aprovados não tem resultado, porém, nenhuma contribuição substancial para a tão apregoada diversificação do tecido empresarial português.

De resto, como desabafa aquele responsável, «gostaríamos de apoiar projectos de *design* industrial, de moda, de controlo de qualidade, mas são poucos os que aparecem».

E, destes, muitos «não passam frequentemente da manifestação de intenções». É, assim, frequente a devolução dos projectos mal elaborados. Melhor é o panorama quanto à participação da mulher neste Fundo: «Começam a surgir mulheres com perfil empresarial».

Se, por um lado, os jovens - definidos, para este efeito, como os pertencentes ao intervalo 18-30 anos - candidatos a empresários não inovam nos projectos, actuam também, por outro, em função de questões de moda: «Quando se falava da televisão privada, começaram a aparecer os projectos de vídeo». Desprovido de dados que lhe permitissem pronunciar-se quanto à consistência dos projectos já aprovados, por ser ainda prematuro («só dentro de oito ou 10 anos é possível um balanço efectivo»), Carlos Bessa sempre recomenda aos interessados: «Não vale a pena apostar em áreas saturadas ou com pouca inovação; evite-se a subcontratação e aposte-se na qualidade e no *design*».

Números

Com a presente edição a contabilizar 400 projectos aceites, dos quais 25 por cento apoiados e a reservarem 1,6 milhões de contos do "bolo" de 2,5 milhões, o FAIJE nas suas duas primeiras edições provocou o aparecimento de 559 projectos candidatos cujos investimentos previstos ascendiam a 9,8 milhões de contos. A realidade foi mais prosaica: 95 projectos avançaram e foram financiados em 1,3 milhões de contos.

Porto, Lisboa e Braga foram os distritos com maior número de projectos (23, 14 e 13), onde o investimento foi maior (292, 181 e 167 mil contos) e onde a criação de postos de trabalho foi mais significativa (aqui com Lisboa a ocupar o terceiro lugar: 186, 157 e 104).

Apesar de ter sido no sector de serviços que o número de projectos apoiados foi maior (20 para 17 no têxtil e 14 para "outros") foi, no entanto, ao sector têxtil que pertenceu o primeiro lugar quanto à criação de postos de trabalho (249, logo seguido pelos "outros" com 115 e os serviços com 80).

Também na rubrica do montante do investimento por sector foi o têxtil que absorveu a principal verba: 251 mil contos, após o que se seguiram os "outros" com 214 mil e os serviços com 179 mil. Fundamentado nestes números, Carlos Bessa identificou a tendência dos projectos aprovados «entrarem nos sectores onde o País já tem vantagens comparativas» e de reproduzirem o facto do tecido empresarial português não ser diversificado. Os 208 indivíduos empenhados nestes projectos situavam-se maioritariamente (51 por cento) no escalão etário dos 25 aos 30 anos e possuíam formação superior (38 por cento) ou média (40).

Note-se, por fim, que como referiu Carlos Bessa, é no Norte que se verifica mais o fenómeno da auto-reprodução da classe empresarial, através da apresentação de projectos por parte de filhos de empresários já instalados.

R.N.

ECONOMIA

A bolsa de Londres tornou-se mais dinâmica e agressiva, rejeitando qualquer intervenção da «burocracia» continental. O único concorrente credível vem das redes telemáticas mundiais

City reivindica primazia nas praças europeias

A bolsa de Londres decidiu mostrar as garras. Ao contrário do que se esperava no presente eles estão todos presentes e robustos. «Somos o único mercado de ações digno desse nome na Europa, não permitiremos que os burocratas de além Mancha nos ponham entaves com as suas visões comunitárias e dirigistas», dizem substancialmente os homens da International Stock Exchange (ISE). Para não se limitarem a fazer cara feia, há dias, chumbaram todas as propostas concernentes à bolsa paneuropeia que se discutem há anos; voltaram a frisar a sua primazia; começaram a reestruturar-se a fim de se tornarem mais eficientes e mais atraentes; prepararam uma reforma que tem o objectivo de arrancar com outros negócios nas capitais europeias.

Uma vez na vida também os senhores da City perderam a paciência. Ettore Fumagalli, presidente da Federação das bolsas europeias, encontrou-se com Andrew Hugh-Smith, presidente do ISE, para entender o que se passa. Mas a situação é clara: Londres não deixa dúvidas e quer para si todo o grande *business*. Em último caso está disposta a partilhar alguma coisa com Frankfurt, praça cortejada por todos.

O facto é que no Velho Continente começou uma luta encarniçada entre as várias praças financeiras para conquistar os grandes negócios, ou seja, o comércio quotidi-

ano das ações das sociedades mais importantes. É um embate cujas consequências passam despercebidas aos investidores italianos, porque a Itália parece estar fora de jogo. Na realidade, a Europa tornou-se o principal campo de batalha do *business* das ações. Conforme o vencedor, haverá cidades que perderão um pouco da sua importância, do seu dinheiro e dos seus postos de trabalho em favor de outras.

Londres limpa mercado

O *big-bang* de Outubro de 1986 permitiu à bolsa de Londres melhorar a sua eficiência e a liquidez, atraindo assim intermediários e investidores que encontraram na City o ambiente certo para operar em larga escala. Muitos dos negócios que anteriormente se faziam nas bolsas de Paris, Frankfurt, Amsterdão, Madrid ou Milão, fazem-se agora através do *Seaq International* onde «viajam» as contratações dos títulos estrangeiros na capital inglesa.

Só em 1988, o volume de negócios das ações internacionais na bolsa de Londres era um terço das ações britânicas; em Janeiro foi de 33 biliões de libras - um terço a mais do volume doméstico - sem contar com o mercado não oficial que passa pelo *Seaq*.

Metade dos negócios que se fazem quotidianamente sobre os mais importantes títulos franceses realiza-se em



Bolsa de Londres: os investidores internacionais preferem-na

Londres e não em Paris. Desde o Outono passado, as contratações londrinas sobre as ações mais famosas da praça vivem um incremento extraordinário de volumes e os 11 títulos italianos tratados pelo *Seaq International* representam já um quarto das trocas efectuadas na City. Começando pelos da Siemens, o ISE arrancou, às oito bolsas alemãs, cerca de um terço dos negócios dos maiores títulos alemães.

As razões deste grande poder são muitas, mas a principal reside na liquidez do mercado londrino, que consente na compra e na venda de grandes quantidades de

títulos, sem originar grandes oscilações nos preços. As principais bolsas do continente deram conta do abismo e tentam conter a perda de negócios copiando algumas reformas efectuadas por Londres. Até agora, porém, sem grandes sucessos. O problema é que a revolução dos mercados accionários está na sua fase mais activa.

Os títulos das sociedades que contam deixaram de ser um facto nacional. Nas ações Fiat, Pirelli, Olivetti não investem apenas os investidores italianos, mas também os grandes fundos institucionais da Europa, América e, cada vez mais, do Japão. E isto vale para todos os grandes nomes cotados. A excitação destes dias na bolsa alemã é alimentada por fluxos de dinheiro que chegam de todo o mundo para investir em sociedades, que, prevê-se, desempenharão um papel importante na reconstrução das economias de Leste, desde a Daimler-Benz à Volkswagen, desde Mannesmann aos três colossos químicos, até aos grandes bancos. Enfim, uma bolsa global, ou pelo menos europeia, já existe de facto. A cada momento do dia, as *investment banks* mais organizadas têm nos seus videos os melhores preços de um título nos diferentes mercados e podem decidir se convém comprá-lo em Milão, Paris, Londres ou até Nova Iorque.

Mercado único

O conflito entre as bolsas anda à volta deste mercado único dos grandes títulos. Do continente partem dois projectos. Um, Pipe, sustentado pela Federação das

Bolsas, prevê a criação de um sistema europeu de circulação das informações sobre os preços. O segundo, proposto pelo Conselho da bolsa de Paris, Régis Rousselle, é, pelo contrário, mais complexo: prevê a criação de uma lista dos 300 títulos europeus mais importantes que poderiam ser tratados indiferentemente em cada um dos mercados, mas que depois deveriam voltar à bolsa de origem na altura da efectiva transacção.

Foi a proposta francesa que deu origem aos comentários mais duros em Londres: em poucas palavras, o projecto é considerado como uma tentativa chauvinista dos franceses para fazer voltar para Paris os negócios que fugiram para Londres. O presidente do ISE, Hugh-Smith, que no passado parecia estar aberto à colaboração com os continentais, num discurso em Frankfurt chumbou a proposta de Rousselle; voltou a frisar a centralidade de Londres e delineou uma colaboração entre ingleses e alemães, eventualmente aberta à contribuição de outros. A proposta Pipe, pelo contrário, foi de facto considerada inútil. Mas no arranha-céu da bolsa de Londres, entretanto, também amadureceram alguns projectos bem mais agressivos.

Uma comissão de estudos acabou de apresentar um relatório, aceite pelo ISE, que entre outras coisas prevê explicitamente o fim das discussões actualmente em curso e o desenvolvimento de uma estratégia para afirmar o próprio domínio na faixa horária europeia. Em suma, o *Seaq International* deveria ser vendido e ul-

teriormente reforçado em toda a Europa, sem prestar atenção aos outros concorrentes.

O novo «chief executive» do ISE, Peter Rawlins, foi muito claro: «Não creio que estejamos a caminhar para uma euroestratégia aquilo que faremos é contar com as nossas próprias forças, cooperar nos casos que for possível, mas não necessariamente inventar um monte de ideias maravilhosas vindas de bolsas burocráticas e que não têm nenhum relevo para os interesses dos utilizadores».

Das palavras aos factos, Rawlins decidiu reestruturar a bolsa de Londres. Entre outras coisas, eliminou 350 postos de trabalho, de um total de 2850, para torná-la mais eficiente. Mas o seu verdadeiro medo não tem origem no continente. O desafio temido é o das redes telemáticas paralelas às bolsas oficiais. Em particular, o americano Nasdaq, o sistema de tratamento electrónico do terceiro mercado que já roubou uma enorme fatia de negócios a Wall Street. Tornou-se mesmo mais competitivo na faixa horária de Londres, onde propõe 90 títulos europeus cotados no seu sistema (muitos dos quais também pelo inglês *Seaq*). O Nasdaq tem claras vantagens pelos baixos custos, a pouca burocracia, e a velocidade de execução dos negócios à escala global. Rawlins teme que as restrições impostas pelas burocráticas bolsas europeias leve Londres a sucumbir neste desafio.

O medo reside no facto dos *investment banks* americanos, japoneses e ingleses - que afinal de contas são aqueles que estabelecem quais as praças com que convém trabalhar - decidam que o tempo das bolsas oficiais já passou e que os grandes negócios se fazem através das redes telemáticas que hoje cobrem o mundo.

Além da Nasdaq, também a Reuters se prepara para a criação duma rede internacional própria. Em Fevereiro, uma emissão de ações da Nestlé, organizada pelo Credit Suisse First Bostn, foi realizada através dos seus terminais de video. Londres mostra os músculos à Europa, mas os seus adversários são as novas tecnologias da informática que poderiam tornar inúteis, os antigos bazares chamados ISE, Wall Street, Piazza Affari, Palais Matignon.

Daniilo Taino
Corriere della Sera/«DL»
Trad: Alessandra Balsamo

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O

Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ____ / ____ / ____ Pelo período de

☐ 1 ANO	— 18 000\$00
☐ 6 MESES	— 9 000\$00
☐ 3 MESES	— 4 500\$00
☐ 1 MÊS	— 1 500\$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio: ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70\$00 cada • Mudança de endereço: 150\$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana. Sendo, para esse período, o preço de 1 850\$00. • Informação ao assinante: os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacional até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade.

Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

ECONOMIA

Não há estratégia empresarial que resista sem organização e gestão, afirma Augusto Felício, director do CEGE, que considera ser necessário trocar a filosofia da imposição pela da participação

As economias modernas têm a mão dos gestores

«A gestão assume hoje, em Portugal, uma importância crucial. Não há estratégia empresarial que resista sem gestão e sem uma organização eficaz para que ela possa ser aplicada. A empresa do futuro é a que se vai basear numa equipa de gestores competentes e assemelhar-se ao produto que fabrica. O Japão, por exemplo, desenvolveu-se pela mão dos gestores e não dos políticos», disse ao DL o economista Augusto Felício, director do CEGE, Centro de Estudos de Gestão, do ISEG, Instituto Superior de Economia e Gestão.

Para Augusto Felício, as empresas portuguesas só sobrevivem nesta década se demonstrarem poder de iniciativa, criatividade e capacidade de mudança. Mas antes disto, devem responder a um desafio: o da organização.

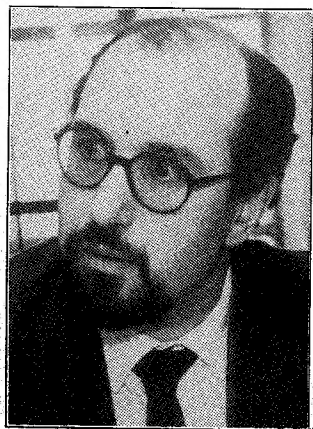
«O corpo orgânico de uma empresa é idêntico ao corpo biológico. Se as empresas não se organizarem, tal como o fizeram os holandeses, os

alemães ou os japoneses, praticando uma gestão de qualidade, com técnicos qualificados e experientes, com capacidade de criar estratégias, estão liquidadas», assegura aquele economista.

Segundo ele, outro dos factores negativos para a evolução das empresas tem a ver com a atitude passadista e castradora de muitos empresários, mais identificados com a imagem ultrapassada dos patrões ou donos do que a de empresários ou gestores modernos.

Problema de geração

«É um problema de geração. A juventude dos nossos dias, ligada ao mundo empresarial, é mais criativa e mais agressiva. Tem uma melhor concepção do meio envolvente e reconhecem que as fronteiras reais são económico-financeiras e não políticas. Temos bons gestores em Portugal, o que nos falta são grandes projectos, grandes grupos económicos, grandes empresas. Nenhum sistema moderno emerge se não



Augusto Felício: «Sem organização e gestão, nenhuma empresa sobrevive nesta década, por melhor estratégia que possua»

tiver uma ligação estreita com os empresários. Sem eles não há saídas de futuro», sublinha Augusto Felício.

Para além destas premissas, segundo o director do CEGE, a evolução económica não se concretiza se não se alterar a filosofia ocidental do gestor que é a de «impor

as suas ideias» em vez de «reunir uma equipa multidisciplinar, ouvir e só então decidir». Trata-se, pura e simplesmente, de trocar a filosofia da imposição pela da participação.

Os gestores, para aquele economista, não podem ter a atitude de pensar que «são pessoas importantes e que sabem tudo» quando saem da universidade com um diploma. Eles só sobrevivem se, após a sua colocação nas empresas, nunca perderem a ligação à escola, à formação permanente, à inovação, à aprendizagem de novas tecnologias.

A participação em seminários, em cursos de reciclagem, em conferências, em visitas de estudo, em contactos com universidades e empresas estrangeiras, é fundamental para que a vida do gestor não se transforme num drama, porque as empresas dependem dos gestores e são eles os grandes culpados de muitas delas terem acabado.

Rui Ferreira e Sousa

Filosofia do líder chega ao CEGE

A inovação está a passar pelo CEGE. Trata-se, segundo o seu director, Augusto Felício, de uma mudança radical que tem por detrás uma filosofia moderna: a filosofia do gestor enquanto líder e a da relação escola/empresa.

Teoria não basta, nem o saber académico é suficiente para o enquadramento de um gestor no mercado de trabalho. Quanto mais o aluno de gestão adquirir experiência dentro das empresas, aproveitando as vias protocolares e estágios organizados pelo CEGE, mais ele tem oportunidade de vir a ser um bom gestor.

Por outro lado, maior será a sua hipótese de vir a colocar-se profissionalmente depois dos quatro anos de curso e do mestrado. As empresas cada vez mais seleccionam os seus quadros de acordo com a experiência técnica deles. E, de entre eles, escolhe os melhores. Se os alunos tiverem passado pelas empresas e forem reconhecidos como interessados e minimamente competentes, então a sua escolha estará, à partida, praticamente feita.

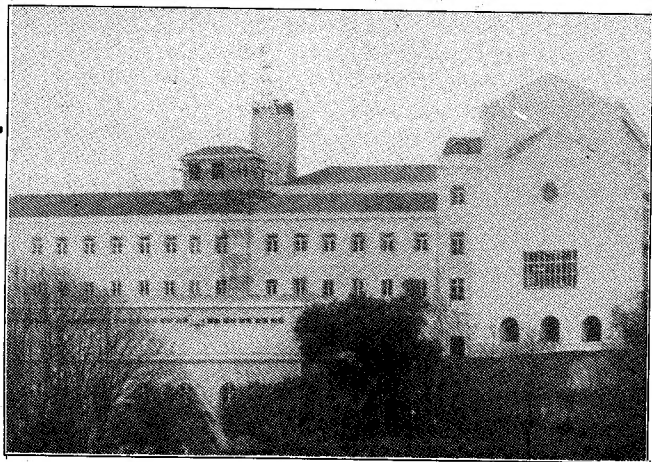
Ter credibilidade

«O gestor tem que ser um líder, ter credibilidade e conseguir que lhe seja reconhecida autoridade. Além disso, tem que ter vantagens comparativas, ser sensível, humano e, sobretudo, deve possuir uma visão estratégica da realidade empresarial, uma cultura alargada em todas as áreas da empresa para poder discutir com os outros espe-

cialistas», salienta Augusto Felício.

E é esta dinâmica que o CEGE ainda não conseguiu, mas está a caminho de o conseguir, assegura o respectivo director. Dentro de dois meses, aquele Centro de Estudos de Gestão vai ficar com uma gestão própria, independente do ISEG, o que lhe vai permitir ultrapassar barreiras orgânicas criadas ao longo do tempo e aproximar definitivamente a escola da empresa.

Para Augusto Felício, urge trazer



Ensino de Gestão vai revolucionar o ISEG, assegura director do CEGE

também o empresário à escola para que a sua experiência e necessidades sejam compreendidas pelos alunos. Este intercâmbio não será difícil pois muitos dos 250 professores de gestão trabalham também em empresas e o CEGE participa com elas através de projectos e análises económico-financeiras.

«Trata-se de um processo que vai revolucionar o ISEG», afirma Augusto Felício, frisando que o critério de escolha dos empresários convidados se baseia sobretudo no «sucesso que as suas empresas obtiveram».

«É um processo em que o CEGE participa através de uma formação intra e inter empresas, com um multiplicidade de cursos que vão da Análise Financeira ao Direito, da Contabilidade Analítica à Organização Empresarial e à Estratégia e Gestão», explica aquele economista.

Um problema que se põe é a saída profissional dos alunos dos ISEG.

A conjuntura actual indica que existe mais procura do que oferta na área da gestão, mas dentro de três ou quatro anos a realidade será outra. Assim pensa o director do CEGE.

«Os muito bons e bons não terão problemas. As próprias empresas sabem quem eles são e onde estão. Para os outros, o mercado de trabalho não será tão promissor. Mas tudo depende da dinâmica empresarial que se verificar no nosso país e do desenvolvimento deste em relação à Europa», acrescenta.

Como refere ao DL, «as empresas portuguesas, para competir, precisam dos melhores técnicos saídos das universidades. E são elas próprias que os vão seleccionar, são elas que vão buscar a nata, esta é a realidade».

R.F.S.

L I V R O S



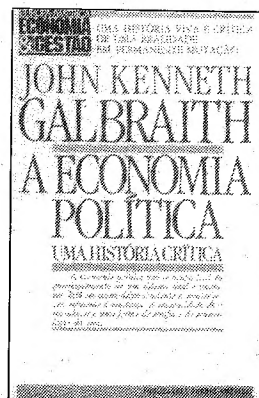
A crise económica - qualquer crise económica - é sempre assunto de estudo. Foi o que fez António Mendonça, neste seu livro. Escolheu o tema, como afirma, por duas razões fundamentais, uma relacionada com a importância do fenómeno em si mesmo, por se reflectir em todos os domínios da sociedade, com consequentes transformações e, noutra perspectiva, pelo modo como o fenómeno se reflecte no plano da teoria económica.

Se, na primeira abordagem, trata da importância objectiva da crise, na segunda analisa como os grandes momentos de crise se encontram associados ao aparecimento de novas correntes teóricas que equacionam concepções até aí dominantes. É, como define o autor, a importância teórica da crise.

Quanto a esta obra, é bom recordar outra afirmação, que lembra que «o reconhecimento da existência objectiva da crise não tem sido uma questão fácil para a teoria económica dominante. Entre o domínio do princípio da impossibilidade da crise, na linha das posições de Say e de Walras, e o domínio do princípio da sua evitabilidade, na linha de posição de Keynes, produziu-se historicamente um movimento de vaivém».

Este movimento teve os seus grandes momentos de crise em 1929 e em 1974-75, que constituíram pontos de viragem, embora sempre com a presença da negação da crise como fenómeno ligado ao funcionamento da economia capitalista. O livro é isso: uma investigação sobre a crise deste tipo de economia.

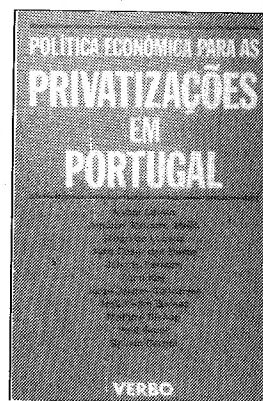
A Crise Económica e a Sua Forma Contemporânea - António Mendonça - Editorial Caminho



A economia política não se ocupa, diz Kenneth Galbraith, do aperfeiçoamento de um sistema final e imutável, antes está em acomodação constante e, frequentemente, relutante à mudança, sendo a incapacidade de o reconhecer uma forma de atrofia e de acumulação do erro. Neste livro surgem os juízos éticos que se conservam das economias doméstica e escravagista grega, do pensamento bíblico e do mundo feudal que reporta a Tomás de Aquino, dos filósofos franceses pré-revolucionários e dos mercantilistas dos primórdios do capitalismo

moderno. É Adam Smith a examinar as primeiras fases da vida industrial moderna e Marx a reagir ao capitalismo do século passado. Como complemento, Keynes, a Grande Depressão e o moderno Estado-providência.

A Economia Política - Uma História Crítica - John Kenneth Galbraith - Europa América



As privatizações estão na ordem do dia. Não só em Portugal, mas numa Europa em vias de transformação, onde o processo não só é desconhecido das economias planificadas, como parece complexo para além do imaginável. Na maioria dos Estados o discurso político não resiste a abordar essa questão. Portugal não é excepção e, em tempo oportuno, muitas são as intervenções e análises sobre o tema. Em tempo de transferência das empresas do sector público para o privado, eis onze autores a abordar o que é hoje, para o Poder, peça-chave em matéria de política industrial e financeira. Exemplos estrangeiros a par da realidade nacional, é o que nos traz esta obra, coordenada por António Sampaio Mello e Diogo de Lucena.

Política Económica para as Privatizações em Portugal - Verbo Editora

Encontro no Estoril reúne especialistas de todo o mundo

Resseguradoras analisam evolução do mercado

Os seus promotores esperam que a actual edição tenha tanto ou mais sucesso que as edições anteriores. Trata-se do III Encontro de Resseguros, que desde ontem e até quinta-feira decorre no Estoril, numa organização da Companhia Portuguesa de Resseguros. Esta acção insere-se, conforme afirmou ao DL o presidente do conselho de administração da CPR, José Casa Nova, «na continuação da manutenção da imagem da companhia e do prestígio de Portugal no sector».

No encontro vão ser debatidos, à semelhança do que tem acontecido noutras reuniões semelhantes, os problemas e as possibilidades dos resseguros, tendo em consideração que «quando é oferecido um negócio o interlocutor tem de ter, quanto ao proponente, o conhecimento e confiança indispensáveis», conforme palavras de Dias Afonso, nomeado pela Fidelidade para o C.A. da CPR.

Esta questão é referida pelos representantes da CPR, tendo Manuel Frazão de Faria,

administrador-delegado da companhia, afirmado que, «dado haver confiança mútua entre as empresas internacionais, muitas vezes basta um telefonema para desbloquear uma questão, mesmo sem troca de papéis».

No encontro agora a decorrer no Estoril estão presentes cerca de 350 participantes de 23 países, com destaque para os delegados dos Estados africanos lusófonos. Globalmente representam perto de 140 entidades do sector de seguros. Objectivo dos promotores, conforme afirmado, é lançar o alerta para o facto de Portugal estar numa fase de adopção e de adaptação às normas comunitárias e promover o resseguro enquanto tal.

Segurar o seguro

A actividade da Companhia Portuguesa de Resseguros, conforme afirmou o presidente do C.A., nomeado pela Mundial Confiança, insere-se numa actividade internacional, aceitando resseguros nos mercados

nacional e estrangeiro, o que representa cerca de 80 por cento do volume de negócios da empresa, sendo os resseguros aceites quer aos próprios accionistas quer a companhias que operem no País.

A CPR é a única companhia resseguradora nacional. Foi criada em Setembro de 1979 com a fusão de cinco resseguradoras nacionalizadas, tendo inicialmente nascido como empresa pública, passando a sociedade anónima de capitais públicos em 1983. Foi então que o seu capital passou de 250 mil contos para 1,25 milhões de contos.

Como accionistas de então estavam um fundo autónomo de seguros e as empresas públicas existentes na altura - Fundo de Garantia Automóvel, Açoreana, Aliança, Bonança, Cosec, Fidelidade, Império, Mundial Confiança e Tranquilidade, composição que se mantém, apesar se encontrar em curso o processo de privatização de algumas das seguradoras accionistas. Este processo originou que



José Casa Nova: «Interlocutores têm conhecimento e confiança mútuos»

PAINEL: BALANÇO SOCIAL DA EMPRESA ANÁLISE E PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

Lisboa Penta Hotel — 5 Junho 90

PROGRAMA

09.30 — Abertura do Secretariado

10.00 — Tema 1: **O Balanço Social como Instrumento de Informação e Concertação Social**

- O Papel do B.S. no Sistema de Estatísticas Sociais
- O Papel do B.S. na Acção Sindical

11.00 — Pausa / Café

11.20 — Tema 2: **O Balanço Social como Instrumento de Gestão**

- Prática do B.S. numa Empresa Industrial
- Prática do B.S. numa Empresa Comercial
- Prática do B.S. numa Empresa de Transportes
- Prática do B.S. numa Empresa Financeira

13.00 — Almoço / Reunião «Think-Tank»

15.00 — Tema 3: **Uma «Bolsa de Ideias» para o Balanço Social**

- Recolha e apresentação sumária da «Bolsa de Ideias» gerada na reunião «Think-Tank»

15.40 — Tema 4: **Perspectivas de Desenvolvimento do Balanço Social**

- O B.S. na Investigação em Ciências Sociais
- O B.S. na Auditoria Social
- O B.S. na Administração Pública (Autarquias)

16.45 — Pausa / Café

17.00 — Encerramento do Pannel pelo Secretário de Estado do Emprego e Formação Profissional

Organização de



CEDES

CENTRO DE DIAGNÓSTICO E ESTUDOS SÓCIO-ECONÓMICOS

Colaboração de especialistas representativos das seguintes entidades: Departamento Estatística do Ministério do Trabalho, Gabinetes de Estudos de CGTP-IN e UGT, Portucel, Modelo, Caminhos de Ferro Portugueses, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, ISCTE, Associação Portuguesa de Gestores e Técnicos de Recursos Humanos.

Informações / Inscrições: CEDES — Relações Públicas
Dr.ª Joaquina Churro — Tel. 396 16 03
Travessa do Patrocínio, 8-3.º Esq. — 1300 Lisboa

a Fidelidade fosse transformada em sociedade anónima, passando a integrar, juntamente com o BNU, o grupo financeiro do Estado liderado pela Caixa Geral de Depósitos, enquanto a Aliança e a Tranquilidade foram transformadas em sociedades anónimas com 49 por cento do seu capital privatizado e a aguardar a privatização do restante.

Por seu lado, a Cosec passou a sociedade anónima de capitais públicos, integrando, com o Banco Borges e Irmão, o grupo estatal encabeçado pelo Banco de Fomento e Exterior, estando em fila de espera a definição quanto ao futuro das restantes companhias.

Afirmou José Casa Nova ao DL que «as privatizações não terão influência directa no resseguro. A capacidade de retenção da CPR poderá ser diferente, consoante o grupo económico que dominar as seguradoras participantes, mas a sua intervenção e credibilidade não serão afectadas».

Futuro sem problemas

O futuro da CPR, acrescenta José Casa Nova, «dependerá da sua dinâmica» e a abertura ao Mercado Único, em 1993, não irá alterar o processo em curso, que teve o seu «início real em 1974». Destaque para o facto de que a companhia continuará a ter a maioria do seu capital detido pelo sector público, através do Fundo de Garantia Automóvel, actualmente possuidor de cerca de 60 por cento do total, pelo que a

privatização das restantes companhias se traduzirá numa «privatização indirecta».

O facto de, no encontro do Estoril, se encontrarem presentes as principais resseguradoras do «ranking» mundial traduz, pelo número e qualidade, segundo José Casa Nova, o reconhecimento da importância desta reunião, «em sucesso consecutivo e aumentado» desde a primeira edição.

Durante quatro dias, de 28 a 31 de Maio, representantes de companhias portuguesas e estrangeiras e de «brokers» de todo o mundo encontram-se, num único local e em pouco tempo, de forma a estabelecerem contactos de negócios entre si.

Estoril, à semelhança do «rendez-vous» de Monte Carlo, em Setembro, da reunião de Baden-Baden, na RFA e dos encontros do «Reinsurance Office Association», visa permitir que as companhias portuguesas estabeleçam contactos entre si e com a maioria dos seus resseguradores. É um encontro que se realiza de dois em dois anos e, segundo os seus promotores, tem cada vez mais divulgação e importância.

Dividir os riscos

O utilizador habitual conhece, até por experiência, o seguro. De vida, de risco, automóvel, contra terceiros. E tantos outros. A maioria desconhece que as próprias companhias dividem entre si o próprio seguro. Embora actuando num mercado competitivo, não podem

deixar de estar interligadas.

Acontecimentos recentes em Portugal podem dar uma ideia da actividade. Basta, para tanto, falar do incêndio do Chiado ou de um mais avultado assalto a um banco. As companhias portuguesas envolvidas estão, por seu lado, resseguradas noutras internacionais enquanto que o inverso se regista em relação a empresas nacionais.

Um mundo circunscrito onde, para além da análise de mercado e da gestão correcta da actividade, vence igualmente, segundo dito ao DL, «o diálogo, o conhecimento e a confiança mútuos».

O encontro do Estoril, embora mais restrito que os seus congéneres internacionais, pretende debater e analisar temas respeitantes especificamente ao mercado nacional de seguros e resseguros. No decurso das suas sessões, especialistas debatem a economia portuguesa e o mercado de seguros e resseguros, para além de temas mais técnicos, nomeadamente os seguros de risco de informática, construção, vida e transmissão de dados entre seguradoras.

Será, segundo José Casa Nova, «de grande interesse para a indústria seguradora e resseguradora, dado que o país atravessa uma fase de transformação que visa a adaptação a normas comunitárias, estando num período de liberalização, consubstanciada por uma liberalidade de preços e pela privatização das principais companhias do sector».

A.H.